

REVISTA DA SEMANA

Nº 47 ★ 25-11-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **FIGURINOS DE VERÃO – CASADOS E SOLTEIRÕES DO RADIO – FENOMENOS ESPIRITAS OU NATURAIS? – SETE DIAS EM BUENOS AIRES**



AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL — APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

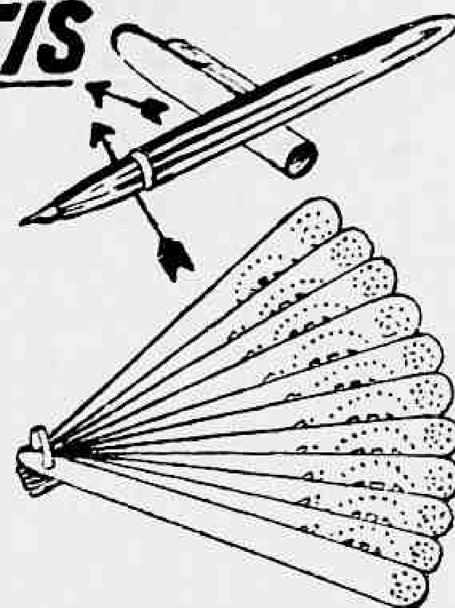
GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata, com gravação de um verso religioso

CASAS ROULIEN

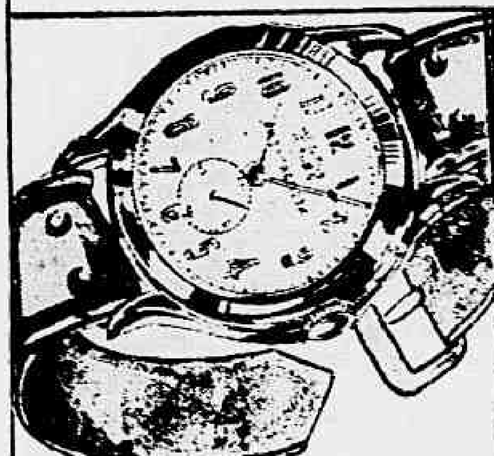
Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950. por precode reclame.

GRATIS



Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artistico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho.

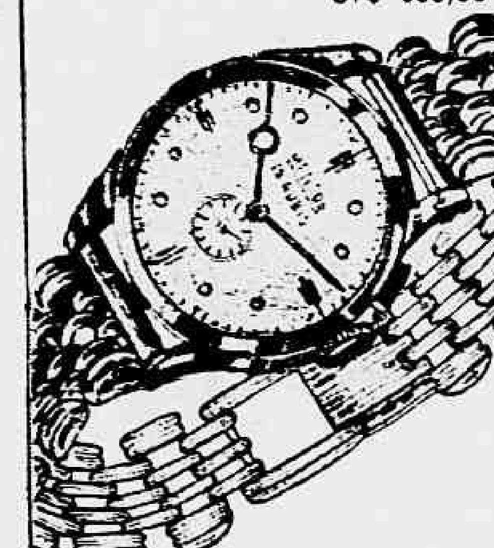
Compre para V.S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.



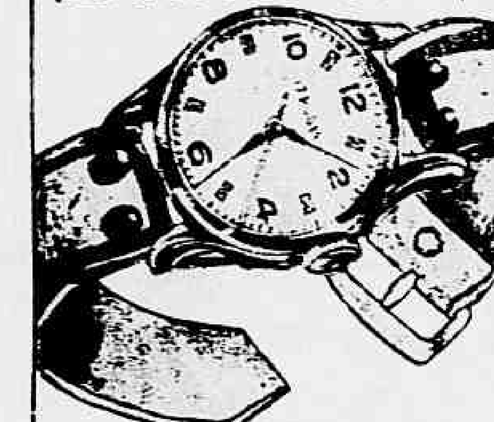
24188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica, fundo de aço, anti-magnetico e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



24189 CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



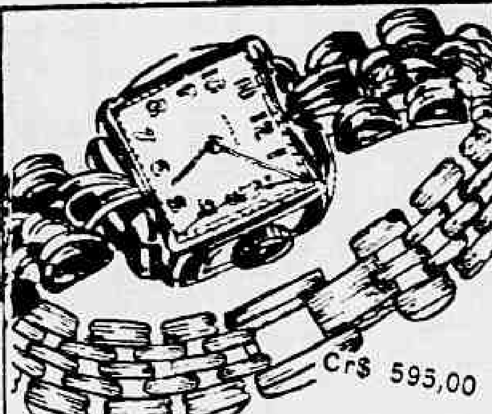
24187 SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada, com fecho de graduação. Linda jóia. APROVEITEM! Cr$ 425,00



24161 EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00



24191 DESLUMBRANTE relógio THUSSI, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia — Cr$ 575,00

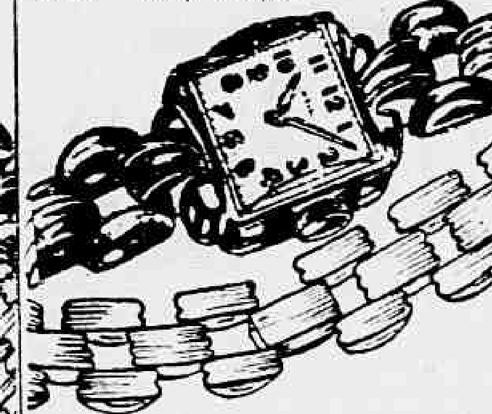


Cr$ 595,00

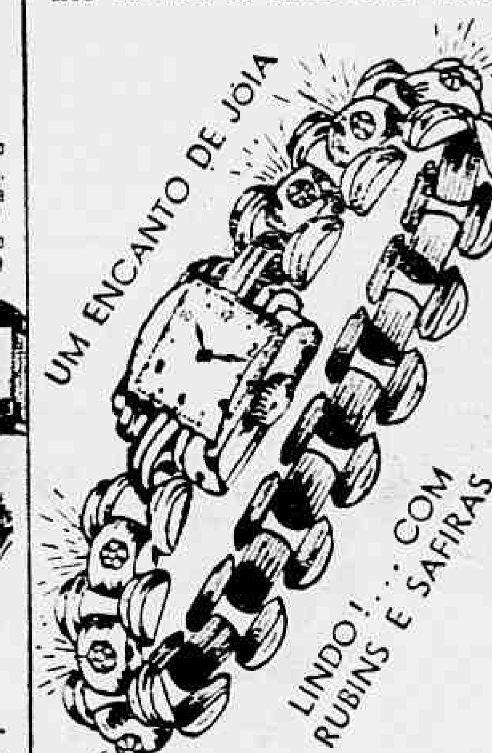
24186 SENSACIONAL!.. MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada. Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



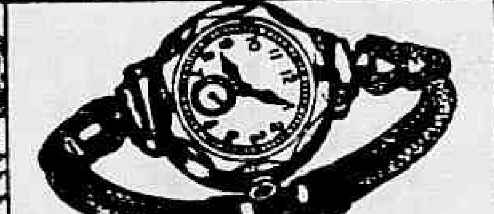
24185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



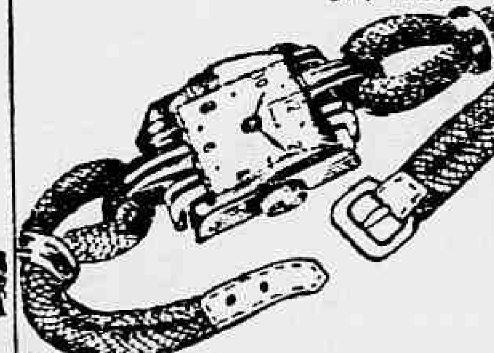
24111 LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Envienos medida do pulso. Cr$ 489,00



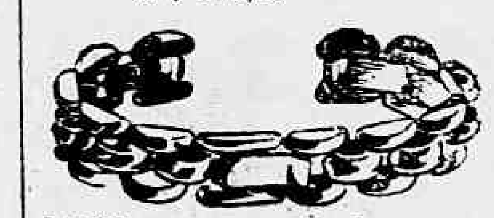
24184 DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações. Cr$ Cr$ 655,00



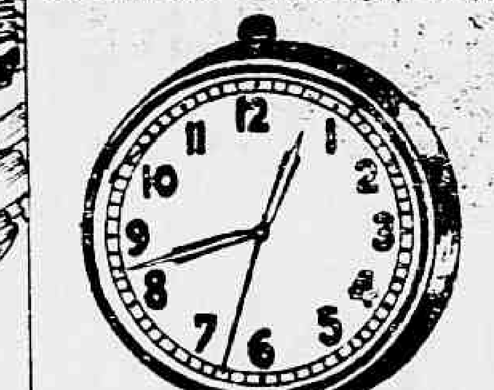
24139 Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ Cr$ 198,00



24183 MARAVILHOSO, ANTI-MAGNETICO, para senhora, Suiço ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



24180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Envienos a medida do pulso. Cr$ 133,00



24144 — DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



24099 ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça - Cr$ 125,00

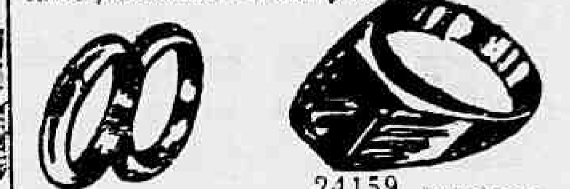


24100 DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



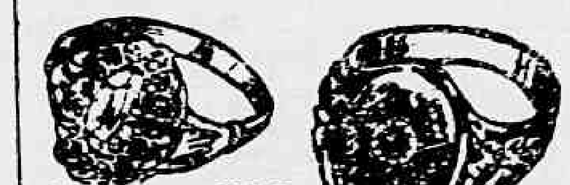
24174 ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro — Cr$ 110,00

MEDIDAS PARA ANEIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



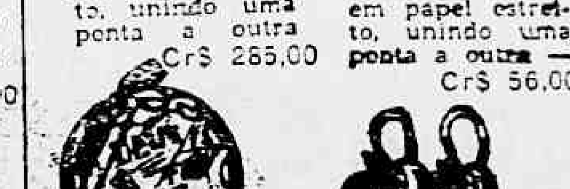
24172 ALIANÇAS de ouro 18 quilates, largas Cr$ Cr$ 101,00 Par Cr$ 195,00

24159 DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo



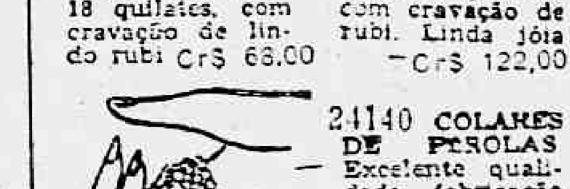
24165 — LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 265,00

24162 ANEL em prata de lei, com a estrêla da República em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00



24163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00

24170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia — Cr$ 122,00





24140 COLARES DE PEROLAS — Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legitimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00

24141 Com duas voltas Cr$ 89,00

24142 Com três voltas Cr$ 136,00



24107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00

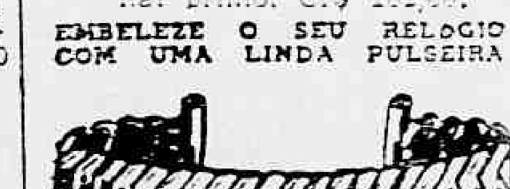


ACEITAMOS REPRESENTANTES IDONEOS E COM OTIMAS REFERENCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.



24203 — DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00.

EMBELEZE O SEU RELOGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



21167 — DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeirissima qualidade — Cr$ 95,00



24192 — DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia Cr$ 172,00

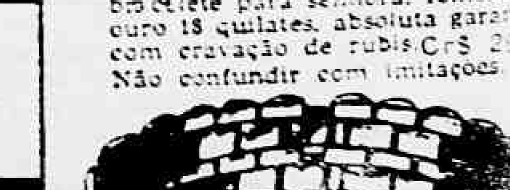


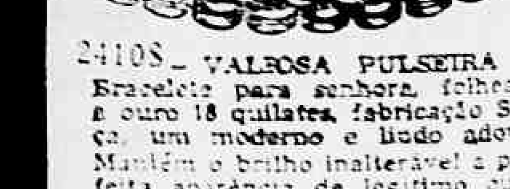
24169 — BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JOIA.



24693 — MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia com cravação de rubis Cr$ 29[illegible] Não confundir com imitações.





24108 — VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável a perfeita aparência de legitimo ouro Com cinco voltas .... Cr$ 295,00

As **CASAS ROULIEN** Garantem aos seus fregueses, preços minimos, qualidade, remessa rápida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. **PEDIDOS AS CASAS ROULIEN** Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 1.° e 2.° Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - **TEL. 49-0419**

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo ha mais de 15 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUESES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM A DOMICÍLIO — FONE 49-0419

O SINO DO PÔRTO DA RAIZ



TODOS nós nos criamos, crescemos e morremos sob efeitos de crendices e superstições. No nordeste do Brasil nenhuma dona de casa varre o lar à noite, para não botar a felicidade de portas a fora.

Quando um "rasga-mortalha", ave noturna comedora de ratos e cobras, solta o seu canto rouquenho e triste, é sinal de que vai morrer gente na casa sôbre a qual a coruja voou. Não há quem consiga retirar do espírito dos contemporâneos êsse profundo sentimento de crenças e superstições que já vêm de gerações passadas. Quando a gente procura contestar, mostrando que tudo isso não passa de invencionices, os crédulos sustentam a tradição e citam fatos probatórios. A cidade alagoana de Pôrto Calvo é rica em assuntos dessa natureza. Velho aglomerado humano, famoso nas crônicas da guerra contra os holandeses que ocupavam Pernambuco, a cidade em que foi enforcado Calabar é um museu de recordações do passado, um relicário de tradições avoengas de indizível beleza. Contam que no fundo do rio Manguaba que banha a cidade, há muitas riquezas jogadas ali pelos jesuítas, quando da luta entre hispano-lusitanos, brasileiros e holandeses. Há um local chamado "Pôrto da Raiz", que é mal-assombrado. À meia-noite em ponto ouve-se o toque de sino a sair das águas escuras e sinistras, indicando gente morta a penar os pecados cometidos na terra. Uma noite, quando estavam diversas pessoas a palestrar sôbre tais coisas, num bilhar da cidade heróica, um dos presentes contestou a tradição e disse que, se encontrasse um companheiro corajoso, êle iria até ao "Pôrto da Raiz" a fim de verificar se era mesmo verdade essa história do sino da meia-noite. A palestra se tornou acesa entre os presentes. Uns acreditavam, outros achavam que aquilo era história da carochinha. Mas como tirar a limpo? Só mesmo indo até ao local citado. O rio Manguaba passa ao sopé do monte em que está edificada a cidade. Fica distante do centro e das ruas principais. E' descampado, êrmo o local onde está o "Pôrto da Raiz". Mas, como era preciso aceitar o desafio do companheiro que contestava a versão do mal-assombrado, dois comparsas se puseram à disposição.

Iriam naquela mesma noite tirar as provas reais. Juntou gente. Todos queriam ver em que dava a audácia. Dois eram crentes, um dêles, negava o fato que atravessava as gerações. Às onze e meia saíram. O que negava era um caboclo afoito, solteiro, capaz de dormir em cemitérios sem benzer-se. Os outros dois eram casados. Quando as respectivas espôsas souberam da façanha, protestaram. O que êles queriam era ir a algum forrobodó aí pelos engenhos. Mas terminaram convencidas. Apesar de fazerem ver o perigo que corriam, êles foram. As mulheres ficaram rezando para protegê-los contra as artimanhas do tinhoso e pedindo a Deus que os protegesse. Diziam os antigos que várias pessoas que procuraram desencantar o sino que tocava debaixo das águas, foram convertidas em carvão...

Todo mundo se interessou pela expedição dos três mosqueteiros animosos. Êles desceram desacompanhados a ribanceira principal que ia dar no "Pôrto da Raiz" e se acercaram cuidadosamente da margem do rio. O silêncio era completo. De quando em quando um peixe dava uma rabanada à flor das águas. Os grilos cri-crilavam atraindo suas amadas ao aconchego das moitas de muçambê. Lá em cima no alto da colina, uma ou outra luz mortiça denunciando a presença de gente acordada.

De instante a instante o mais afoito olhava para o relógio. Onze e quarenta... onze e cinquenta... onze e cinquenta e cico... e seis... e oito... MEIA-NOITE!

Os corações opressos, a respiração ofegante, todos um tanto aflitos, prestaram atenção, fitando ouvidos como quem está a receber mensagens do Além. Súbito, o som roufenho de um sino a sair das profundezas do perau escuro! Blem! Blam! Blem!...

Como se estivessem unidos por um só pensamento, pularam para o caminho e chisparam em desabalada carreira ladeira a cima em direção à cidade. E o sino atrás a badalar sinistramente: blem! blam! redeblem!... Gritando e pedindo misericórdia, os três profanadores do rio misterioso, ofegantes, exaustos, cabelos arrepiados, olhos de loucos, iam exclamando: "Corram! O sino vem aí! Misericórdia!"

A multidão tumultuava, mulheres choravam, meninos berravam, homens se ajoelhavam já ouvindo o sino a tocar na perseguição aos audaciosos que o foram despertar do seu sono de séculos, numa provocação que merecia os castigos do céu! E o sino vinha mesmo subindo a ladeira: blem! blam! redeblem! alarmando todo mundo e causando chiliques às pessoas mais nervosas. O alvorôço era geral e o povo se dispertava como formigueiro em presença do tamanduá. Quanto mais se aproximava o ruído do sino, mais angustiosa era a sensação dos que colocavam a curiosidade acima do terror supersticioso. E quando o pânico estava no auge e os três maratônicos caíam de joelhos pedindo perdão a Deus, um grito partiu da multidão:

— Minha cabra!

Era o Chico Lobisome. Correndo para o animal que lhe escapara da corda no pasto, desde o dia anterior, agarrou-o pelo cotoco de corda, esquecido da tragédia daquela noite e dando graças a Deus, exclamava: "Ó xente! E eu nem reconheci o chocalho da 'graúna'!"

RENATO DE ALENCAR

REVISTA DA SEMANA
ANO LI ★ Nº 47 ★ 25-11-50

Redater-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇAO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisbua. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

AS DUAS CRIANÇAS DE ANCONA



ACABA de passar pelo Rio o vapor italiano «Santa Cruz», com a «Estafeta Tricolor». Que significa essa denominação? Sua história, leitor, é das mais pungentes. No dia 16 de outubro de 1943, a cidade de Ancona, Itália, sofreu pela primeira vez pezadíssimo bombardeio aéreo. Passada a tormenta, dentre os escômbros onde jaziam esmagadas e estraçalhadas centenas de pessoas, foram encontradas duas crianças abraçadas no mais emotivo dos amplexos: a despedida para a morte. Uma de cinco anos, Giafranco; a outra, de dois anos apenas de nome Ariodande Baldini. Eram irmãos. Sua mãe, Maria De Rosa, acorrera para protegê-las contra o bombardeio, mas também encontrou a morte antes de beijar os filhos pela última vez. Quando retiraram de sob as ruínas aquêles dois corpinhos inocentes, os seus conterrâneos imaginaram fundar sob a invocação de «I due Fanciulli di Ancona» uma instituição para proteger os menores mutilados pela guerra. Deram então o nome de «Estafeta Tricolor» à embaixada que ora passa pelo pôrto do Rio, com direção a Buenos Aires, onde a espôsa do Presidente Peron encabeça um movimento caritativo e humanitário para a construção de uma Casa sob o nome de «As Duas Crianças de Ancona», em memória das duas crianças trucidadas a 16 de outubro de 1943 pelo bombardeio aéreo. Não sòmente Buenos Aires, como tôdas as capitais do mundo terão, em futuro próximo, as suas «Casas das Duas Crianças de Ancona», destinadas à reeducação dos pequenos mutilados pela última catástrofe mundial.

11 DE NOVEMBRO



A 11 de Novembro de 1918, os exércitos de Guilherme II depunham as armas e se entregavam incondicionalmente aos comandantes das tropas aliadas, firmando-se o armistício que punha têrmo à primeira grande guerra. De então para cá, não esteve o mundo em paz. Revoluções, guerras parciais, disputas internacionais perigosas, ameaçadoras de tranquilidade mundial têm surgido e continuam a surgir para aflição de quantos precisam de paz para trabalhar e produzir. Mas, todos os anos, a Associação dos Antigos Combatentes Franceses promove várias manifestações para rememorar a grande data. Da manhã à noite, a Associação se mantém na maior atividade, rendendo seu preito de inesquecível lembrança a quantos se tornaram heróis da luta contra os chamados «Impérios Centrais». Dentre as homenagens há algumas de tocante emotividade. A que recorda a figura lendária do Rei Alberto dos Belgas, é uma delas. Junto ao seu busto os associados e amigos do grande soberano, expressarão as simpatias imorredouras pelo que fez contra a selvageria germânica na invasão de sua pátria. Depois, outra solenidade que emociona o coração dos brasileiros é a romaria ao cemitério de S. João Batista, reverenciando a memória dos marinheiros mortos em Dakar. Os soldados portuguêses se unem ao programa de nossas homenagens e recebem a significação de nosso carinhoso recolhimento nêsse dia de saudade. Os soldados da França, também exaltados pelas recordações do povo brasileiro, são reverenciados. A noite, baile no «Automóvel Clube», em regozijo à data do armistício.

DEFENSORES DO POVO



EM todos os Estados do Brasil, ou, pelo menos, em sua maioria, os legisladores municipais e estaduais estão procurando aumentar seus subsídios e ajudas de custo. E' isso que se deduz através do noticiário que a imprensa divulga quase que diàriamente. Mas, para salvar a situação, também surgem resistências que muito recomendam os seus defensores. Agora mesmo o Prefeito de Goiania, capital de Goiás, Sr. Venerando de Freitas Borges, vitorioso pela colligação PSD--PTB-PSB, declarou que não está de acôrdo com a pretensão dos futuros membros da Câmara Municipal daquela cidade, os quais pleiteiam o aumento de duzentos por cento os subsídios atuais dos vereadores. Falando à imprensa o sr. Venerando manifestou sua estranheza pelo movimento que se está processando nos bastidores do legislativo municipal, e disse ainda que, de forma alguma aceitará também o aumento de oitenta por cento que se pretende fazer em seus subsídios como governador da cidade. No mesmo dia em que líamos isso, divulgava a imprensa os grandes aumentos de subsídios de Governador, Vice-governador e dos deputados estaduais fluminenses, segundo os quais, o chefe do executivo do Palácio do Ingá, passará a ganhar 30 mil cruzeiros mensais, de 15 mil, os senhores deputados, em igualdade de condições com o vice-governador, que, até agora, percebia dez mil. Não queremos discutir os méritos dos senhores dirigentes do legislativo e administração do Estado do Rio; mas, que o exemplo que nos vem do Município principal de Goiás é muito mais belo, não tenhamos dúvida. Todos os que se candidatam para tais cargos, juram que vão defender aos interêsses do povo... Pois sim!

ALGEMAS



O jornal «A NOITE» acaba de levantar um debate muito interessante. E' permitido, perante o nosso Direito Penal, usar algemas contra presos? O caso teve início em São Paulo, onde, recentemente, a polícia usou de algemas num prêso. Como sabemos, nossos costumes não têm seguido o uso de outros países a êsse respeito. Sòmente nos Estados Unidos, Inglaterra e outras nações da Europa, é o uso das algemas uma cousa corriqueira. O cinema e os romances policiais nos falam e mostram isso a todo instante; mas, no Brasil, o uso dêsse aparêlho cerceador da liberdade de movimento, é cousa muito antiga, de antes da República. Dizem que a algema faz recordar a vida dos escravos, a época do absolutismo, quando o povo ainda não podia dirigir-se na vida sob maiores garantias. Na atualidade, o emprêgo das algêmas é absolutamente desconhecido de nossa polícia. Mas, com o seu re-aparecimento agora em S. Paulo, a imprensa levantou o caso e o vespertino «A Noite» ouviu alguns juristas, dentre eles o Prof. Lemos Brito que esplanou seu pensamento em tése, mostrando que, tendo a Constituição abolido os castigos corporais e o nosso Código Penal condenado que se empreguem nos sentenciados medidas que ofendam sua «dignidade de homem», é claro que, em nosso país, sòmente em casos excecionais poderia ser adotada ou empregada a algema. O dr. Evandro Lins e Silva, porém, acha que de maneira alguma devemos usar de algemas para manter os presos em inatividade ou proibidos de fuga ou de reação. E' a voz de um criminalista. E o caso merece debate, pois se trata de assunto de Direito.

A PERSONAGEM DA SEMANA

MAIS uma vez a América do Sul se tinge de sangue por motivos políticos e entra na história dos mártires do partidarismo, o nome do coronel Carlos Delgado Chalbaud, presidente da Junta Militar da Venezuela, assassinado às oito horas e meia da manhã do dia 13 de novembro do 1950. O regime atual reinante naquele país é o de uma ditadura, desde que em 1948 fôra derrubado por um golpe militar o govêrno da Ação Democrática de Rômulo Gallegos. Em 1945, ocupara o assassinado de agora o cargo de ministro da Guerra, logo após a queda do govêrno do general Medina, contra o qual formara com outros militares e o apeara do poder. Membro da Junta Revolucionária, manteve-se com idéias próprias em face do govêrno Gallegos, até que o viu cair, tendo assumido a chefia do poder como Presidente da Junta Militar que presidia aos destinos da Venezuela. Apesar dêsse estado de confusões e choques político-partidários, o coronel Carlos Delgado Chalbaud estava firmemente resolvido a fazer voltar o país ao regime constitucional, tendo prestigiado o Estatuto Eleitoral que iria disciplinar as novas eleições esperadas para muito breve. Era o coronel Chalbaud, um homem de 42 anos, tendo feito o curso de engenharia na França e o militar na Escola de seu país. Estudioso dos problemas de sua classe, voltou à França onde aperfeiçoou os seus conhecimentos de guerra. Filho de um revolucionário, o general Delgado Chalbaud, o coronel Carlos tomou parte ativa na luta contra o Presidente Gomez, tendo participado do desembarque nas costas da Venezuela, organizado por seu pai. Essa tentativa fracassou e os insurrectos foram desbaratados e morto o chefe, general Delgado Chalbaud. O espírito público do país não tem gozado de tranqüilidade nestes últimos dez anos, alternando-se a situação entre a legalidade e os golpes militares, sem que a Venezuela consiga estabelecer um govêrno estável. As notícias vindas de Caracas, sua capital, ainda não contribuem para ter-se uma idéia clara e definitiva dos motivos que levaram os assassinos do coronel Chalbaud. Sabe-se apenas que era grande o grupo dos assaltantes que atiraram na vítima dentro do seu automóvel, tendo sido prêsos alguns, dentre êstes o chefe presumível, general Rafael Urbina.


Coronel Carlos Delgado Chalbaud

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — O POLVO É MOLÚSCO:
Cefalópode?
Bivalvo?
Acéfalo?

2 — O QUE SIGNIFICA **PRETÉRITO**:
O que vai suceder?
O tempo atual?
O que já passou?

3 — O VERBO QUE NÃO PRECISA DE PREPOSIÇÃO PARA COMPLETAR O SENTIDO É:
Transitivo?
Relativo?
Incoativo?

4 — QUE É A LULA:
Um animal dos Alpes?
Um peixe?
Uma espécie de mosquito?

5 — ONDE VIVERAM OS PRIMEIROS ANIMAIS VERTEBRADOS:
No ar?
Na água?
Na terra?

6 — QUE QUER DIZER **GIRINO**:
Filhote de sapo ou rã?
Girafa pequena?
Larva de borboleta?

7 — A BALEIA É:
Molusco?
Anfíbio?
Mamífero?

8 — QUE SIGNIFICA **MACACO ANTROPÓIDE**:
O que se alimenta de frutos?
O que não tem cauda?
O que vive em antros?

9 — QUAL O PONTO CULMINANTE DA AMÉRICA DO NORTE:
O monte Mac Kinley?
O Santo Elias?
O Whitney?

10 — CUBA FICA:
Nas grandes Antilhas?
Nas pequenas Antilhas?
No Continente Americano?

11 — QUAL A ÁREA DA GROENLANDIA:
800 mil quilômetros quadrados?
2 milhões?
1 milhão e cem mil?

12 — QUAL A MAIOR CIDADE DOS ESTADOS UNIDOS DEPOIS DE NOVA YORK:
Chicago?
Filadelfia?
Detroit?

13 — QUAL O MAIS IMPORTANTE RIO DA EUROPA EM NAVEGAÇÃO:
O Danúbio?
O Reno?
O Tejo?

14 — QUAL O MAIOR RIO DA EUROPA:
O Volga?
O Sena?
O Tâmisa?

15 — QUAL A EXTENSÃO DO LITORAL BRASILEIRO, EM QUILÔMETROS:
Dez mil?
7.200?
8.500?

16 — EM QUE DATA FOI PROMULGADA A PRIMEIRA CONSTITUIÇÃO REPUBLICANA DO BRASIL:
15.11.1889?
24.2.1891?
7.9.1892?

17 — QUANTAS PASTAS MINISTERIAIS OSUPOU RUY BARBOSA NA PRIMEIRA REPÚBLICA:
Uma?
Duas?
Três?

18 — COMO ERA O NOME REAL DO «ALEIJADINHO»:
Antônio Lisboa?
Gustavo Sameiro?
Antônio Francisco Lisboa?

19 — QUAL DENTRE ÊSTES ESTADOS PUBLICOU O PRIMEIRO JORNAL:
O Maranhão?
Pernambuco?
Minas Gerais?

20 — FREI CANECA, HERÓI DA REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR, ERA:
Jesuita?
Carmelita?
Franciscano?

(Resposta na página 58)

não esqueça o bêbê ...





atenda-o com

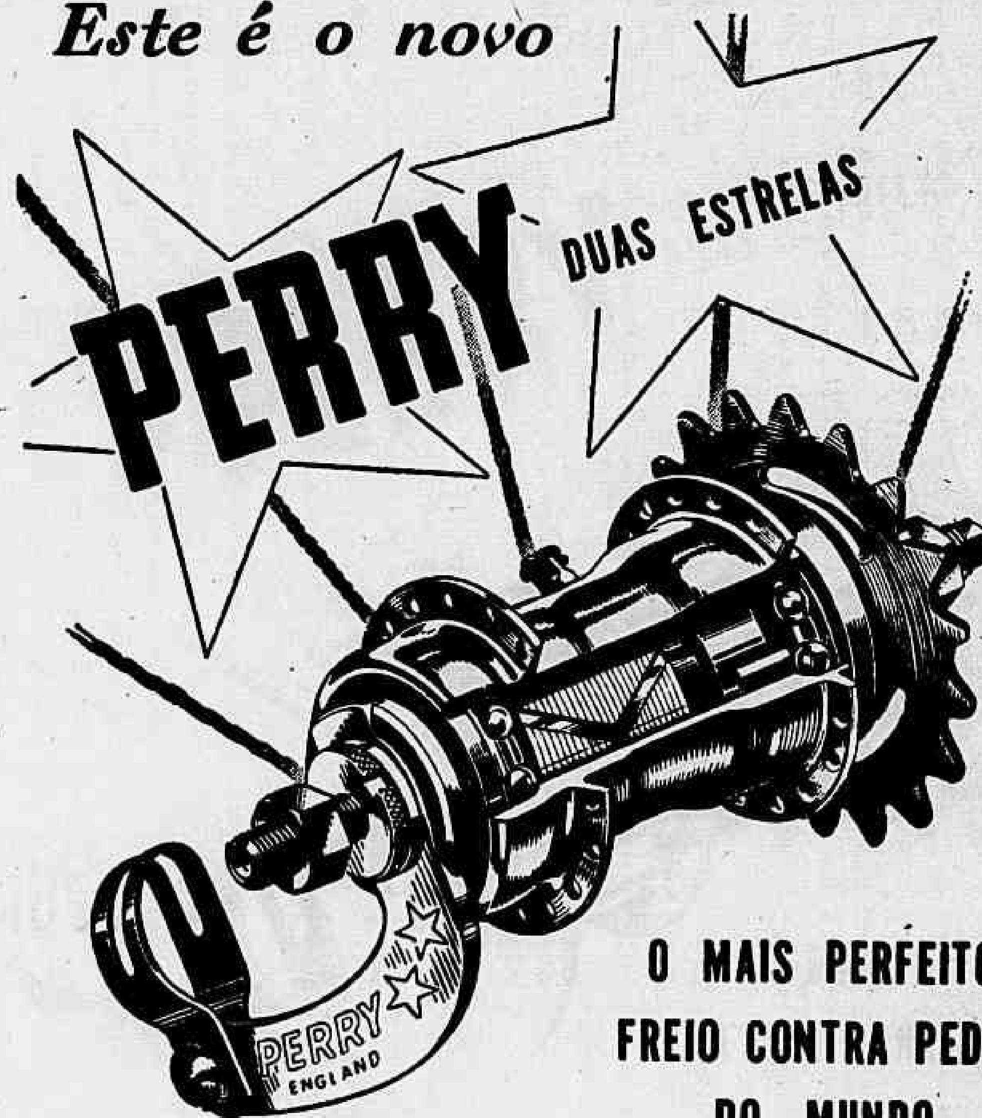
Polvilho Antisséptico

GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

CICLISTAS!

Este é o novo



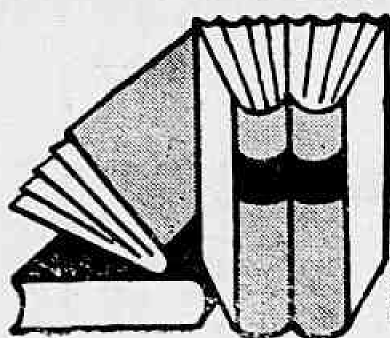
O MAIS PERFEITO FREIO CONTRA PEDAL DO MUNDO

FABRICADO E GARANTIDO PELA

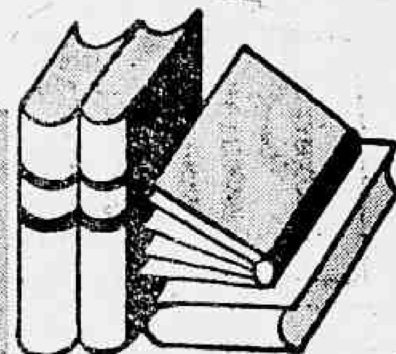


PERRY CHAIN COMPANY LIMITED

BIRMINGHAM .... INGLATERRA



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



ÁLVARO MOREYRA é certamente uma das figuras excepcionais da literatura brasileira, um de nossos maiores poetas e, ao mesmo tempo, um de nossos melhores prosadores. Sua grande obra, grande como quantidade e como qualidade, representa, sòzinha, tôda uma época de nossa evolução e marca um dos capítulos mais expressivos de nossa história literária. Iniciando-se ainda em Pôrto-Alegre, como um neo-simbolista de assinalada originalidade e de comunicativa emoção lírica, transferiu-se depois para o Rio, onde, em pouco tempo, se tornou o centro do movimento renovador que tornou célebre a chamada "igrejinha simbolista de Fon-Fon", pois, nesse semanário, Álvaro reuniu a fina-flor de sua geração, nomes todos hoje legítimas glórias de nossa literatura. Escrevendo versos, como os poemas de "Landa das Rosas" e de "Legenda da Luz e da Vida", ou prosa como a de "Um sorriso para tudo", "A boneca vestida de Arlequim", "A sala dos Incuráveis", ou teatro como "Circo", Álvaro Moreyra é sempre de uma originalidade, de um humor, de um lirismo docemente irônico, que seduzem o leitor, dando-lhe a certeza de estar em contacto com um alto espírito, com uma sensibilidade milionária, com um estilo único, singular, pessoalíssimo, o mais pessoal que se possa encontrar entre nós, depois de Machado de Assis. O exemplo saiu aqui por fôrça de um parentesco que não sabemos se já foi revisto. Álvaro será, realmente, um neto espiritual de Machado, por muitos dos traços que os aproximam, se bem que, neste último, aquela secura machadiana tenha se substituído pela doçura, pelo toque de um lirismo invencível. Como em Machado, o tom predileto de Álvaro é a ironia. Como Machado, mas um Machado libérto de qualquer romantismo, Álvaro cultiva a prosa curta, as páginas breves, de breves períodos, de frases breves. Como Machado, podemos dizer que êle matou a retórica e inhumou a oratória, dois de nossos mais habituais cacoetes literários. E, como Machado, êle criou um estilo inimitável, um instrumento sutilíssimo de comunicação, uma forma de simplicidade admirável, de estrutura linear, porém sempre densa de conteúdo, com o seu vocabulário preciso, sóbrio sem vulgaridade e sem afetação de sobriedade. E' prudente assinalar que êsse parentesco entre as duas grandes figuras de duas gerações só existe na prosa. Poeta, Álvaro é um simbolista original, mais aparentado com Verlaine, Rodenbach, Mallarmé, um grande poeta de heranças ilustres, sim, mas um poeta que é sobretudo êle mesmo.

O retrato de Álvaro Moreyra que ilustra esta nota deve ser, com certeza, de seu especial agrado: vê-se o escritor ao lado do famoso — e hoje olvidado — burro Canário — e a atitude de Álvaro, neste instante, é muito expressiva... Êle olha com a admiração o burrinho sábio e, a êste propósito, podemos recordar uma crônica sua, assinada talvez com o pseudônimo que tornou quase tão conhecido como o seu próprio nome — Samuel Tristão. Nessa crônica, êle começava assim: "Gosto dos burros. Não de todos; vocês me desculpem..."

Fiel aos primeiros motivos de seu lirismo, Álvaro adotou a silenciosa coruja como o fetiche de sua vida, ornato de seu "ex-libris", no qual se lê a inscrição — ""Ad me Ipsum"... Poesia, Álvaro Moreyra, poesia... Ninguém, mais do que êsse suposto irmão egoísta do silêncio e das corujas — tem distribuído o grande e sensível coração que Deus lhe deu, na sua obra e na sua vida.

SEMANA DE ARTE PARVINISTA



Recebemos o seguinte manifesto que tem na capa o clichê acima, e a data de 22 de novembro de 1950:

«SEMANA DE ARTE PARVINISTA — **O Parvinismo é uma espécie de máscara com a qual nos disfarçamos para gozar o ridículo do mundo.** — Muito se tem falado em Shakespeare, Pirandello, Dickens e Cervantes. No entanto, poucos observam o aspecto grotêsco dessas vidas, mòrmente em suas obras. Chega-se à conclusão portanto, que para ser gênio, para ciar coisa de imperecível, de imorredouro na arte, é preciso que haja algo de patético, de ridículo. Do contrário não estaremos diante da verdadeira arte. Chaplin, se conseguiu fazer furor na cinematografia, ao ponto de ser chamado de gênio, foi simplesmente porque criou uma personagem humana, de um grotêsco sem limites. «Dom Quixote», a obra-prima de Miguel Cervantes, é um exemplo dos mais acentuados. E' preciso que a arte seja um todo da humanidade, do ser humano que não sabe de onde veio, nem o que representa, e muito menos para onde vai. E' preciso que essa arte nos fale da terra, do homem, de suas lutas e vicissitudes. E mais: é preciso que essa arte cheire a suor, a lama, que nos fale diretamente ao coração. Assim sendo, mostrando os horrores da guerra, as torturas pelas quais passa o homem dos nossos dias, vivendo uma época de destruição, de bombas atômicas, revoluções e catástrofes, essa arte será o testemunho de um mundo que morre, de uma humanidade atordoada pelo complexo da velocidade. —(a) **Gipson de Freitas**».

★

NOTAS E NOTICIAS

ÚLTIMAS EDIÇÕES — "Quase Política", discursos parlamentares de Gilberto Freyre. "O Jardineiro", poemas de Rabindranath Tagore, tradução de Guilherme de Almeida, Coleção Rubaiyat. — "Mistérios e realidades dêste e do outro mundo", por A. da Silva Melo. — "O Livro dos Provérbios", atribuído a Salomão, tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Prefácio de Tristão de Ataíde, Coleção Rubaiyat.

★

GELATINA DR. GETÚLIO — Homenagem singular e algo profética é a inclusão de um prato dêste nome no livro de arte-culinária "Receitas de Doces", de Yayá Ribeiro, já em sexta edição:

7 fôlhas de gelatina encarnada.
7 gemas.
7 claras batidas em neve.
1 copo de caldo de laranja.
Açúcar.

Modo de fazer: Batem-se as 7 gemas com açúcar. Derrete-se a gelatina partida em pedaços, em meia xícara de água quente. Misturam-se a gemada, a gelatina e o caldo de laranja e leva-se a mistura ao fogo sem deixar ferver. Retira-se e leva-se ao refrigerador. (Editôra Globo).

★

VAMOS RECOMEÇAR O RIO DE JANEIRO · Todos os urbanistas e, em geral, os que gostariam de ver o Rio de Janeiro transformado numa cidade "livre dos ruídos, da confusão e do nervosismo das modernas aglomerações humanas", lerão com interêsse o documentado livro do engenheiro arquiteto Adalberto Szilard "Urbanismo no Rio de Janeiro", lançado pela editôra "O Construtor".

★

UM LIVRO ESTRANHO — Anuncia-se a segunda edição ampliada de um livro inglês de título e subtítulo igualmente intraduzíveis: "Haunted England. A Survey of English Ghost-lore", da autoria de Christina Hole (ed. Batsford), que se oferece aos leitores crédulos ou curiosos um repertório completo dos fantasmas que, segundo a crença popular, visitam diversos lugares da Grã-Bretanha. Talvez a autora se tenha inspirado na conhecida pilhéria de Coleridge, a quem certa vez uma senhora perguntou se acreditava em fantasmas. "De forma alguma, minha senhora; vi fantasmas de mais para acreditar nêles" — respondeu o poeta.

★

CINEMA E LITERATURA



DEMOS em um de nossos números anteriores, uma longa nota sôbre o filme semi-documentário francês, «A Vida Começa Amanhã». Em aditamento àquela notícia, aqui está um instante dessa obra artística da maior importância, em que se vê, com o intérprete da história, Jean-Pierre Aumont, o famigerado escritor Jean Paul Sartre.

POESIA FEMININA NORTE-AMERICANA

MASTERPIECE

(Deane Selloon Mernagh)

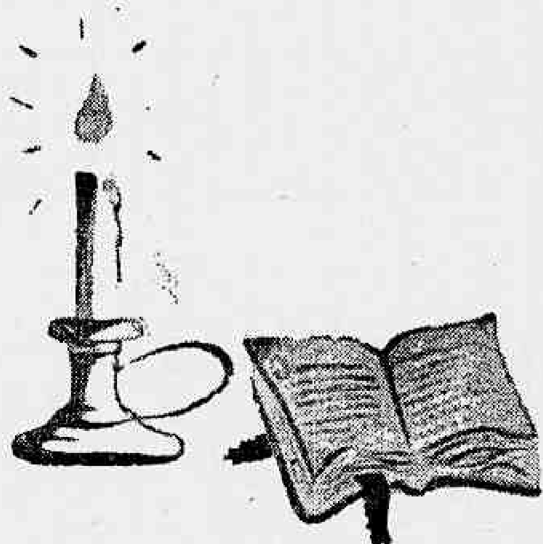
I never see a masterpiece of art
By woman's hand but throughts of mine
[revert
To some sweet humble creature who has done
No more perhaps than give the world a son
Who, trough maternal artisty and plan,
Steps from the canvas of her life—a man!

★

IF HE CAME BACK

(Kaye Starbird)

If he came back again, what would you do?
He made no promise to be gone forever,
And in the soft wet earth along the river
There are your sandal prints, betraying you.
You made another choice, and it was wise:
The man with the wide hands and sober
[voice
Who does not know you wept, making the
[choice,
For the dark wanderer with the gypsy eyes.
You must not walk the river path again.
Even the willows know you and could tell
The lie that you have lived so long and well.
For though your house is tall in the white
[lane
And your heart quiet now and your arms
[true —
If he came back again, what would you do?



★

NOVO LIVRO DE GETÚLIO VARGAS

A POLÍTICA TRABALHISTA NO BRASIL — A Livraria José Olympio Editora anuncia para breve a publicação de *A Politica Trabalhista no Brasil*, do senador Getulio Vargas, em que o ex-Chefe reafirma e amplia as diretrizes do seu pensamento politico-social em face da hora presente, através de numerosos discursos pronunciados no Congresso e fora dele. Começando pela mensagem dirigida ao povo, em 28 de novembro de 1945, quando recomendou ao eleitorado a candidatura do atual Presidente da Republica, o novo livro do senador Getulio Vargas termina pelo discurso pronunciado na Câmara Alta, em 3 de julho de 1947. Entre essas datas, representativas de dois periodos bastante significativos de sua vida politica, o senador Getulio Vargas, fiel aos objetivos e à sua doutrina como líder dos trabalhistas brasileiros, coloca tôda uma série de apreciações sôbre a realidade nacional dêstes anos posteriores à guerra, em que, à sua capacidade de estadista experimentado no longo trato da coisa pública, aliá-se uma visão profundamente nacionalista dos nossos problemas, necessidades e recursos. Criticando ou sugerindo, o autor de *A Politica Trabalhista no Brasil* fére sempre com realismo os pontos vitais de qualquer problema submetido à sua inteligência, quer seja de ordem economica, social, politica ou financeira. Com êste novo livro, portanto, o senador Getulio Vargas continua a sua tradição de contactos com o povo através da palavra escrita, numa atitude democrática que não será a menor das suas virtudes politicas, e que muito bem justifica esta frase sua pronunciada e mdiscurso de 29 de novembro de 1946: "Nunca me senti tão grande no coração do povo!".

FORA DO PRELO

LADISLAU NETO — Abelardo Duarte — Imprensa Oficial — MACEIÓ. Êste estudo critico-biográfico que Abelardo Duarte consagra ao grande brasileiro, Ladislau Neto, é da maior oportunidade e da mais facinante leitura.

Oportuno porque, no Brasil, esquecem-se fàcilmente os homens ilustres. País jovem, temos memória fraca e não fazemos muita questão de nossas cartas de brazão. Depois, dir-se-ia que ainda não estamos em estado de compreender nossos precursores mais eminentes, nosso gênio. Ao estado atual de nossa cultura ainda escapam certas grandezas espirituais e, assim, em uma nação anti-militarista, com, apenas, as guerras de sua formação, cultuamos principalmente nossas glórias militares, graudes e veneráveis, sim, mas gozando de uma exclusividade que só se explica pela mais fácil compreensão do povo, diante dos feitos guerreiros. Assim, figuras admiráveis de nossa inteligência, verdadeiros precursores, sábios de mais alto valor, vão ficando relegados à poeira dos arquivos, olvidados de nosso Panteon espiritual. Acrescente-se a isso o fato de termos revisto, até agora, apenas, ou quase só, a obra dos brasileiros eminentes do outro século. A tarefa de trazer ao culto das massas os nomes ilustres cujas vidas epilogaram depois de 1900, só agora começa a fazer-se sentir. Só agora temos a necessária perspectiva para estudar desapaixonadamente essas vidas exemplares. Salvo raras exceções e em casos singulares, como o de Machado de Assis, tal revisão ainda não se fez, mas começa a ser feita. E vai abrangendo o campo das atividades cientificas, além das literárias e das politicas. Ainda há pouco, tivemos oportunidade de registrar aqui o aparecimento dessa obra de pesquisa de vidas ilustres, realizada em Minas pelo historiador João Dórnas Filho. Agora, chega-nos de Alagoas êste belo livro de Abelardo Duarte, evocando a figura ilustre de Ladislau Neto, uma das mais impressionantes individualidades de nosso mundo cientifico, a quem se pode dar o titulo de pai da arqueologia brasileira.

A vida generosa e fecunda de Ladislau Neto ressurge dêste livro em toda a sua contagiante grandeza. Êle foi o primeiro de nossos sábios a fazer impressão nos circulos culturais do Velho Mundo, realizando uma obra extraordinária, ainda nos seus verdes anos, e merecendo a consagração da ciência estrangeira antes de atingir os trinta anos, tendo começado ao amparo apenas do esforço próprio, abrindo seu caminho através todos os obstáculos, pelo vigor da inteligência e pela férrea vontade que o animava no sentido de seus altos objetivos.

A todos os seus titulos, Ladislau Neto juntou o do primeiro organizador do Museu Nacional, dentro de um padrão cientifico moderno. Mas sua maior glória, entre as muitas que colheu, foi de certo, a de ter iniciado entre nós os estudos arqueológicos nacionais.

Êste livro, abundante de esclarecimentos e de análises sôbre o homem e a obra, tem todos os méritos que podemos procurar em uma biografia e soma a êsses valores o de revelar, em um retrato **grandeur nature**, uma das mais ilustres figuras de cientistas que já possuimos e que, por isso, precisa ser aprendida pelas novas gerações, para nosso orgulho e nosso exemplo.

★

LUZ DISTANTE — Tóstes Malta — Edição fora do Comércio — Rio de Janeiro. Tóstes Malta pertence à geração dos poetas de vinte e dois. Esta data é indispensável aqui, para podermos situar êstes versos de uma poesia que se conservou fiél a um dos preconceitos da época, aquêle que se chamou, em Ribeiro Couto, «penmbrismo» e que depois, se genaralizou em várias tonalidades, como «intimismo», significando uma certa maneira lírica, moderna, vasada em expressões coditianas, despida de requintes de versificação e de vocabulário, de exigente atualidade, sobretudo com uma grande ternura pelos acontecimentos menores da vida e, principalmente do amor.

Não quer isto dizer que êste poeta não tenha evoluido. Evoluiu, sim, dentro de sua arte, adquerindo maior dominio de sua forma e da maneira lírica pessoal pela qual optou, nesta opção pondo, ainda, muito de sua personalidade, pois nela é que se encontrou à vontade, nela que melhor poude vasar sua inspiração lírica. Evoluiu porque o poeta de «Dona Melindrosa» já perdeu aqui os cacoetes de sua poesia elegante e superficial, próprias da época, e que nêle marcava como nota de interessante originalidade.

«Luz Distante» — um título com muita ressonância, se quisermos vêr, nêle, além de seu sentido poético, o seu aspecto evocativo, a sua confissão de que esta poesia nos traz, como ao poeta, um pouco daquela luz de outros dias, daquela poesia doce e confidente com que primeiro se comunicou com o mundo e à qual preferiu para os seus gestos liricos.

Êle mesmo o confessa, nêste pórtico, explicando, em quatro linhas, o titulo de sua obra tão comunicativa, tão próxima, tão singela de fatura e de pensamento:

«Dentro da névoa, mal distingo a
[estrada
que se abriu ao meu passo vacilante...
E, com a alma de sonhos carregada,
ando perdido sob a luz distante...»

«Luz Distante», evocativa, suave luz distante que ilumina êstes instantes de comovido e sincero lirismo. Êste lirismo despreocupado, de infinita e sutil ternura, que nos fez sentir pena dos poetas atuais, alanceados de problemas, agitados de dúvidas e de inquietações, lutando, com unhas e dentes, para conservar a poesia que lhes escapa, a consoladora poesia que todos os dias mais se esquiva, mais se transforma e mais se perde, no emaranhado das fórmulas e das inquietações, pesadas cadeias com que se pretende conservá-la, a ela, a diáfana, a etérea, a inconsútil...

Bem haja êste poeta que, por alguns instantes, recupera a sua luz distante de tão leves claridades, para evocar aquela poesia para sempre perdida de nosso mundo terrivel e violento, em que pouco a pouco vão sucumbindo todos os lirismos, a graça desinteressada de sentir e de dizer, com simplicidade, uma pequenina, doce emoção da vida de todos os dias.



HAMLET E OFELIA
Um admirável desenho a «crayon» de Dante Gabriel Rosseti, recordando os personagens de Shakespeare.

★

MARCONDES DE SOUZA CONTRA GUSTAVO BARROSO — Edição do autor — São Paulo. O professor Thomaz Oscar Marcondes de Souza vem de publicar um folheto em que discute o que êle chama — «o processo sue generis» de cuidar de história adotado pelo acadêmico Gustavo Barroso.

Nesta obra, aliás do maior interêsse para todos os interessados em assuntos históricos, o professor Marcondes de Souza acusa Gustavo Barroso de ter se servido de um estudo de sua autoria, a respeito de Américo Vespúcio, quando escreveu um artigo publicado em «O Cruzeiro». Lendo o artigo, declara o professor paulista, verificou que Gustavo Barroso seguira não apenas suas informações mas, também, as conclusões a que chegára. Nêsse sentido, escreveu uma carta àquele acadêmico, reparando o fato de não ter êle citado a obra em que se abeberara, para produzir seu estudo.

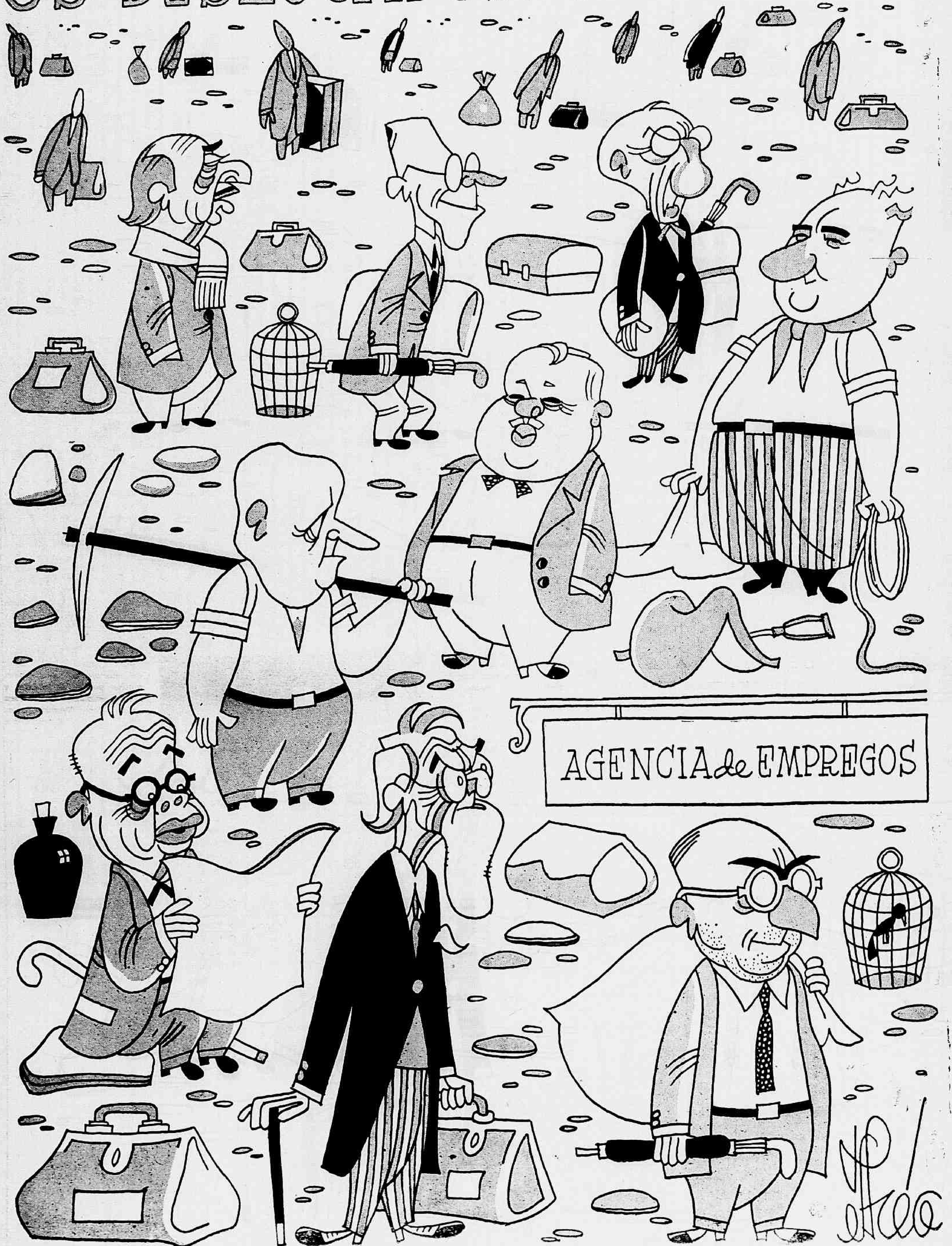
Segundo a documentação aqui divulgada, o acadêmico não gostou dessa delicada insinuação de plágio. Respondeu ao professor, negando, porém, que conhecesse a sua obra. Agora, irritado com os termos com que lhe respondeu o acadêmico, o professor Marcondes de Souza produz êste folheto em que fornece a público os elementos probatórios da questão, colocando o acadêmico no dever de esclarecer aos seus leitores muitos pontos de contato e muitas coincidências de seu artigo sôbre Vespúcio, com relação à obra anteriormente publicada pelo professor Souza.

Como antes dissemos, independente de seu espirito polêmico, o folheto agora divulgado pelo professor Marcondes de Souza é obra do maior interêsse para quantos se interessam por história e que podem obter êste livro endereçando seus pedidos ao autor, à rua General Fonseca Teles, 582, São Paulo, pois a edição é para distribuição gratuita.

★

OUTROS LIVROS Adaptando «Os Três Mosqueteiros», obteve Mário Donato manter em clima de aventureirismo heróico, igual ao original francês de Alexandre Dumas, a obra - prima que o cinema tem ajudado a divulgar. Também das Edições Melhoramentos é «Quem contou foi o mindinho», de Antônio de Pádua Morse, que reuniu as páginas mais interessantes de nosso folclore, colocou-as em bonitos versos e P. de Lara ilustrou òtimamente. Ainda agradecemos à Melhoramentos «Uoni-Uoni conta sua história», de Mário Baldi, livro ricamente ilustrado, em cujas revelações dum indiozinho muita coisa aprende a respeito da vida e dos costumes de nossos selvagens. A naturalidade, o tom sincero da narrativa, além dos pontos diretamente fixados pelo autor, como sagaz observador da civilização dentro das matas, junto da tribo Carajá, dão a êste livro um realce incomum em nossos estudos no gênero.

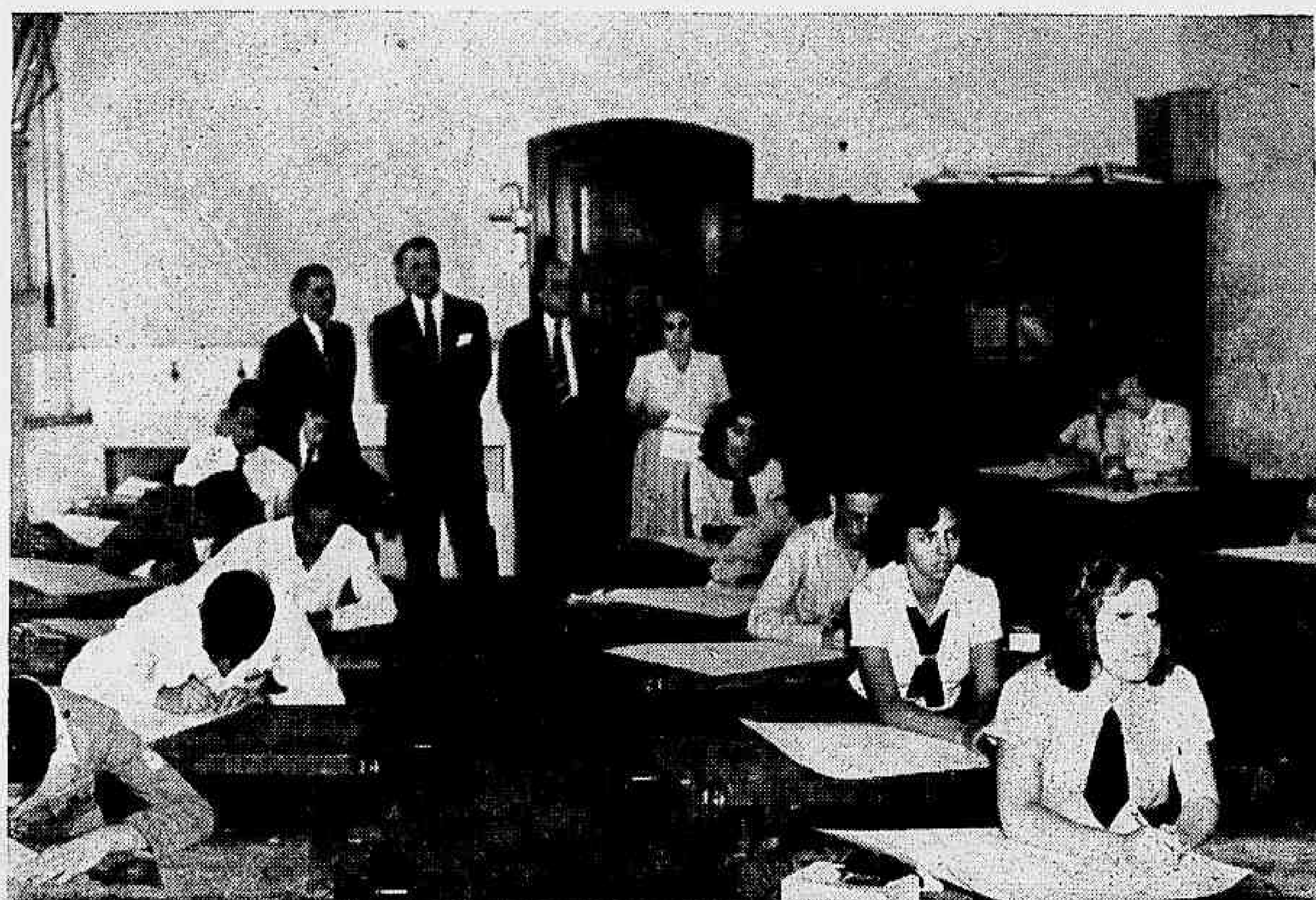
OS "DESLOCADOS"... DAS URNAS







ESTÍMULO À POUPANÇA NA SEMANA DA ECONOMIA

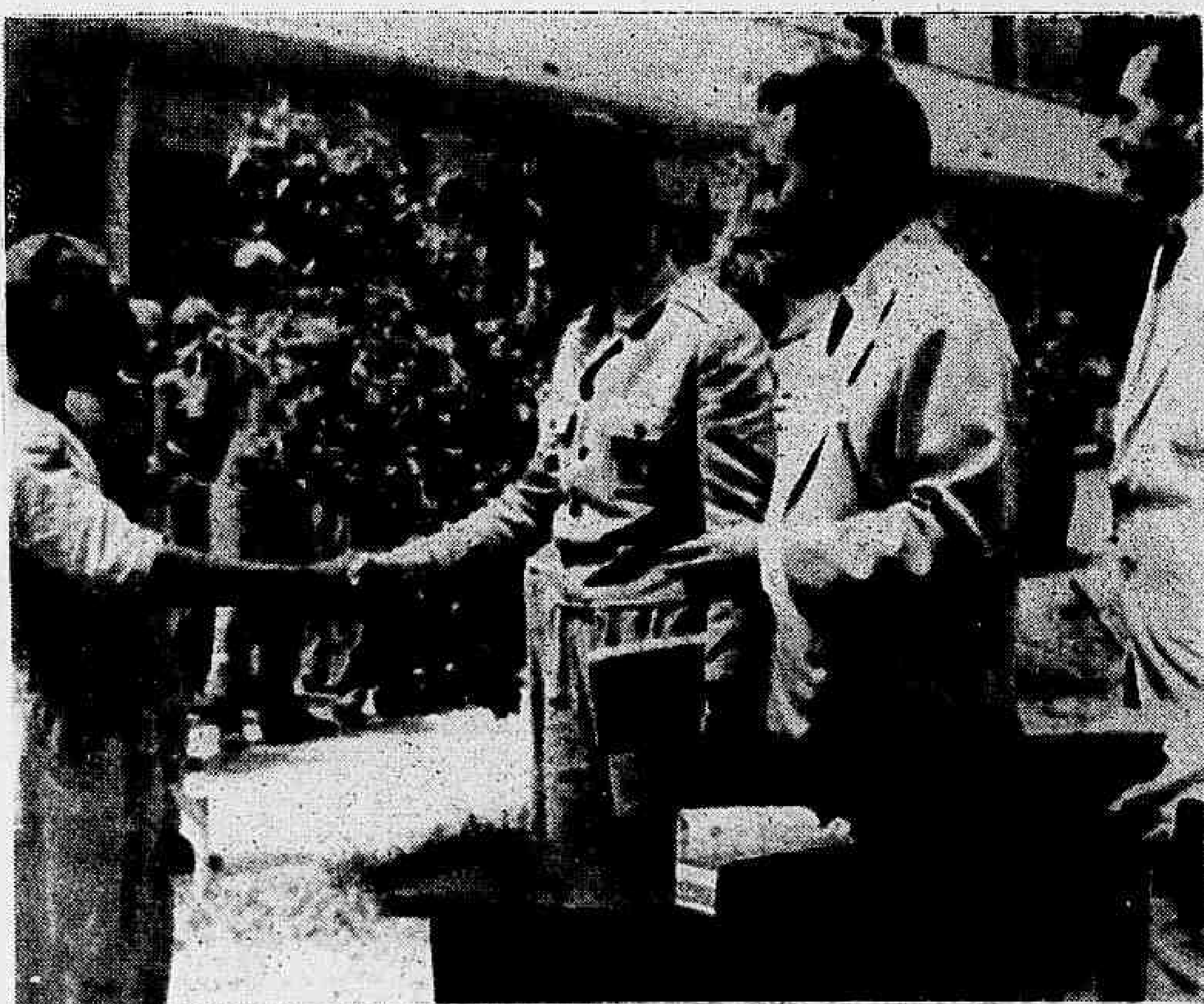




JÁ se incorporaram à tradição da nossa Metrópole os festejos anualmente celebrados pela Caixa Econômica do Rio de Janeiro, nos últimos dias de outubro, para incentivar os hábitos de poupança em grandes setôres da coletividade, através de atos que estimulam a simpatia pelas suas atividades. Nos aspectos acima, que focalizam várias comemorações da tradicional Semana da Economia, vemos (1-2) flagrantes da entrega dos penhores devolvidos pela Caixa Econômica sem qualquer despêsa para os mutuários, quer de juros ou do empréstimo, beneficiando, assim, as classes mais modestas, que são os donos dos penhores de importância inferior a 300 cruzeiros. À direita, o sr. Jerônimo de Castilho, diretor da Carteira de Penhôres, em companhia de seus auxiliares, faz a devolução do objeto de uso pessoal ao primeiro mutuário

A SIGNIFICAÇÃO DOS FESTEJOS PROMOVIDOS ANUALMENTE PELA CAIXA ECONÔMICA DO RIO DE JANEIRO NOS ÚLTIMOS DIAS DE OUTUBRO.

que compareceu à Caixa Econômica. Em baixo, dois flagrantes da "Maratona Intelectual", organizada durante a Semana da Economia, e cujas provas tiveram lugar nas dependências do Instituto de Educação, delas participando representantes de quase todos os colégios secundários do Distrito Federal. Com a realização da "Maratona Intelectual", a Caixa Econômica proporcionou, no programa da Semana da Economia, um ato de grande interêsse para a propaganda de poupança nos meios escolares, oferecendo valiosos prêmios aos alunos que mais se distinguiram nas provas. Finalmente, ao lado, um instantâneo da entrega dos brindes a representantes da Escola de Motomecanização do Exército — uma das muitas corporações das fôrças armadas que tiveram os seus elementos contemplados durante a Semana da Economia, como gratidão da Caixa Econômica pelos valiosos serviços que prestam à campanha da previdência nos quartéis.





CÉSAR LADEIRA e sua espôsa, sra. Renata Fronzi Ladeira, numa pôse especial para a REVISTA DA SEMANA. Em outra atitude aparece o simpático casal de artistas olhando o filhinho recém-nascido.



PAULO GRACINDO, sua espôsa Sra. Dulce Gracindo e os dois filhinhos — Epaminondas, de 7 anos e Lenora, uma bonita menina de 3 anos de idade. O idealizador de Rádio Seqüência G-3 começou no rádio ganhando 200 cruzeiros. Atualmente — dizem — ganha 100 mil cruzeiros por mês. O barzinho da foto é no apartamento do casal, nas Laranjeiras.

GENTE DE RÁDIO... ÍDOLOS DO PÚBLICO

Casais com filhos e solteirões cobiçados

PELA PRIMEIRA VEZ REUNIDAS NUMA REPORTAGEM FIGURAS POPULARES DO RÁDIO BRASILEIRO E SUAS FAMÍLIAS ★ O MATRIMÔNIO CONTINUA SENDO O SUBLIME IDEAL DA MULHER E UM DELICIOSO TORMENTO PARA O HOMEM; TORMENTO MAIOR É A FALTA DE UMA ESPÔSA... QUE O DIGAM O MANOEL BARCELOS E O IVAN CURY.

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

Fotos de WALTER MORGADO

"E' realmente espantosa a diferença do nível radiofônico existente entre o Brasil e as demais repúblicas sul-americanas — escreve de Santiago para a "Cena Muda" Alberto Conrado. O rádio brasileiro pode se agrupar entre os melhores do mundo quanto a qualidade de programas e a sutileza, tão peculiar do produtor nacional, demonstrada na preparação do "script" numa combinação perfeita da palavra com o som. Aliás, o aproveitamento dos efeitos sonoros nos programas brasileiros, especialmente nos de rádioteatro policiais, é a admiração dos homens de rádio dos povos nossos vizinhos. Agora mesmo aqui no Chile o sr. Adolfo Janquelevich, diretor da Rádio Cooperativa Vitalícia, entusiasmado com o programa de "O Sombra", perguntou-nos se a Rádio Nacional do Rio, atenderia a um pedido sôbre os segredos e a técnica do radioteatro no Brasil e especialmente nessa emissora."

..."Enfim, sempre é motivo de orgulho sabermos destas coisas, da projeção do nosso rádio. Lamentamos apenas que os artistas, e em especial os intérpretes populares, não excursionem pelas Américas... Imaginamos o sucesso estrondoso que causaria no Equador, Bolivia, Peru e Chile uma Dircinha Batista, um Orlando Silva, um Silvio Caldas ou um Dick Farney. Enquanto isso não se verificar continuarão os nossos irmãos a desconhecer-nos e a engolir os sambas de Xavier Cugat e outras orquestras, verdadeiras "aves de arribação" da nossa música popular."

Aí está uma notícia grata a todos os brasileiros e mui especialmente à família radiofônica do Brasil.

Excursionar... viajar... levar bem longe o nome do Brasil e suas músicas caracteristicas... Falar aos nossos irmãos das nossas saudades... das nossas mágoas... das nossas alegrias e dos nossos amôres... Cantar as músicas de Ary Barroso, tão sonoras e tão cheias de brasilidade; interpretar as dolentes melodias de Dorival Caymmi ou o regionalissimo baião de Humberto Teixeira, eis a missão dos nossos artistas.

Mas... dirão muitos — viajar como?!... pois se tudo é tão dificil... E' verdade. Excursões requerem despesas e nem sempre os trabalhos artisticos e culturais dão para tanto. Mas é preciso que os nossos legisladores, os representantes do povo nas Câmaras e Senado, em cujo seio se encontram muitos artistas, voltem os seus olhos para êsse fator de divulgação tão necessário como os ministros plenipotenciários.

Para falar com franqueza — Ari Barroso sòzinho tem divulgado mais o Brasil que todos embaixadores brasileiros que há pelo mundo em fora. Conferências de portas fechadas ou assistidas por meia-dúzia de bajuladores não divulga nada. O que divulga é a música popular. E' uma



FLORIANO FAISSAL, sua espôsa Sra. Elvira Coelho Faissal e sua filha, Denise Faissal. Desde 3 anos de idade estuda piano. Vale a pena ouvi-la. Na «Hora do Pato», na Rádio Nacional, tem eletrizado o público...



LUIZ CARVALHO — locutor da Rádio Guanabara — sua espôsa Sra. Líbera de Carvalho e a filhinha a quem chama — «flor humanizada do seu lar». Todavia, o seu nome é **Anamaria**

"Aquarela do Brasil", na voz de bronze de Francisco Alves, é um Joàzeiro", na garganta de Luís Gonzaga, ou um "Paraíba, Mulé Macho", na interpretação graciosa e inconfundível de Emilinha Borba.

E' preciso que o govêrno dê amparo também a êsse meio de divulgação, criando essa modalidade de embaixadores — *Embaixadores do Ritmo Brasileiro*.

Êsse amparo por que nos batemos torna-se mais necessário se se levar em conta que a maioria dos nossos artistas de rádio são casados, pais de filhos, e às vêzes, avós — como acontece com Renato Murce.

Todavia, com essas revelações, acreditamos causar desilusões a muitas mocinhas românticas. Ora, muitas delas ignoram, por exemplo, que Celso Guimarães — o romântico das novelas passionais — é casado com dona Maria Stella Guimarães e que é pai de três filhos, sendo que o mais velho — Vera Guimarães — é uma graciosa senhorinha de 15 primaveras que termina êste ano o seu curso ginasial. O segundo chama-se Celso dos Reys Guimarães, tem 11 anos; e o caçula (até agora, é claro), tem 3 meses de idade; o seu nome é Antônio Luiz. E' uma criança ro-



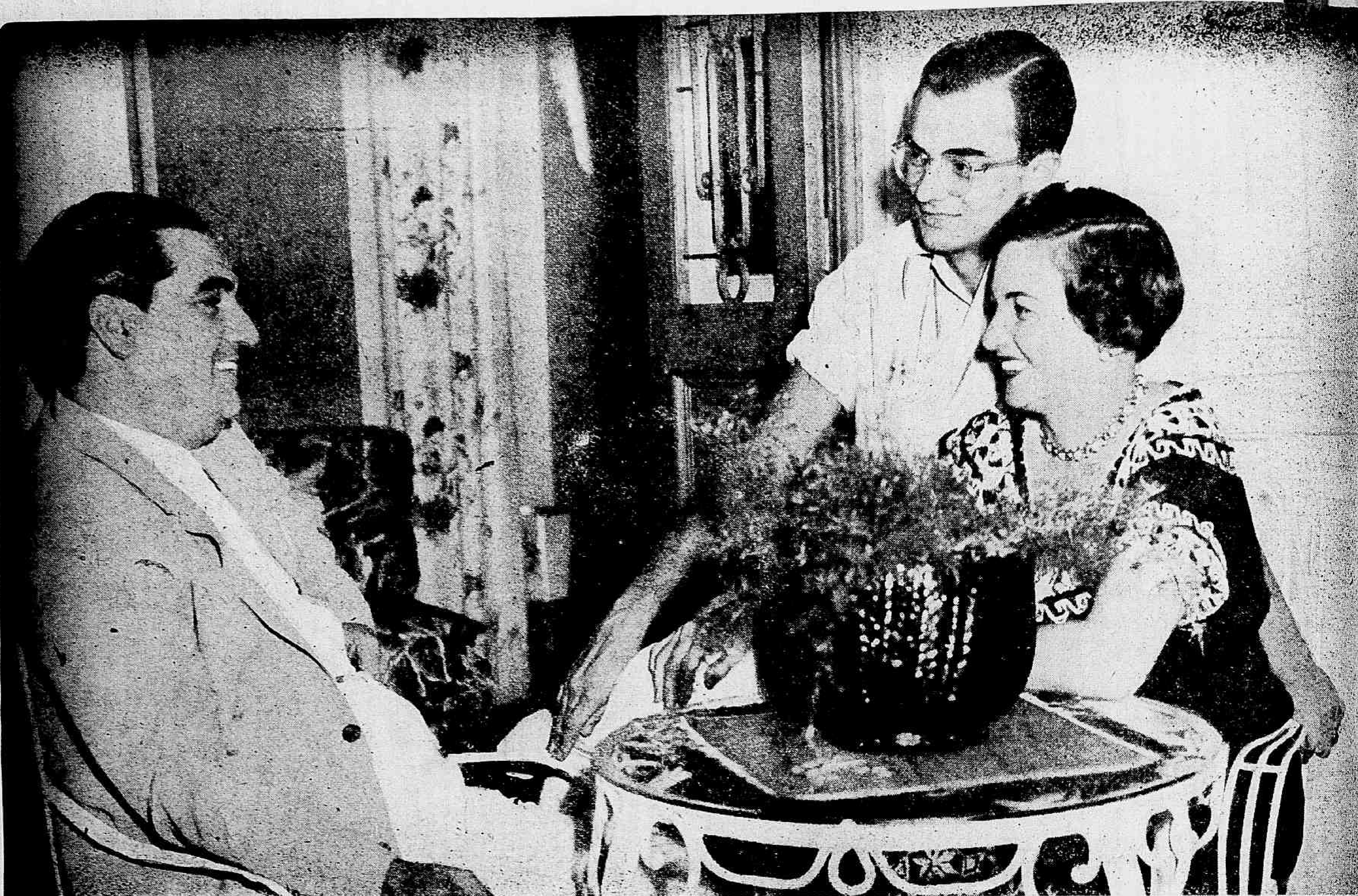
ARY BARROSO — o maior locutor esportivo de todos os tempos — sua espôsa Sra. Ivone Arantes Barroso e o casal de filhos: Mariúza Barroso, de 25 anos e Flávio Rubens Barroso, de 23 anos.



RODOLFO MAYER — diretor do rádio-teatro da Rádio Tamoyo — sua espôsa Sra. Lourdes Mayer — grande artista de teatro — e um dos filhos do casal, o jovem Ricardo José Mayer, de 10 anos.

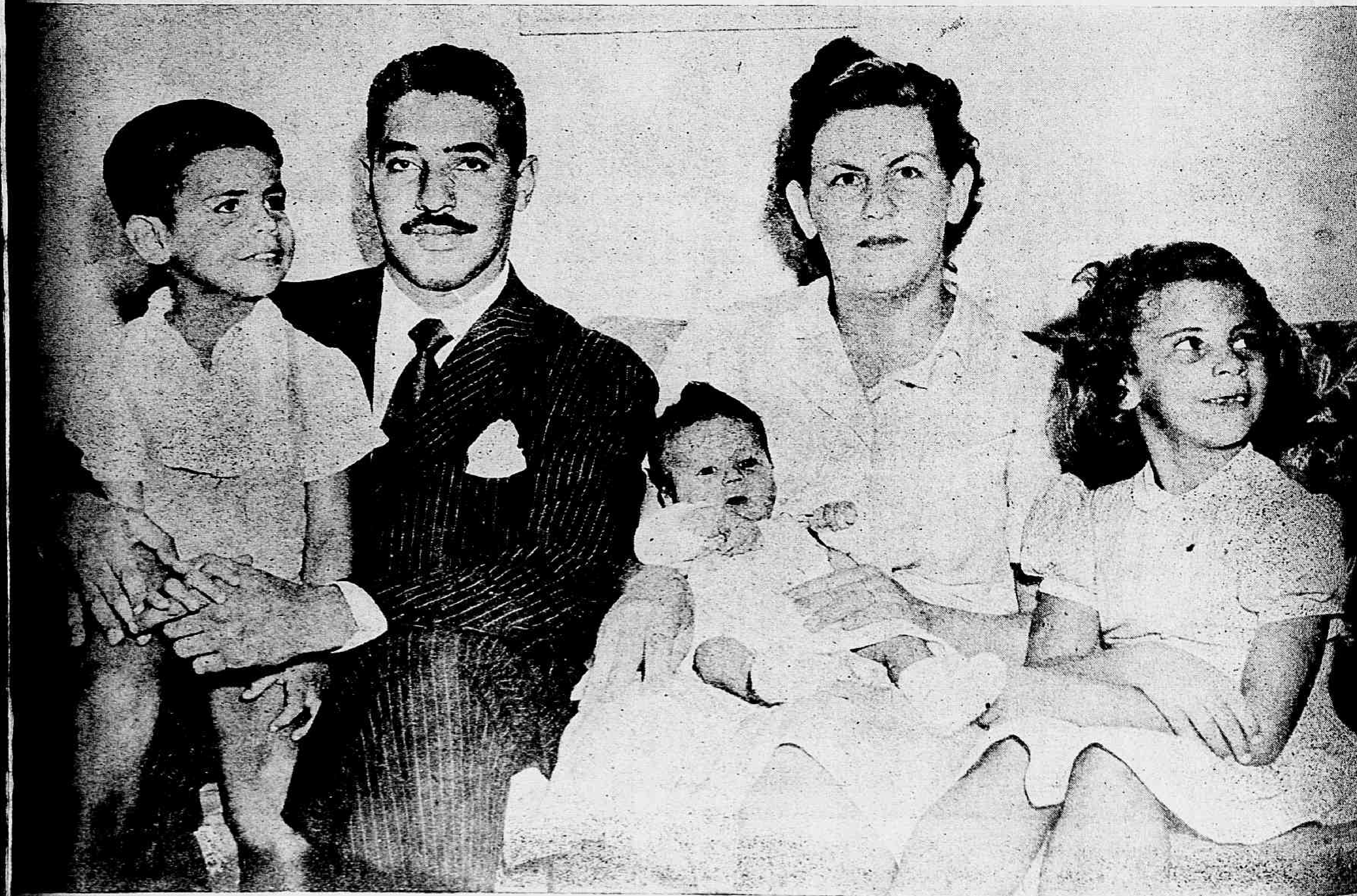
CELSO GUIMARÃES, sua espôsa, sra. Maria Stela Guimarães e o casal de filhos — senhorita Vera Guimarães e o garoto Celso dos Reys Guimarães. Nos braços do pai está Antônio Luís, de 2 meses.





SAINT-CLAIR LOPES — uma das figuras que honra e dignifica o nosso mundo artístico. E' autor de várias obras destacando-se novelas radiofônicas como «Dúvida» e «Além do Horizonte». Ao lado aparecem sua espôsa Sra. Judith Lopes e o filho Ney Lopes, de 19 anos

DORIVAL CAYMMI, sua espôsa Sra. Stela Caymmi e os três filhos do casal. — O ilustre compositor e cantor patrício é um eterno enamorado dos filhos e um sincero amante da Bahia — sua terra natal. A propósito — o leitor já foi à Bahia, não?... então vá.



lr, ta e vivaz. Tudo indica que será o êmulo do pai.

Celso Guimarães nasceu em Jundiaí, Estado de São Paulo, no dia 23 de novembro de 1907. Começou sua carreira na PRA-6, Rádio Cruzeiro do Sul paulista, em abril de 1932. Em 1935 passou para a PRA-6, Rádio Educadora Paulista, de onde, em 1936 veio para a inauguração da Rádio Nacional, onde continua.

Foi o primeiro diretor artístico na PRE-8, para a qual fundou também o radioteatro, dirigindo-o nos primeiros tempos. Já participou dos seguintes filmes: "Aves Sem Ninho", "Argila", "Caminhos do Céu", "Luz dos Meus Olhos" e "Asas do Brasil".

Durante a última Grande Guerra, trabalhou como locutor e noticiarista no ano de 1945 para as emissoras Nacional Broadcasting Company e a Columbia Broadcasting System, nos Estados Unidos da América do Norte. Acêrca dessa viagem escreveu um livro intitulado — "Um Sonho".

Celso Guimarães é um grande colecionador de coisas raras, sendo notáveis as suas coleções de pratos com monogramas ou brazões, moedas do Brasil e antiguidades.

★

A casa de Celso Guimarães é perto à de César Ladeira. Ambos moram na zona sul, em Copacabana. Isso, entretanto, de nada nos serviu, devido à diferença de horários em que são encontrados em casa. O primeiro foi entrevistado às 9 horas da manhã; já o segundo só nos foi possível fazê-lo às 2 da madrugada. Por isso se explica por que não pudemos fotografar o seu filhinho, que conta apenas 60 dias de nascido. O anjinho estava dormindo e não nos era lícito acordá-lo com o clarão do *flash*. Contudo, focalizamos o berço onde dormia.

O locutor patrício é um dos grandes artistas que se casaram ùltimamente. Regressou há pouco tempo de Paris, para onde fôra em viagem de núpcias, demorando-se algum tempo. Sua espôsa — sra. Renata Fronzi Ladeira — é nome bastante conhecido nos meios artísticos e culturais, pois há muito vinha integrando o elenco do Teatro Jardel. Após o casamento abandonou a carreira artística.

César Ladeira nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, no dia 11 de dezembro de 1910. Iniciou sua vida como jornalista, na Paulicéia. Ainda em São Paulo estreou no rádio a 20 de junho de 1931, na veterana Rádio Recorde.

No Rio, após a empolgante epopéia da Revolução Paulista, em que tomou parte ativa, estreou na Rádio Mayrink Veiga a 1 de setembro de 1933. E' autor do livro — "Acabaram de Ouvir..." e de várias revistas e comédias de sucesso. Concluiu o seu curso de Direito no Rio de Janeiro e tem militado em vários jornais cariocas e trabalhado como galã em vários filmes nacionais. Atualmente é locutor da Rádio Nacional e empreendedor da maior rêde de televisão da América Latina a se instalar oportunamente nesta capital.

★

Queremos deixar bem claro que quando o secretário nos mandou fazer esta reportagem não indicou nomes para serem focalizados, nem escolhemos a dedo êsse ou aquêle artista. Não. Temos por hábito repetir sempre a velha máxima: — "Tudo o que é grande nasceu pequeno".

Esta explicação é necessária para que amanhã os que não foram focalizados não fiquem descontentes. A nossa intenção era entrevistar a todos os *casais com filhos e os solteirões cobiçados*. Porém, fácil é calcular essa impossibilidade no curto espaço de tempo que temos para a entrega da matéria às oficinas. O Rio é uma cidade grande, enorme mesmo. O problema do tráfego, apesar das inovações introduzidas, continua atravancado, enervante. Alguns artistas moram na zona sul; outros na zona norte e muitos na suburbana, como Jorge Veiga, por exemplo. Andamos um bocado. Usamos de todos os meios de transporte: automóvel, ônibus, trem, bonde e muita vez andamos a pé. Agradecemos o convite para saborear uma suculenta feijoada em casa de Luís de Carvalho, às 11 horas da manhã, no Catete, mas fomos saborear alguns doces, às 3 horas da madrugada, em casa de Rodolfo Mayer, porque a fome nos matava. Tomamos um *drink* com Saint-Clair Lopes e família, às 8 da noite, no Grajaú, e fomos tomar café com César Ladeira, às 2 da malrugada, em Copacabana. E assim por diante. Como dissemos, era nosso desejo fazer coisa mais completa, mais ampla. Escaparam-nos muitos nomes; muitos casais com filhos e muitos solteirões. Os casais sem filhos, entretanto, isso é outra história. Engraçado é que houve casais que se propuseram tomar filhos emprestados só para aparecerem no meio das celebridades, ora entrevistadas.

★

Dissemos atrás que a sra. de César Ladeira abandonou o teatro, assim que se casou. Também dona Lourdes Mayer, espôsa de Rodolfo Mayer, apesar de ser artista, e ser também filha e neta de artistas, deixou a ribalta para cuidar melhor dos filhos. Isso prova que o casamento continua sendo o sublime ideal da mulher e um delicioso tormento para o homem.

Rodolfo Mayer é pai de dois filhos: Rodolfo Mayer Júnior, com 13 anos, e Ricardo José Mayer, com 10 anos. Sua atividade artística é prodigiosa. E' diretor de radioteatro da Tamoio e está consagrado pela crítica como o maior intérprete dos últimos tempos, pela ótima interpretação de "As Mãos de Eurídice" — peça que há cinco meses está em cartaz.

★

Saint-Clair Lopes é uma figura que honra e dignifica o nosso mundo artístico. E' autor de várias obras, desta-



JOSÉ MARIA SCASSA, sua espôsa dona Zoê Scassa e dois dos filhos do casal; o mais velho não aparece na foto. O popular comentarista é, como Ary Barroso, um sincero entusiasta do esporte e trabalha na rádio Tupi.



PAULO TAPAJÓS — diretor artístico da Nacional — sua espôsa sra. Norma Tapajós e os três rebentos do casal: Maurício, Paulo e Dorinha, que tem apenas 2 meses de vida. Em recente plebiscito Tapajós fôra apontado como "a simpatia em pessoa".



RUY REY, sua espôsa Sra. Letícia Zeminian e a única filha do casal — a galante Marília, de 5 anos. O cantor de músicas antilhanas tem a sua orquestra própria e característica. Atua no Programa Cesar de Alencar, na Nacional.



RAUL BRUNINI — locutor da Rádio Globo. Tem mais de trinta anos de idade. E' portanto um solteirão cobiçado pelas fãs. Contrâmo-lo no apartamento do Barcelos. Foi quem fez café para nós.



MANOEL BARCELOS — já passou dos 30 e já está quase chegando aos 40... mas já está noivo e se casará ainda nêste Ano Santo de 1950. Na foto o popular locutor limpando a sua cigarreira.

cando-se famosas novelas radiofônicas que eletrizaram os radioouvintes do Brasil, como "Dúvida", "Além do Horizonte" e outras. Além de escritor é jornalista, advogado, militar e membro da diretoria da Casa dos Artistas. Estêve várias vêzes nos Estados Unidos da América do Norte em missão plenipotenciária e como jornalista junto à ONU, tendo viajado depois tôda a América Latina.

E' casado com dona Judith Lopes. Tem apenas um filho — Ney Lopes — de 19 anos.

Sem favor, Luis de Carvalho é um dos mais simpáticos locutores do nosso *broadcasting*. E' mineiro, de Diamantina, razão bastante para gostar das feijoadas suculentas e de um bom lombo de porco assado. E' também um veterano do rádio, onde conta com mais de 15 anos consecutivos. Da sua época são Átila Nunes, Júlio Louzada, Luiz Jatobá e outros. Atualmente, é exclusivo da Rádio Guanabara. Há muito que entrou para o *rol dos homens sérios*, casando-se com dona Libera de Carvalho. As suas horas de lazer, passa-as brincando som sua filhinha Anamaria, de 3 anos, a quem chama de — "flor humanizada do meu lar".

★

Dorival Caymmi vem a ser outro eterno enamorado dos filhos, que são em número de três: Dinahir, de 9 anos, Dorival Caymmi Filho, de 7, e Danilo, de 2 anos e 7 meses. Atualmente, está em São Paulo; mas tôda semana vem matar saudade... E ao voltar repete sempre — disse-nos

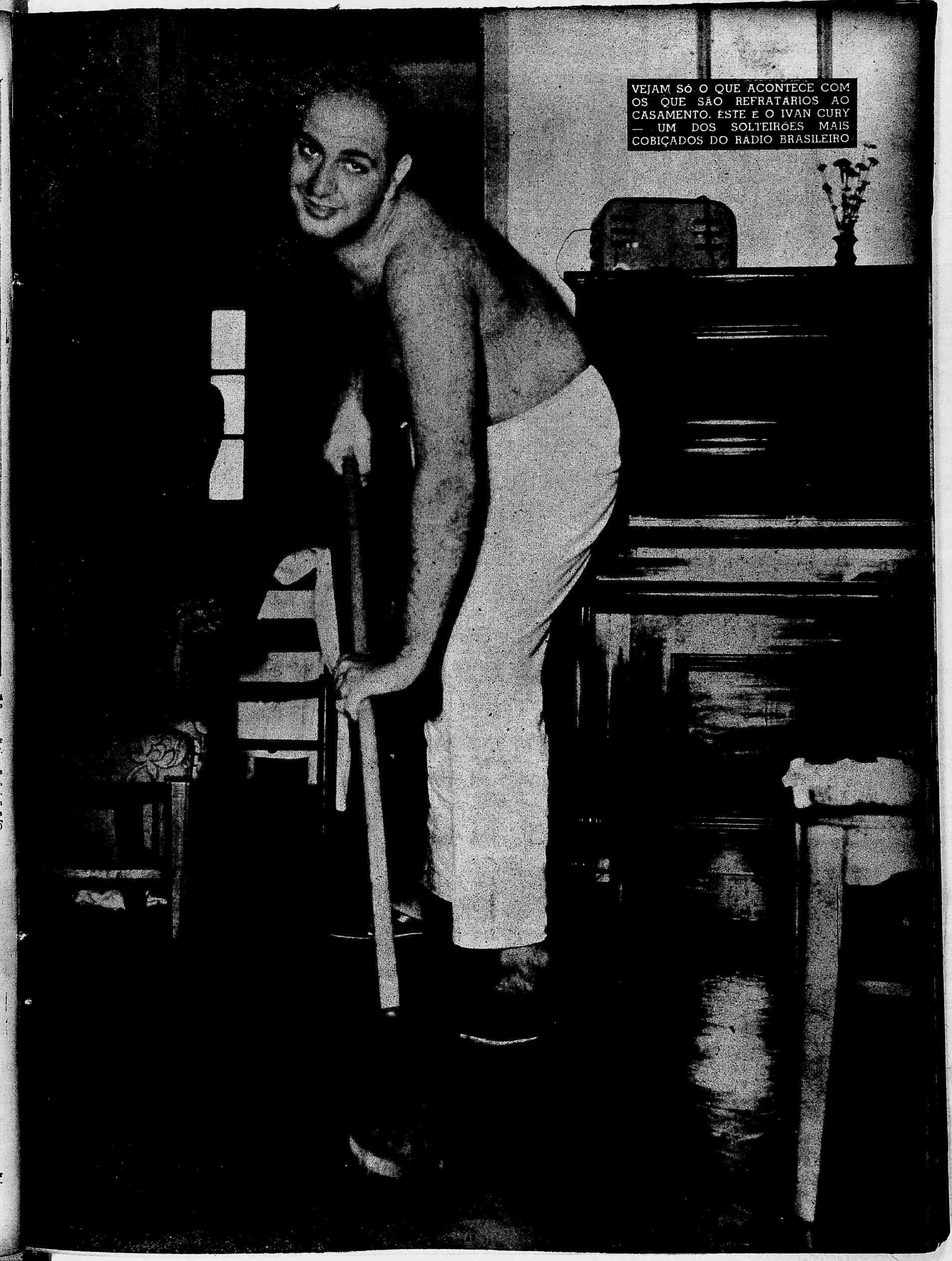
(Cont. na pág. 50)



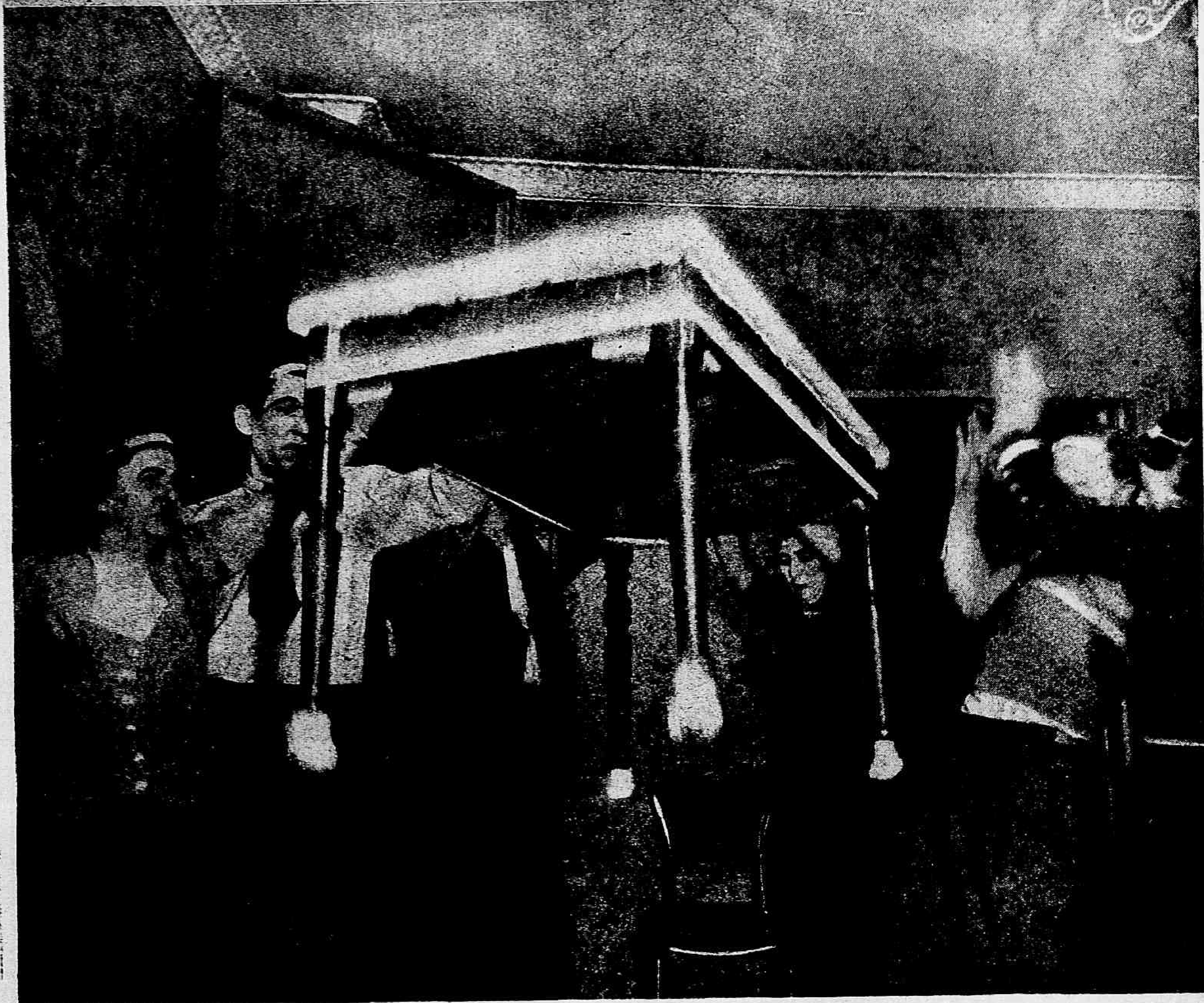
MANOEL MONTEIRO — fadista português. E' também um celibatário cobiçado... Todavia, não pensa em casamento. Como a nossa visita foi matinal encontrâmo-lo a fazer a cama.



HUMBERTO TEIXEIRA — cognominado «o doutor do baião». E' advogado e compositor de renome. Também já passou dos 30. Está pensativo, à cata da nota musical para completar o ritmo da música que estava compondo.



VEJAM SÓ O QUE ACONTECE COM OS QUE SÃO REFRATÁRIOS AO CASAMENTO. ÊSTE É O IVAN CURY — UM DOS SOLTEIRÕES MAIS COBIÇADOS DO RÁDIO BRASILEIRO



O REPÓRTER DINAMARQUÊS, Sr. Turck, é um possuidor dos fenômenos para-psíquicos. Montou êle poderoso laboratório de forças elétricas, no qual está procedendo a curiosas experiências «com forças desconhecidas». A fotografia acima nos dá uma visão do que foi a suspensão de uma mesa cercada de pessoas, inclusive o «medium» Borge Michaelsen, o que está em mangas de camisa.

FENÔMENOS ESPÍRITAS OU NATURAIS?

ANTES de morrer, Thomaz Alva Edison andou a mexer em fios e celulas foto-elétricas, desejoso de comunicar-se com os habitantes do além. Não estava enlouquecendo. Homem de ciência e possuidor de acentuado fundo religioso, crente de que a vida não termina com a morte física, Edison estava certo de que iria intentar um aparelho capaz de captar mensagens dos espíritos. Isso foi divulgado pela imprensa e não foi desmentido pelo grande inventor. Infelizmente Edison faleceu antes de chegar a bom termo, ou a desiludir-se. Agora, temos o reporter dinamarquês, Sr. Turck, que está realizando experiências incríveis com as forças "para-psíquicas" entre seu laboratório e um medium. Vejam os leitores as provas com estas fotografias.

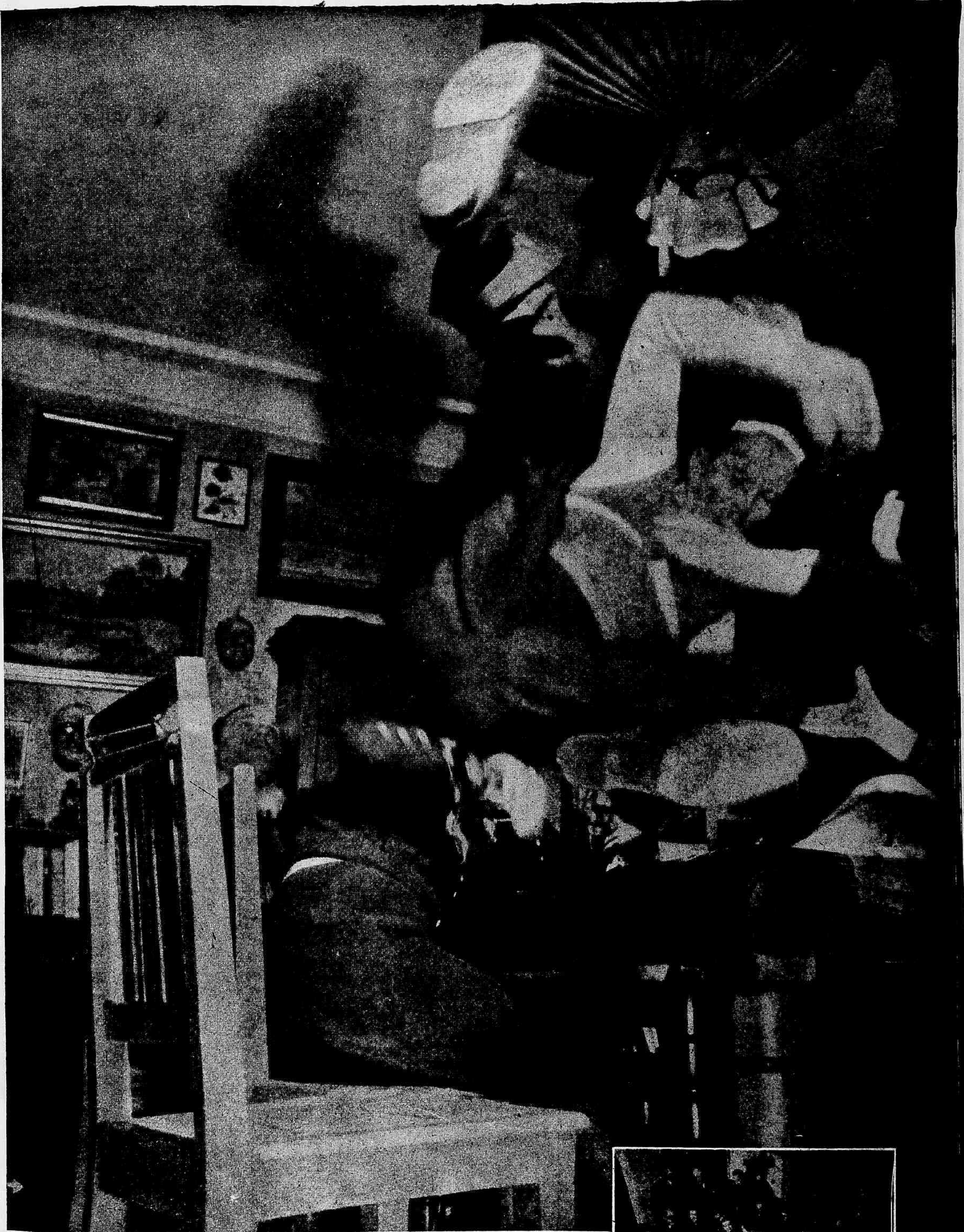








MICHAELSEN, AMPARADO a cordas, é suspenso e «vôa» acima da mesa, como se fôra um papagaio de papel. Em seguida vemos a «força desconhecida» erguer, sem auxílio direto, uma cadeira e dirigí-la por cima da mesa e das cabeças dos presentes. Por fim: a cadeira e o medium também sobem. O final da experiência foi o medium ser desvestido da calça e da camisa contra a vontade!





NA FOTO MENOR, os membros do Jury que assistiram às experiências, na outra foto um flagrante ilustrativo da «força estranha», arremeçando o medium Michaelsen por cima da mesa. O Sr. Turck declara não tratar-se de fenômeno espírita e sim científico.

MACUMBA

Novela G. de CASTILHO FREIRE

A tristeza tomou conta da Terra. Veio a sêca braba e danou em cima da vegetação, desgraçando tudo. Com a quentura, a grama perdeu o viço, capim ficou parecendo pele dos trabalhadores dos campos. O gado deu de definhar que é só osso apontado no couro. Perde-se nos campos sem rumo, ferindo os beiços nos espinhos dos cáctus. Vagueia abandonado, palmo e meio de língua de fora, penando à espera da morte. Todo o dia a sêca derruba um. A terra ressequida só dá erva ruim. Só ficou, que prestasse, as raízes no fundo da terra. Mas vai lá o gado, escravuca o chão e come o que tem de bom, deixando o pai de família sem o sustento para os filhos. As mulheres de barriga estufada, os filhos morrem antes de nascer. Os mais crescidinhos dão para comer barro, ficam com os olhos murchos, a pele amarela. A lua cheia lá em cima, faz noite boa de serenata. Não se ouvem, porém, os cantos chorosos dos violeiros derramando cantigas no violão. Estão todos de olhos puxados para as nuvens que aparecem no céu, trazidas pelo vento. Nos ouvidos só chegam lamentações. O ar quente e pesado cheira a macumba. Pai de santo convocou sessão no candomblé para pedir clemência a Nanã, que bebeu a água das nuvens. A cantiga estranha que vem da floresta diz palavras que branco não entende. As vozes falam coisas da África, que só os santos dos negros podem compreender. E' um sonolento, a cantoria repetida:

Ogun de lê lê lô
Ogun de lá lá lá

Muita gente não quis saber de reza e tratou de outra vida, que êsse mundo não tem porteira para andarilho. De quando em quando cai uma chuvinha miúda, mas desgraça pouca é bobagem. Logo vem o sol e queima tudo outra vez.

Os grilos cricrilam canto de morte. O riachão, outrora caudaloso e alegre, está despovoado e triste. O luar bate sêco no leito do rio. Não se vêem mais as águas que refletiam luminiscências, a mãe d'água penteando seus cabelos no espelho da lua. A tristeza tomou conta da natureza, os homens sofrem nas carnes a revolta dos elementos.

Apesar disso, Tonho está muito satisfeito, sentado na pedra, à margem do riachão. Bagas de suor escorrem pelo corpo, tem a garganta sêca, a mão sangrando, mas está feliz. Pai Cipião garantiu que êle terá a amizade da mulher a quem ama. Quando o sol aparecer na linha do horizonte, a mandinga estará pronta. Pai de santo bota vagueiro na cabeça da filha do coronel. A noite já vai alta e o tormento finda, não demora. O homem quando está caído por mulher não se arrenega de sacrifício.

O velho Francisco conhece como êle só as coisas da vida. Por isso, Tonho lhe pediu conselho para seu caso. O velho disse que vaqueiro não é para filha de coronel. Que Dalva foi feita para criar filho de doutor. Para tomar outro rumo que naquele corpo êle não encostava. Velho Francisco pode saber muitas verdades, mas não entende coisas de amor. Todo mundo sabe que vaqueiro não é para filha de coronel — mas o amor não sabe. E quando êle laça o coração de um cabra, não há valente que escape. Nenhuma mulher no mundo se iguala a Dalva. Não encontrará felicidade se juntando com uma cabrocha de sua iguala. Êle conhece de perto muita branca bonita, mas nenhuma se assemelha à filha do coronel. Seu corpo cheira a flor dos campos. Seus lábios devem ter a quentura de leite tirado na hora. Tonho só quer botar filho no mundo que herde sua coragem e sua fôrça. Só Dalva pode conceber um homem destemido, que tire cisma de boi, que seja o dono das caatingas.

Êle se agarrou a santo casamenteiro, fêz promessas para Santo Antônio, mas não deu jeito. Dalva é patroa, não olha para trabalhador tabaréu, sem anelão no dedo. Mas o amor que sente pela moça devora suas carnes. Se não fôr correspondido, êle morre. Morre feio — balbuciando o nome de quem não o quis, sem ter mulher para criar seus filhos.

Padre Narciso sempre pregou nos seus sermões que feitiço é bobagem, coisa de gente atrasada. Que bom cristão não acredita em mandinga. Tonho, porém, é testemunha de muita moamba que deu certo:

Certa vez deu na cabeça do compadre Beldomiro, judiar uma "feita" do terreiro de pai Cipião. Ninguém quis meter-se contra o compadre porque o homem era valente, mesmo. Tinha fama de resolver tudo às custas de ponta-de-punhal.

Pai de santo quando soube da coisa, preparou despacho com oração forte — urubu depenado com sementes de dendê — para dar azar no homem. Numa noite em que Beldomiro voltava de um reisado pisou na macumba, e foi sua desgraça. Desde aquêle dia, urubu ia secando e o compadre também. Ficou como um espêto, de tão magro. Fino que nem pé de uricanga.

Quando negro Jonga veio para a fazenda, era um tropeiro medroso e caniço. Batizou-se na lei de Umbanda e foi feito "ogan" de terreiro. O prêto se meteu a valente, finório, querido das cabrochas. Tinha tanta mulher embeiçada por êle, que as estrêlas do céu não chegam para fazer comparação. O capataz da fazenda, de uma feita, achou de engraçar-se com uma mulata dengosa do negro Jonga. O prêto, quando soube do ocorrido, não quis saber de xingamento. Foi logo acochando o aço, até o cabo, nas tripas do infeliz. Feito isso, meteu arreio num cavalo veloz e desembestou para outras bandas. O coronel distribuiu munição para quatro jagunços de confiança e mandou caçar o criminoso. Jonga estava bem de seu, tomando cachaça na tendinha da cidade, quando os cabras chegaram.

Por via das dúvidas, os jagunços foram logo tratando de manter a mira no coração do criminoso. O negro viu que não havia jeito de escapulir só com a "pernambucana" que trazia consigo. Evocou os santos do candomblé e disse para os cabras que só saía dali com o corpo pesado de chumbo. Os jagunços não quiseram saber. Fogo choveu feio de todos os cantos. O negro nem se abalava do lugar. Bala zunia nos ouvidos mas nada de furar o corpo. Os jagunços quando viram aquilo desabalaram de volta, se benzendo da tentação. Negro Jonga tem corpo fechado. Foi pai Cipião quem fêz isso.

Só a macumba vai resolver, padre Narciso há de desculpar, homem com mulher no corpo, é pecado certo. Êle soube por bôca do compadre Lério que ia haver sessão

(Cont. na pág. 51)

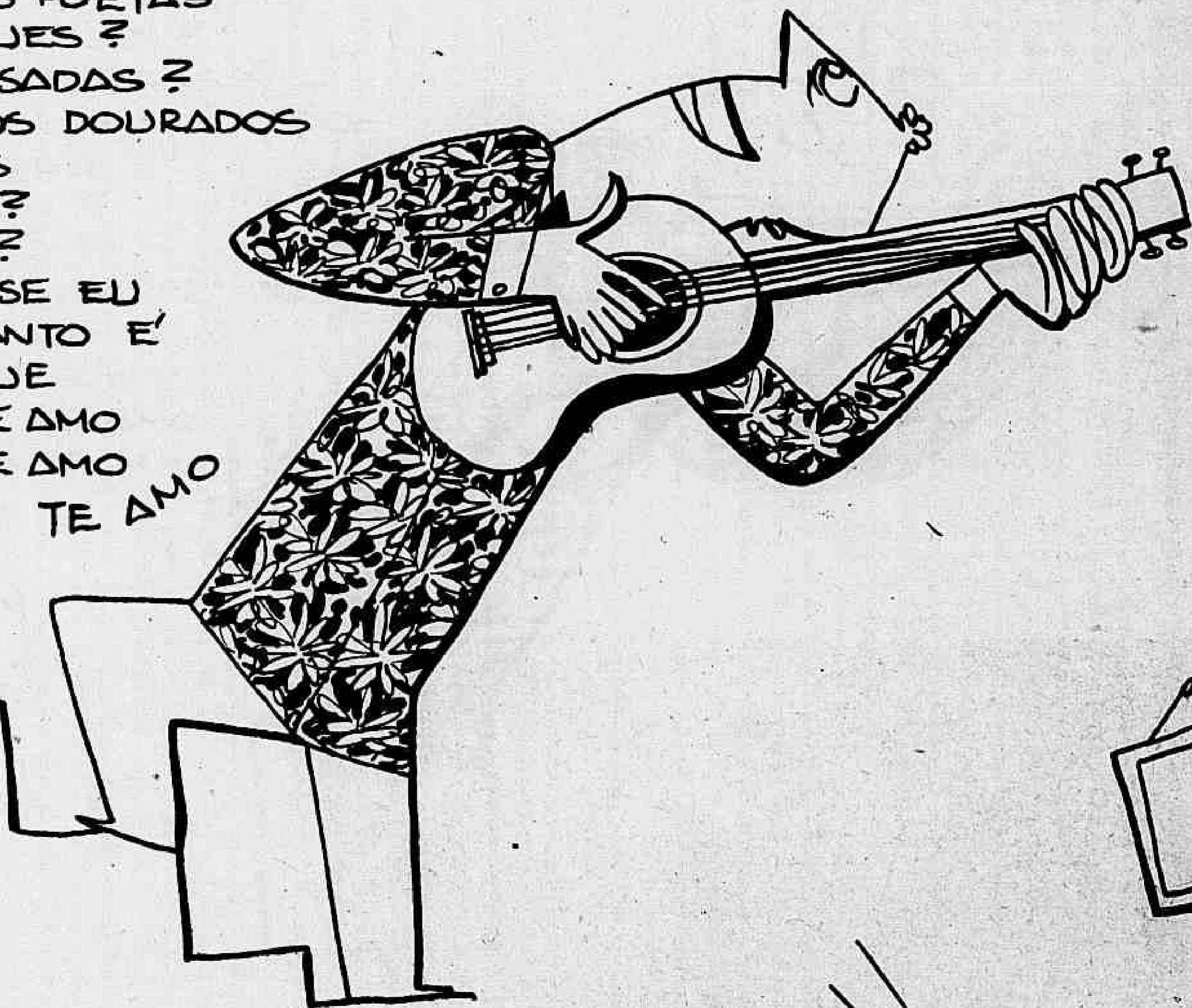


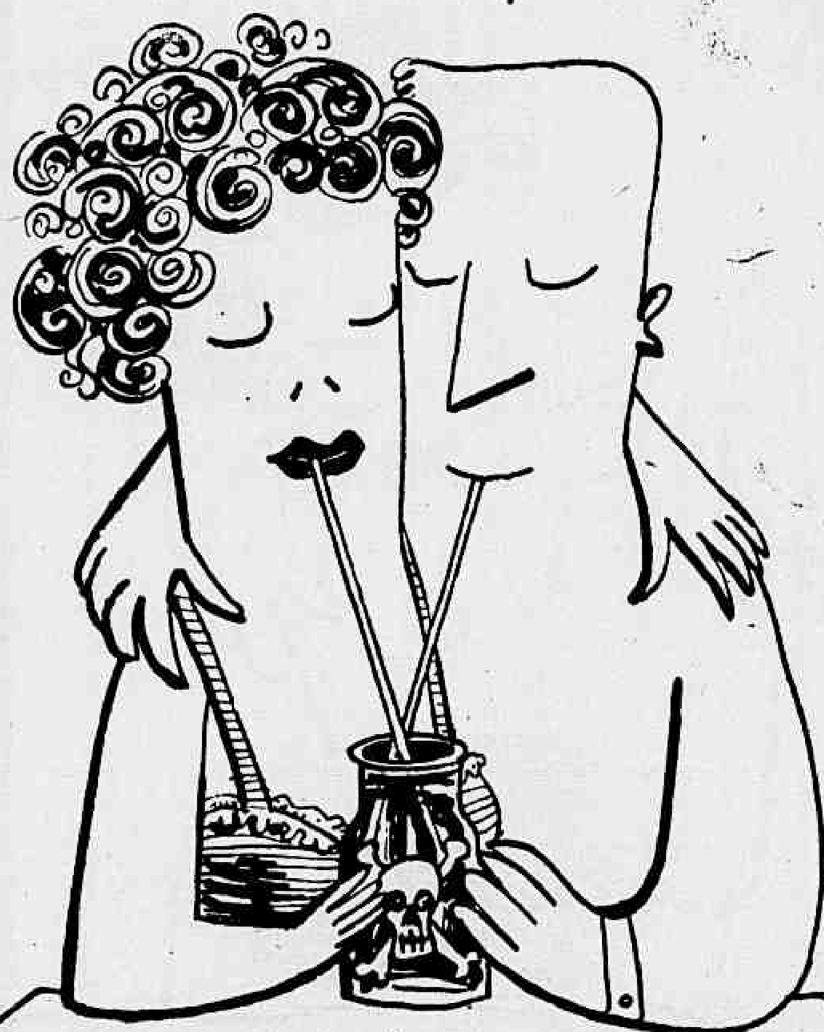
Nicodemus

MOSTRA ATÉ QUE LUGAR
VAI L'AMOUR TOUJOURS

L'AMOUR

JA' CANTARAM OS POETAS
TEUS OLHOS AZUES ?
TUAS FACES ROSADAS ?
TEUS CABELOS DOURADOS
PELOS RAIOS
DO SOL ?
NÃO ?
POIS SE EU
TE CANTO E'
PORQUE
TE AMO
TE AMO
TE AMO





SE TU
QUIZERES
TOMAR VENENO
EU TOMAREI
TAMBÉM ...

POR TI
ROMPEREI
A
TODOS
LOS
OTROS !



MAS NÃO ME PEÇAS PARA JUNTINHOS
DE MÃOS DADAS
ME DISMILINGUIR CONTIGO A FOGO LENTO
NO ULTIMO BANCO DE UM GOSTOSÃO
LA' NA RABADA
EM CIMA DO MOTOR ...



Aspecto apanhado na tribuna de honra do Hipódromo Brasileiro durante as solenidades da tarde dedicada à imprensa, vendo-se entre outras pessoas, o dr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club, e o dr. Júlio Moura, membro da diretoria.

Sociais do Jockey Club

Transcorreu com grande brilhantismo a festa promovida pelo Jockey Club, em homenagem à crônica turfista. Com oito páreos magníficos, cuja disputa decorreu lisamente e sob intenso entusiasmo, o programa tinha a animá-lo ainda, a realização do 4º Concurso Imprensa, tradicional certame instituido sob o alto patrocínio do Jockey Club, seu ilustre presidente e as mais representativas figuras do nosso turfe, entre proprietários e criadores, no qual tomaram parte todos os jornalistas filiados à Associação dos Cronistas de Turfe do Rio de Janeiro. Antes de ser iniciado o torneio, teve lugar no formoso Salão das Rosas, do Hipódromo, o almôço de confraternização, do qual participaram jornalistas, diretores do Jockey Clube, proprietários, criadores e altas figuras do nosso mundo político-social, e que decorreu sob o mais alto espírito de camaradagem. Ao champagne, usaram da palavra os Srs. João Borges Filho, presidente da sociedade, que regozijou-se pela data auspiciosa, formulando os agradecimentos da diretoria, aos jornalistas que se dedicam às atividades turfísticas. Falaram ainda, os Srs. Luiz Olímpio Belo, presidente da Associação dos Cronistas de Turfe, Brício Filho e o Sr. Daniel Fontoura.



Um grupo em que se vêem o conde Sílvio Penteado, proprietário do cavalo vencedor do prêmio Associação dos Empregados no Comércio, e o dr. João Borges Filho.



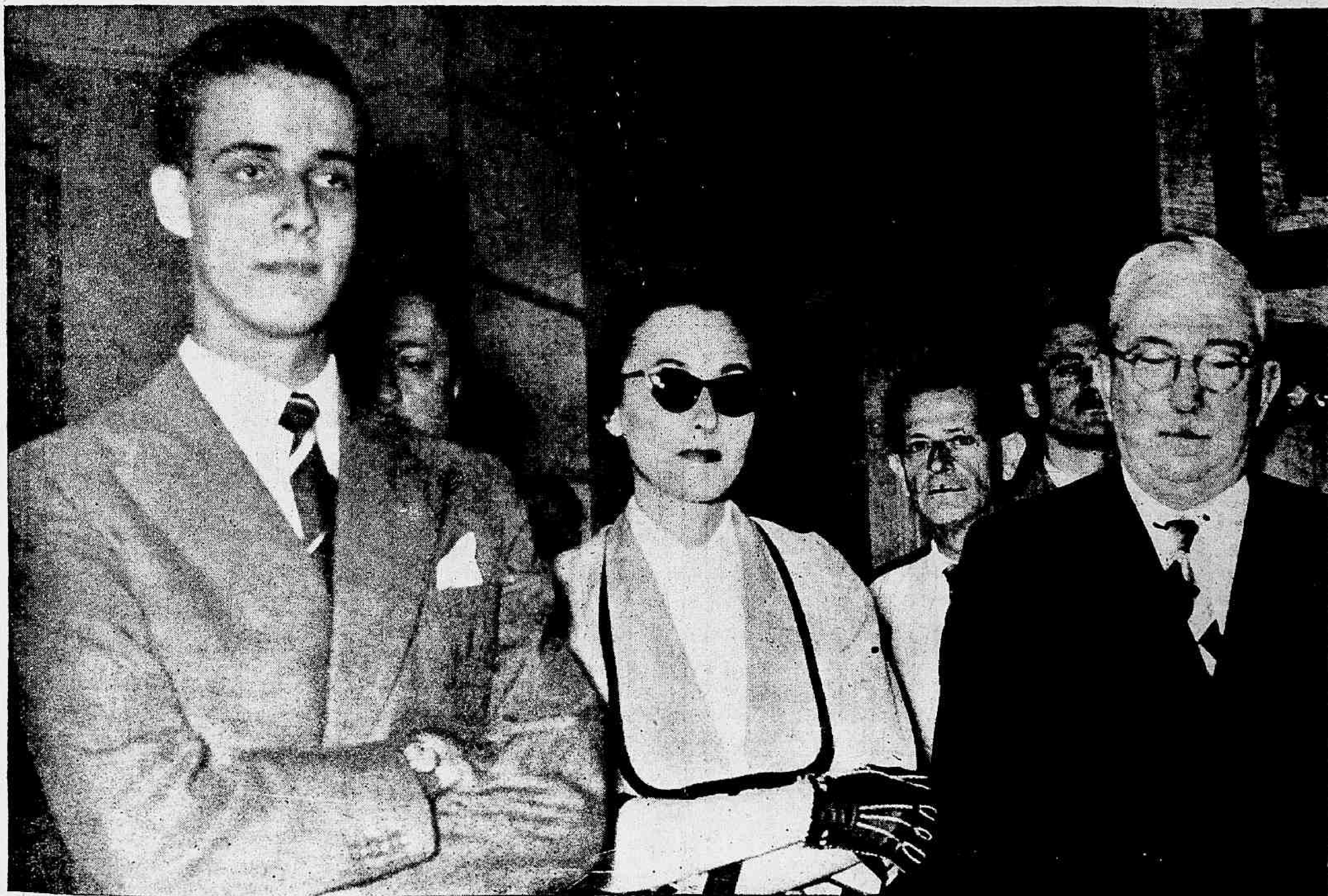
O dr. Paula Pinto falando em agradecimento ao prêmio que lhe coube, entregue durante as cerimônias do dia em que o Jockey Club homenageou a crônica turfista.

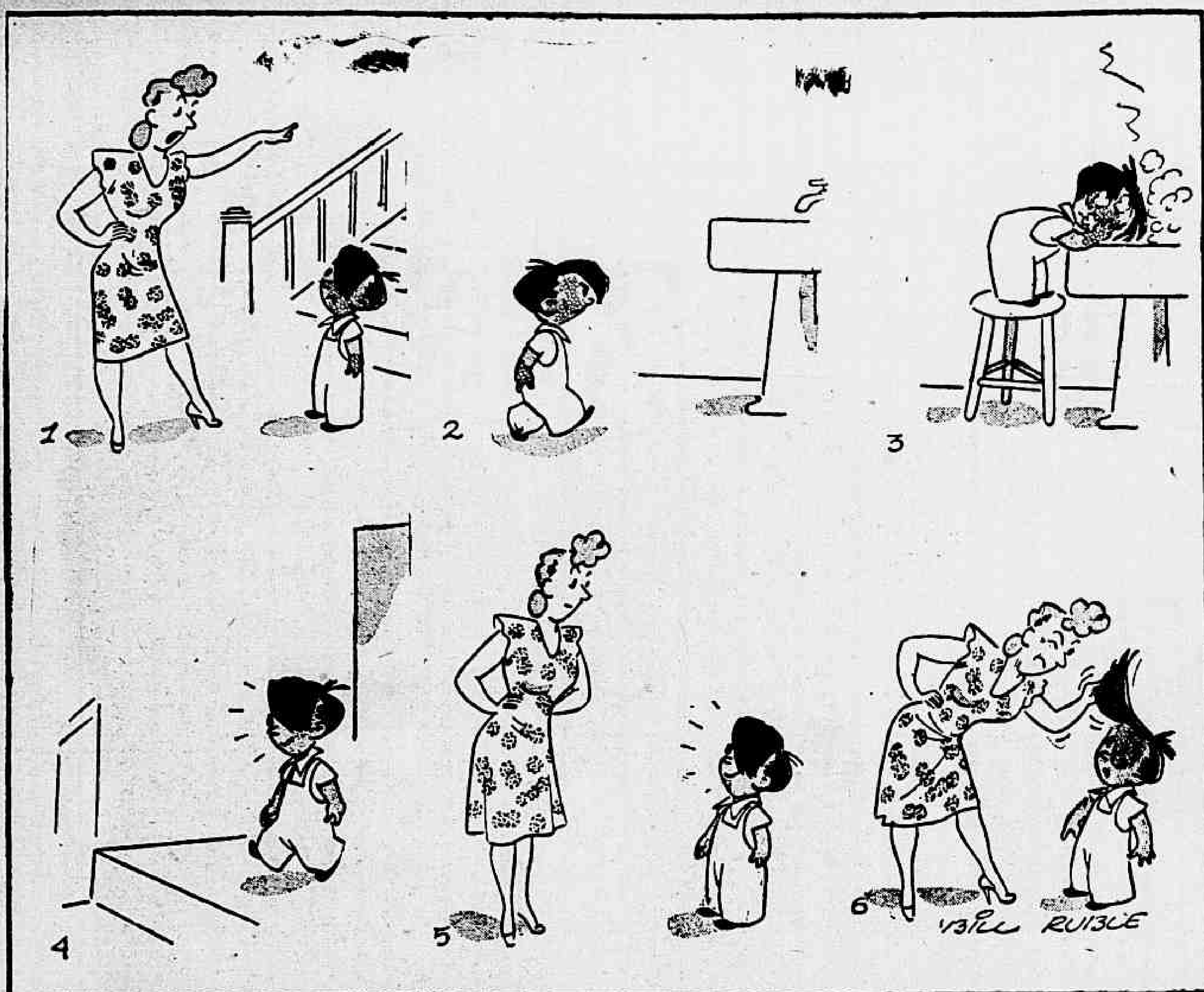


O jackey J Mesquita agradece o prêmio que lhe foi conferido, entre o dr. Peixoto de Castro, proprietário do cavalo «Otto», e o Sr. Cícero Leunroth.



Recentemente foram entregues aos seus vencedores os prêmios «Linneo de Paula Machado», destinados aos melhores trabalhos sôbre veterinária e hipologia. Na gravura ao alto vemos o dr. Otávio Dupont, a quem coube êste ano o principal dêsses prêmios, discursando em agradecimento. À esquerda do orador está o dr. João Borges Filho presidente do Jockey. Na foto de baixo, assistindo à solenidade, aparecem a senhora Heloisa de Paula Machado Libânio entre o seu irmão Linneo de Paula Machado e o dr. Parreiras Horte, um dos colaboradores do extinto dr. Linneo de Paula Machado.







BOM HUMOR



— Edi é muito discréto, não quer interferir na nossa conversa...



— G R A X A ? ! ! !



— Querido, resolvi perdoar tudo que me fizeste hoje de manhã...

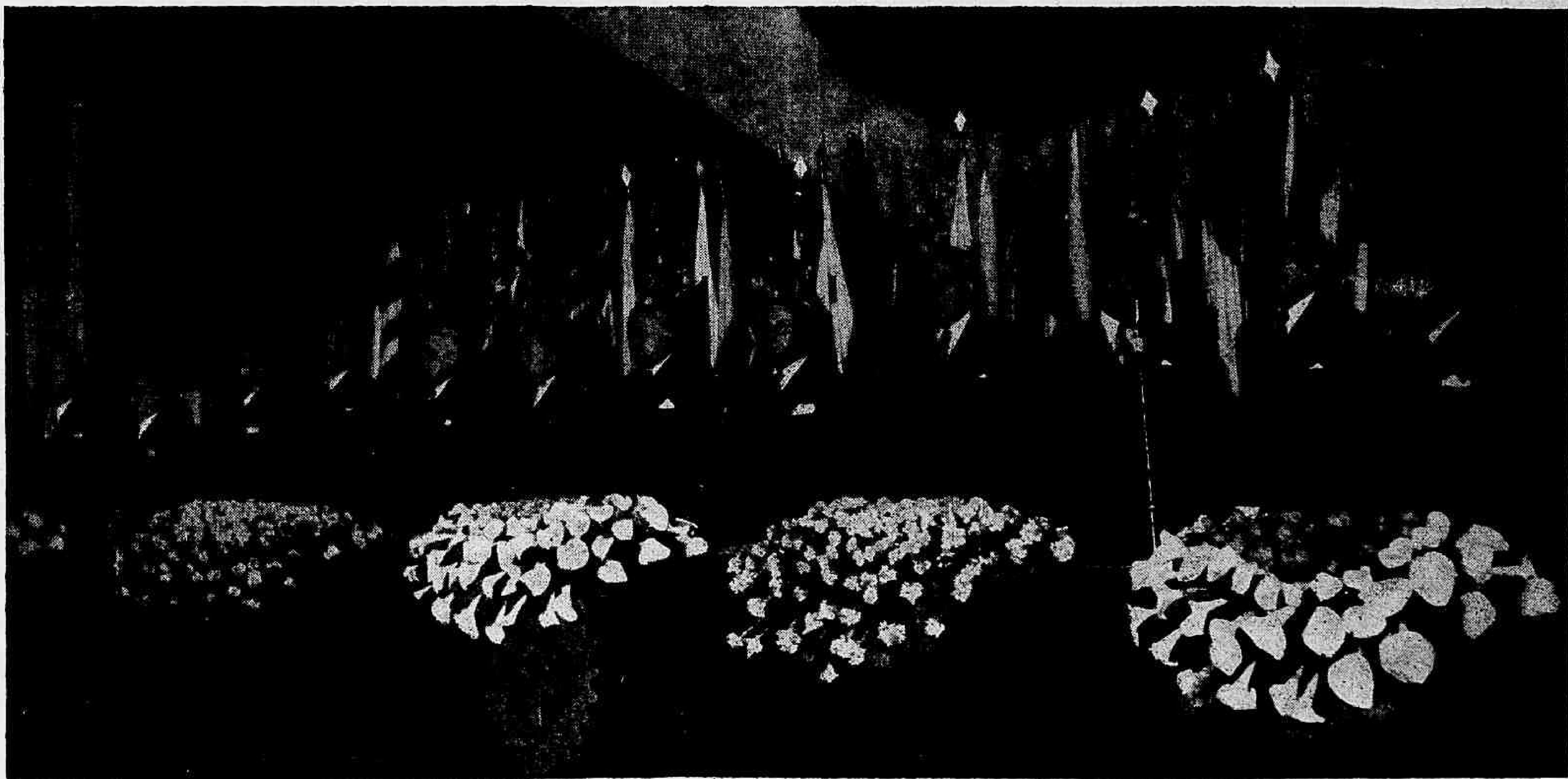





O DIA DAS NAÇÕES UNIDAS

O ROTARY Club do Rio de Janeiro promoveu grandes festividades por ocasião da passagem a 24 de outubro próximo findo do 5º aniversário das Nações Unidas. E todas essas comemorações contaram com o apoio das autoridades brasileiras, inclusive do sr. Presidente da República e das nossas classes sociais. A solenidade principal ocorreu no Teatro Municipal onde se realizou uma bela festa cívica e artística, sendo merecedor de destaque o fato da vinda ao Brasil, especialmente convidado pelo Rotary Club para essas comemorações, do sr. General Carlos P. Rômulo e senhora Virgínia Llamas Rômulo. O General Rômulo, que é rotariano, ex-ministro das Relações Exteriores de seu país, as Filipinas, e ex-presidente da IVa. Assembléia das Nações Unidas, foi alvo de expressivas homenagens não sòmente do Rotary Club e dos rotarianos como também das nossas autoridades e da sociedade brasileira. A senhora Virgínia Llamas Rômulo, que aparece com destaque nesta página, representou dignamente a mulher filipina nas festividades e foi alvo das mais carinhosas homenagens a que faz jús por seus brilhantes dotes. Outro flagrante foi tomado quando o Gen. Carlos Rômulo discursava no Teatro Municipal; outro mostra S.Ex. em palestra com o sr. Carlos Luz e, afinal, um aspecto geral da mesa, presidindo a sessão o Gen. Eurico Dutra, Chefe da Nação, tendo à sua direita o ilustre convidado e à sua esquerda o sr. Américo Campelo, presidente do Rotary Club do Rio.





A MOEDA E A CÉDULA

CONTO DE MAX NUNES — ILUSTRAÇÃO DE M. QUEIROZ

CINCO horas da tarde. O Café estava quase vasio. Alguns pares de freguêzes, e alguns outros solitários, em suas mesas, sorviam a deliciosa bebida com tôda a "pachôrra" característica da gente mineira. Uns conversavam, e outros liam os vespertinos do dia. Os dois garções, para "matar" o tempo e, mesmo, para mostrar um pouco de atividade ao patrão que se achava sentado à Caixa do estabelecimento, andavam entre as mesinhas, passando sôbre o mármore destas um pedaço de pano já bastante ensebado.

De quando em vez um novo freguez entrava, e ao arrastar uma cadeira, fazia um gesto para o garção, levantando a mão e mostrando dois dedos — o polegar e o indicador — paralelos, medeiando-os três a quatro centimetros. Era o gesto peculiar com o qual aquêles que não gostam de falar muito, pediam um cafézinho. Outros freguezes, mais apressados, entravam já gritando para o garção: — Um cafézinho, aqui ! — arrastando barulhentamente a cadeira e, enquanto liam o jornal que traziam, bebiam em goles rápidos o café, olhando sempre para os bondes que se aproximavam.

Vi, ocupando uma mesinha pouco adiante daquela em que me encontrava, dois freguezes assentados — um, aparentando os seus cinqüenta anos, porém, bem conservado, e outro, moço ainda, de óculos de lentes grossas — tendo sôbre a mesa, entre duas xícaras vasias, cujos pires já estavam cheios das cinzas de seus cigarros, um exemplar de jornal, dobrado em quatro. Movido por uma estranha curiosidade, senti vontade de ouvir a palestra daqueles dois freguezes.

— Se você quizer, podemos, cada qual, fazer um conto para concorrermos ao concurso de que fala êste jornal — disse, se me não engano, o primeiro, o mais velho.

Continuando a ocupar a minha mesa, pedi logo um outro cafézinho, para fazer jús à minha permanência ali, procurando colocar-me em posição adequada para melhor ouvir o diálogo dos dois freguezes.

— Não, — retrucou o outro, o mais moço, demonstrando o seu espírito democrático — façamos um conto só, porém, de nós dois, de parceria, assim como os compositores compõem um samba, os cantores cantam uma marcha, os filologos compilam um dicionário ou, mesmo, como os políticos traçam um acôrdo.

— A sua opinião é razoável, porém, acho que não dará certo. A nossa amizade é grande e a nossa confiança é reciproca, mas, verdade seja dita, há sempre em tudo as falsas interpretações, e caso o nosso trabalho seja aproveitado, não faltará quem queira atribuir a você, ou a mim sòmente, a sua paternidade.

— Ora, isso não constituirá dúvida, pois, nada impede que assinemos os nossos nomes.

Houve uma pequena pausa na palestra dos dois amigos, durante a qual, naturalmente, cada um com os seus botões, considerou os argumentos trocados, e enquanto um voltava alheiadamente ao jornal e o outro corria os olhos em tôrno, pedi, precipitadamente, ao garção, que me servisse um refresco, procurando, com isso, parecer-me indiferente à palestra que, embora disfarçada, mas, indiscretamente, estava ouvindo.

— Paga três em dez! — gritou um garção.

— Salta uma água tônica com limão! — secundou o outro.

E o movimento do Café foi aos poucos intensificando, os bondes na rua tornando-se mais numerosos, fazendo com o seu barulho e o zum-zum dos freguezes, gritos dos garções e tilintar da registradora, uma sinfonia bárbara, sem ritmo e desafinada, mas compreensiva e palpitante, cheia de calôr e cheia de vida, traduzindo naquele cruzamento de ruas o pulsar do próprio coração da cidade, naquela última hora de atividade do dia.

Concentrando tôda a minha atenção, procurando separar o barulho da rua das conversas dos freguezes, voltei a ouvir os dois conversadores.

— Bom, — voltou a dizer o mais moço, aquêle apologista dos dous, das parcerias — façamos então assim: eu criarei um personagem e interpretá-lo-ei, e você fará o mesmo.

— Concordo, porém, me permite sugerir-lhe outra idéia; ao invez de criarmos os personagens, busquemos então na vida real os protagonistas também reais.

— Como?

— Eu e você procuramos registrar no papel a vida de uma pessoa que conheçamos, e de antemão posso lhe assegurar que acharemos assunto digno de um grande conto.

— A sua idéia é boa, e mesmo original, mas, creio que não nos será fácil encontrar uma pessoa à altura de figurar como personagem de um conto...

Concentraram, de novo, o pensamento, e o de óculos, dando um leve tapinha sôbre o mármore da mesa, sentenciou:

— Já sei. Vamos deixar de lado essa idéia. Deixemos que cada qual viva a sua vida, mesmo porque seria indiscrição de nossa parte tornar públicas, mesmo sob o sigílo dos nomes, as particularidades das pessoas que porventura escolhessemos.

— Como faremos, então?

— Escolheremos, não seres humanos, mas uma coisa inanimada, que faça, porém, parte integrante da vida. Do que escolhermos, procuraremos sentir a sua razão de ser, interpretando as suas peculiaridades, seus gestos e movimentos, e do que observarmos, contaremos.

— Você está prólixo. Explique-se melhor.

— Tomemos, por exemplo, para personagem da história que pretendemos contar, o Dinheiro.

— O Dinheiro? Não entendo...

Eu que havia entrado naquele Café para esperar o meu bonde, sentí-me tão interessado no assunto, que muitos outros elétricos, depois daquele que era esperado, já haviam passado. Propuz-me, pois, a permanecer alí até quanto me fôsse possível.

— Sim. O Dinheiro? Exatamente, o Dinheiro... Você já pensou no drama que pode ser vivido por uma Moeda de um cruzeiro e por uma Cédula de quinhentos? Ambas, intrinsecamente, têm as mesmas finalidades, mas, vivem vidas diametralmente opostas, possuem uma filosofia de conceitos diferentes e têm destinos quase sempre bem diversos. A Moeda e a Cédula, ao serem trocadas por uma utilidade qualquer, ou no ato de passar a outras mãos, exprimem de modo eloquente, não só a sua própria peculiaridade, como deixam entrever o caráter, o sentimento e a formação moral e característica de seu possuidor.

— Você diz uma verdade. Mas como poderemos chegar a essa conclusão? isto é, como faremos, ou melhor, como nos será possível ouvir falar a Moeda e a Cédula?

— Ora, falaremos nós pelos nossas personagens!

— Assim, meu amigo, chegaremos à mesma conclusão do início de nossa conversa, aquela que regeitamos, de procurar duas pessoas e fazermos delas as personagens da nossa história.

— Não, caríssimo. Não sabe você que aos inteligentes Deus inspira; e para deleitar-lhes ou entretê-los faz falarem os pássaros, as árvores, o vento, a terra, o mar? Bilac, o príncipe dos poetas, não conversava com as estrêlas? Por que nós também não podemos ouvir falar a Moeda e a Cédula? Podemos, sim.

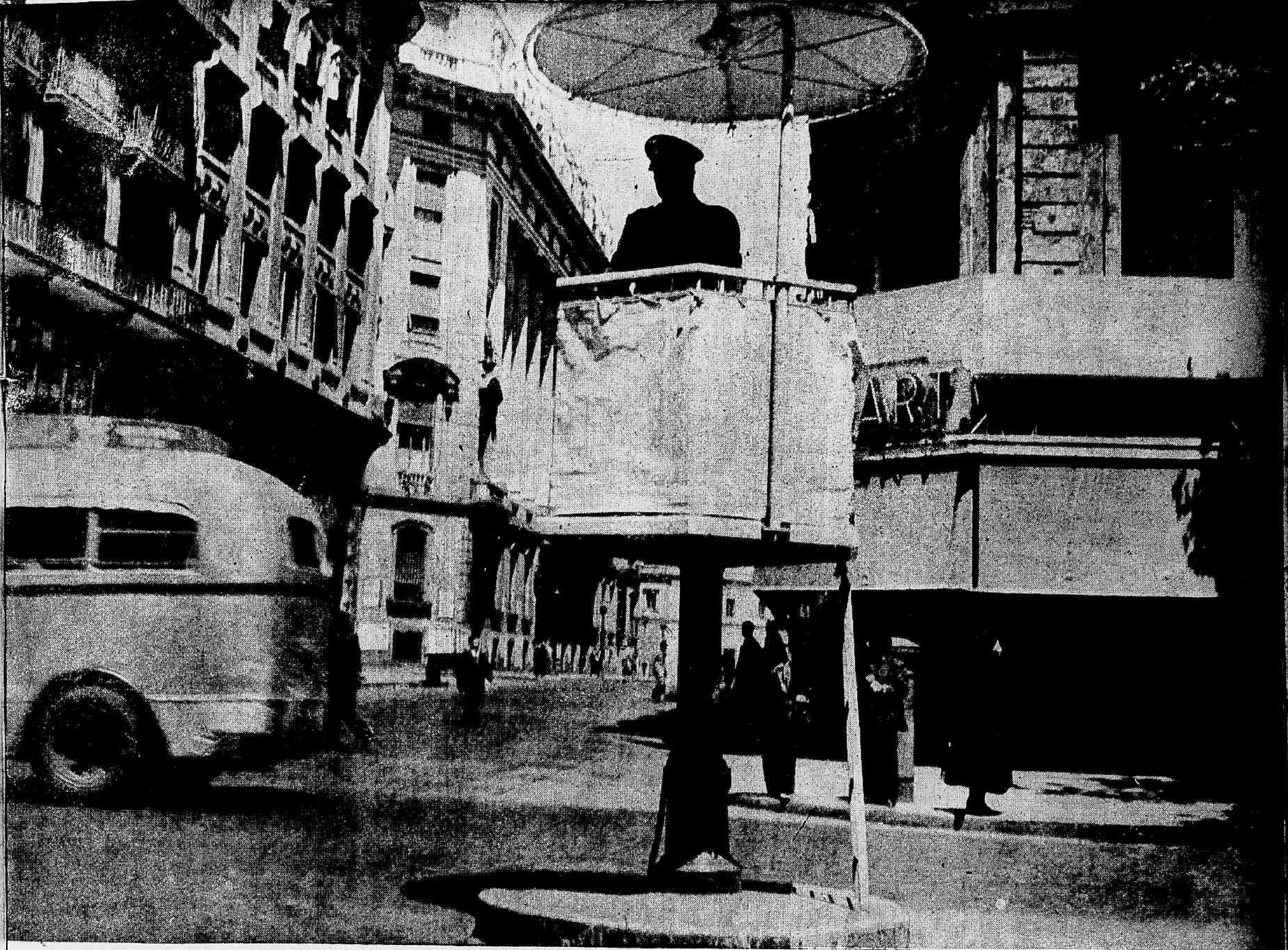
— Então, sou todo ouvidos. Explique-me a sua idéia e, sendo viável, estarei com você.

— Olha aqui, — e tirou do bolso uma Moeda de um cruzeiro e uma Cédula de quinhentos, batendo aquela em cima da mesa e esfregando esta entre as mãos — está ouvindo os estálidos suaves da Cédula e o tinido sonoro da Moeda? Apure bem os ouvidos e ouça. Estão falando.

— "Afaste-se de mim! Moeda! Não vês que eu sou a granfina do Dinheiro? Causas-me asco com o teu aspecto repelente. Não podes ficar junto de mim. Só frequento casas de chá, cinemas com ar refrigerado, clubes da alta sociedade, não ando de bonde, mas só de chapa branca ou então de táxi — eu sou a nata do Dinheiro!

— "Não estou encostando em ti, Cédula orgulhosa. Reconheço o meu lugar — retrucou a Moeda — mas não troco a minha vida pela tua.

(Continua na pág. 51)



NÃO EXISTEM sinaleiros luminosos em Buenos Aires: mesmo nos cruzamentos de maior movimento (Avenida de Mayo e 9 de Julio, por exemplo), o pedestre atravessa como pode, contornando e contornado pelos veículos às centenas, quando não prefere o «subterrâneo». Em outros pontos, o «vigilante» instala-se nêsse palanque, mas só nas horas culminantes. À noite o palanque é iluminado. Pois assim mesmo o tráfego é normal, sendo em reduzido número as «batidas» e os acidentes, o que se deve ao fato dos automóveis transitarem em reduzida velocidade, respeitando o direito dos pedéstres.

SETE DIAS EM BUENOS AYRES

A PRIMEIRA SURPRÊSA: O CIDADÃO ARGENTINO PREOCUPA-SE COM A ELEIÇÃO E POSSE DO SR. GETÚLIO VARGAS ★ BANDOS DE BRASILEIROS EM VISITA À ARGENTINA APROVEITANDO A BAIXA DO "PÊSO" ★ VINTE E NOVE TEATROS FUNCIONANDO ★ ONDE SE ACORDA, SE COME E SE DEITA SEMPRE TARDE, MAS ONDE SE TRABALHA A VALER ★ NÃO HÁ SINALEIROS LUMINOSOS E O TRÁFEGO CORRE ÀS MARAVILHAS ★ FILMES NORTE-AMERICANOS, ESCASSOS; ARGENTINOS, BASTANTE BONS ★ LUIZ TITO REPRESENTA A PEÇA "ANFITRIÃO 38" EM CASTELHANO

Texto e fotos de CELESTINO SILVEIRA

BUENOS AIRES, novembro — Viemos encontrar a capital portenha como se fôsse um prolongamento da terra brasileira, nos últimos dias de outubro. Não são, apenas, as moças e rapazes, às dezenas, que vieram acompanhando a nossa equipe de basket-ball, acrescidos de gente do Rio, São Paulo, principalmente do Sul, que está mais perto da Argentina — e aproveita a maré baixa do pêso, com ótimo rendimento do cruzeiro convertido em moeda argentina. Acontece que os próprios argentinos, damos com êles preocupados com o desfecho das apurações de votos no Brasil e ávidos de saber se o sr. Getúlio Vargas será realmente empossado. Nunca um brasileiro, nesta terra, foi alvo de tantas atenções, que partem das figuras mais ilustres às mais humildes. Desde o funcionário da Aduana, no modernissimo aeroporto que Buenos Aires possui agora, ao "moço" do hotel ou do bar em que se vai tomar o "copetin" obrigatório, todos querem saber detalhes da vida politica brasileira. E' como se o nosso destino, nos cinco anos mais próximos, estivesse como nunca vinculado ao dêste povo nosso vizinho e amigo.

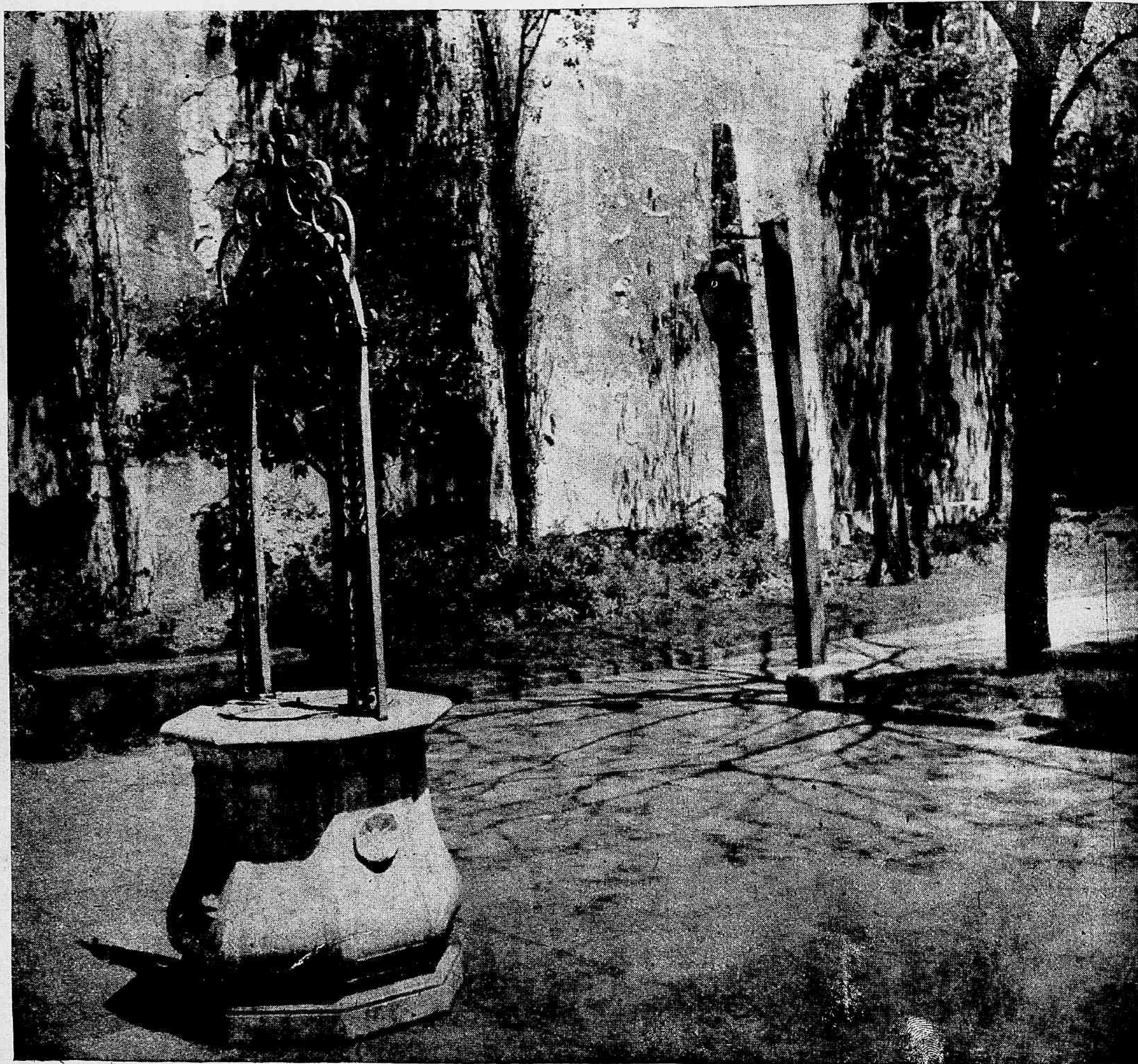
Das vêzes anteriores, êsse interêsse não se fazia sentir, e pelo contrário, notávamos senão uma frieza, pelo menos um alheamento completo pelas nossas coisas de vida pública. Nesta nova presença em Buenos Aires, a primeira surprêsa que nos reserva a grande metrópole, é a dos olhos voltados para a politica interna do nosso pais. Nas casas comerciais onde aparecem cavalheiros do Brasil ou damas para adquirir os imprescindiveis "recuerdos", há sempre um caixeiro atencioso, esforçando-se por falar português, embora confundindo "você" com "usted", tratamento que não vem a ser o mesmo, como se sabe. Artistas nos teatros de revista fazem referências amáveis a "los visinhos del Brasil", e o nome do candidato eleito para o Catete é tão familiar a êstes fidalgos portenhos como o de seus próprios governantes.

Vinte-e-nove teatros oferecem espetáculos de todos os gêneros — da ópera à revistinha em um ato tipo sessão vermouth. E os preços das localidades, como o de tantas coisas — particularmente o que se come — são reduzidos. Paga-se para assistir a uma comédia, em sessão única, menos de dez pesos, que vem a dar ao câmbio do momento, — o pêso argentino está sendo adquirido à razão de Cr$ 1,80 — menos de dezoito cruzeiros, ou seja, a metade da tabela comum para assistir no Rio a espetáculo idêntico. Saborela-se um lauto almôço em "La Cabaña",

(*Cont. na pág.* 46)



A CHAMA ETERNA, à entrada do Palácio do Congresso, acêsa pelo Presidente Peron em 18 de outubro último — «año del Libertador Gal. San Martin» — como tributo de «culto á la Constitucion».



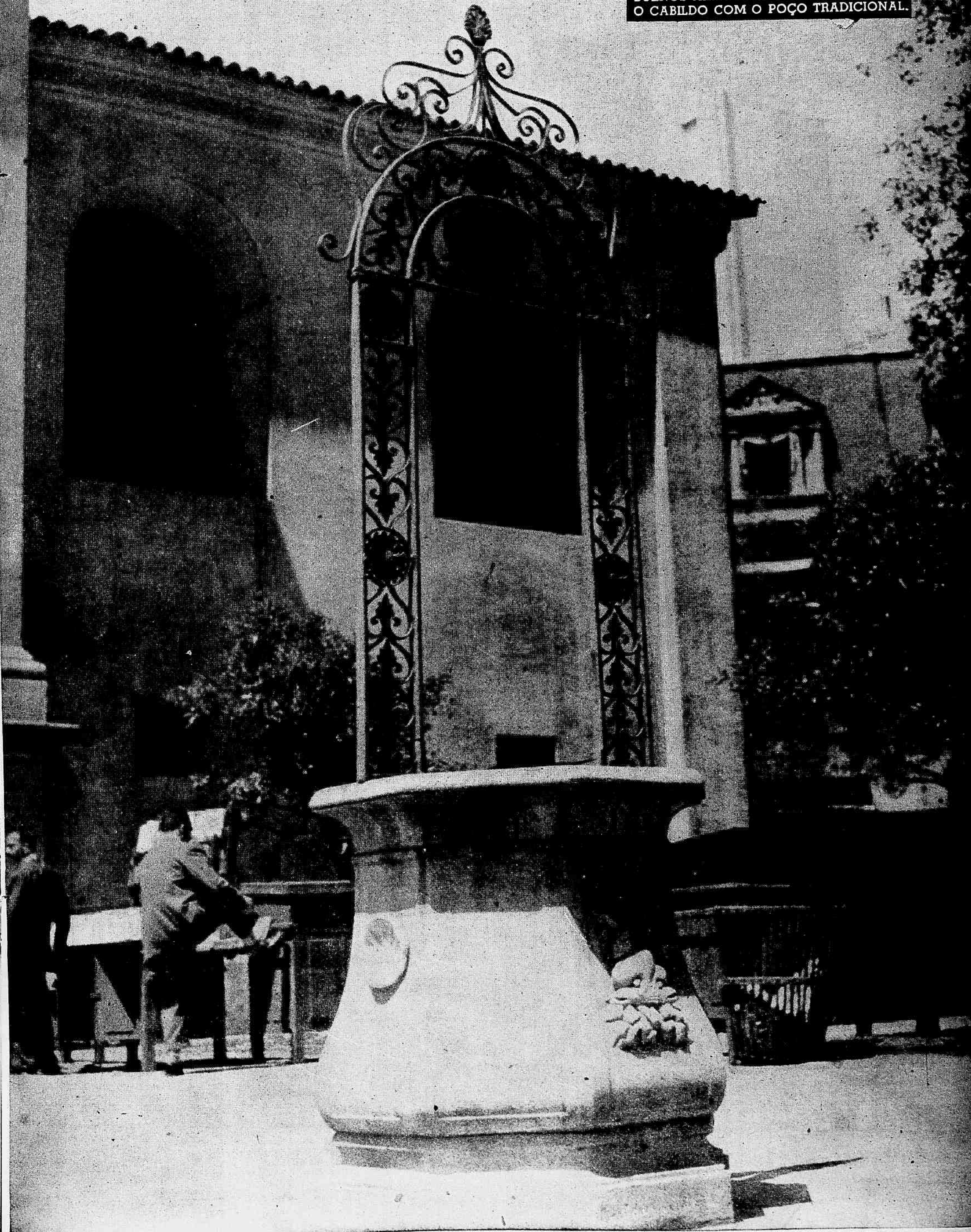
PARECE a reprodução de uma pintura a óleo; na realidade vem a ser um flagrante do Cabildo, situado em plena Avenida de Mayo, perto da praça do mesmo nome. Alí se podem ver o pôço colonial, os lampeões do mesmo estilo — e nas tardes ensolaradas, velhos e crianças distraem-se, os primeiros entregues às suas evocações, os outros aos seus folguedos. Faz lembrar nosso Largo do Boticário.



RODOLFO Sciamanka, o compositor popularíssimo de «No te engañs corazon» e «Isabelita», ladeado por um grupo de argentinos e brasileiros, entre êstes o milionário Gustavo de Matos, Raul Brunini e Sérgio Paiva.



PAINEL de homenagem ao Gal. San Martin, com dupla face, levantado na Praça de Mayo, em comemoração ao «Año del Libertador». Ao fundo, a Casa Rosada, em que se instalam os trabalhos da Presidência.



EM PLENA CORRIENTES E AVENIDA DE MAYO, UMA EVOCAÇÃO ROMANTICA DE BUENOS AIRES DOS TEMPOS COLONIAIS: O CABILDO COM O POÇO TRADICIONAL.



NOS PONTOS DE PARADA, onde se fazem as filas de quem espera o ônibus, não faltam coberturas dêsse tipo, que protegem os passageiros, do sól e da chuva. Foram instaladas por iniciativa da «Fundacion Ayuda Social Maria Eva Duarte de Peron», como advertem os dizeres estampados na lôna alaranjada. E o povo mostra-se satisfeito. Esse flagrante foi batido na Praça de Mayo. A pequena distância, pombos e crianças comungam alegremente.





OUTRA CHAMA ETERNA, ao alto, também à e
pela Sra. Eva Peron, em homenagem ao «Justici
bronze sobreposta. Em primeiro plano, e em ba
da República Argentina e sua espôsa, freq





também à entrada do Palácio do Congresso — acêsa
n ao «Justicialismo Integral», como se lê na placa de
no, e em baixo, cartazes com a efígie do Presidente
espôsa, frequentemente encontrados na cidade.





EM CORRIENTES, no Cabildo, na Praça de Mayo, em todos os jardins públicos, revoadas de pombos dão um colorido maior à paisagem graciosa da capital portenha. Ninguém seria capaz de perseguir uma dêssas avesitas que se fizeram permanentes hóspedes de honra da metrópole — e nas manhãs de domingo, um dos hábitos da população consiste em dar-lhes alimento. Os pombos são mansos, parecendo conhecer seus fiéis e generosos amigos.





CRIAÇÃO REVOLUCIONÁRIA de Raymond. Apesar das "exquisitices" sôbre a testa, êste corte torna, sem dúvida, o rosto mais jovem.

GABELOS CURTOS

SINÔNIMO DE JUVENTUDE



A OPINIÃO DE ARTHUR RAYMOND, FAMOSO CABELEIREIRO-ESTILISTA, SÔBRE TIPOS DE PENTEADOS ★ A MAIS REVOLUCIONÁRIA DE SUAS CREAÇÕES: O CORTE «OURIÇO» ★ OVOS PARA «SHAMPOO» E MASSAGENS FACIAIS.

Exclusividade de IPA — REVISTA DA SEMANA

De **IRIS LAKER**

ARTHUR RAYMOND é o mais famoso cabeleireiro-estilista de Londres. Alguns dizem que êle é mesmo um artista. Outros, por sua vez, dizem que êle foi um dos que mais contribuiu para destruir por completo a estética feminina, quando, por exemplo, criou um estilo completamente novo, uma das suas últimas inovações: o chamado «urchin cut» (corte «ouriço»). No entanto, por mais que o critiquem ou elogiem, a sua clientela inclúi nomes famosos, atualmente encabeçados pelo da elegante Duqueza de Kent, bem como famosas atrizes, e, o que é bastante interessante inclui também o nome da esposa do Embaixador Brasileiro em Londres, Madame Moniz de Aragão, que aliás, nunca deixou de dar preferência ao famoso salão de cabeleireiro da Bond Street.

Tão ràpidamente quanto nasceu, do mesmo modo, a interessante moda dos cabelos curtos tomou rumo através do Atlântico, extendendo-se a Paris e como seria justo que fosse, por toda Londres, onde as mulheres geralmente são as últimas a aceitar uma inovação como esta.

Arthur Raymond começou o seu ofício, ou a sua arte, para melhor dizer, aos 14 anos, como aprendiz, trabalhando junto com seu pae, já famoso cabeleireiro de Londres. Começou a notar que diferentes rostos exigem da mesma maneira diferentes estilos de corte. Assim por exemplo, a mulher de olhos bem distantes um do outro e de rosto arredondado necessita de um penteado ondeado ou em forma de anéis de um dos lados, formando uma linho horizontal com os olhos. Uma região temporal aprofundada exige, por seu turno, ondas sôbre a testa. Faces longas careceriam de um corte relativamente longo.

Declarou Arthur Raymond, que entre 10.000 mulheres encontra-se uma apenas dotada de rosto perfeito, e arrematou dizendo que êste fato não tem muito importância, uma vez que é uma satisfação para o artista a criação constante de novos tipos de corte:

«Entre elas se encontram as mais intrigantes e fascinantes mulheres que já tive ocasião de vêr».

(Cont. na pág. 51)



O cabelo curto ajuda muito os penteados modernos, como podemos vêr nêste penteado de Raymund, para «soirée».







As estrêlas de Hollywood também aderiram aos cabelos curtos; aquí estão três represen tantes da beleza cinematográfica com seus penteados curtos e originais seguindo a nova linha. — (Fotos Metro, Universal, e Columbia).

A VIDA DE JANE ADDAMS

1860 — 1931

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

I

EM 1881, Jane Addams ingressou na Faculdade Feminina de Medicina, em Filadélfia. No ano seguinte, entretanto, foi obrigada a abandonar seu curso científico. Uma penosa curvatura da espinha deixara-a alquebrada. O doutor prescreveu uma longa excursão pela Europa, porque ela precisava dum repouso após se ter aferrado ao trabalho no laboratório. Essa excursão estava destinada a transformar uma médica frustrada numa filósofa bem sucedida.

Foi nos bairros pobres de Londres que se sentiu pela primeira vez impelida a dedicar a vida à prática da filosofia social. Uma noite, achava-se aboletada no alto de um ônibus de turismo que andava devagar por entre as imundícies pútridas e os destroços humanos das "baixas profundezas" do East End. Uma carroça de vendedor ambulante tinha parado junto ao cordão da calçada. Uma chusma de homens e mulheres amontoava-se em tôrno dela — pobres esfarrapados, rostos cansados, exclamações rouquenhas — regateando os punhados de legumes que o verdureiro apregoava. Os restos estragados daquele seu dia de negócios para o rebotalho estragado da família humana. Lúgubre palor das lâmpadas a gás, nauseabundo cheiro de morte. Uma couve imprestável para o consumo humano foi atirada às mãos de um disputante que oferecia a "extraordinária" quantia de dois *pence*. O "felizardo possuidor do prêmio" sentou-se na beira da calçada e começou a devorar aquela couve, crua, imunda e roída dos vermes, enquanto seus companheiros menos afortunados erguiam as mãos para disputar as verduras restantes que eram mais baratas. "A impressão final", escreve Miss Addams, "não era a das roupas andrajosas e espalhafatosas, nem a dos rostos pálidos e atormentados, mas a de miríades de mãos, vazias, patéticas, sem vigor e gastas pelo trabalho, mostrando-se descoradas à luz baça da rua, e avançando a suplicar por um alimento que já não prestava para comer".

Durante a sua subseqüente estadia em Londres, Jane Addams "percorreu a cidade quase furtivamente, temerosa de olhar as ruas estreitas e os becos, e de novamente ver ali aquela pavorosa miséria humana". Uma nova fase da sua educação tivera início. Filha de ricos, ela contemplara o sofrimento do alto de um ônibus. Irmão dos pobres, desceria da sua altura a fim de poder aliviar um pouco dêsse sofrimento. Nêsse passeio noturno por Londres, Jane Addams entrara a fazer parte da "associação universal" da humanidade.

II

Quando Jane tinha três anos e meio, ao chegar uma tarde em casa, de volta dos seus folguedos, achou uma bandeira preta hasteada acima dos pilares do portão do pátio.

— Por que essa bandeira está içada aí? — perguntou.

— Morreu um grande homem, filha. O maior homem do mundo.

— Quem?

— Abraham Lincoln.

Noutra ocasião, quando seu pai mostrava-se triste e ela lhe perguntou a razão disso, êle lhe respondeu que Giuseppe Mazzini, um ardoroso defensor da humanidade, acabara de morrer. Anos mais tarde, ao escrever acêrca da sua infância, Jane Addams observou: "Eu estava cheia de orgulho por conhecer um homem que conversava com grandes espíritos".

Seu pai "quaker" era tudo para ela; a mãe de Jane morrera quando ela tinha dois anos. Era um homem notável, êsse senador e próspero moleiro de Cedarville, Illnois. Escrupulosamente honesto consigo mesmo, possuia a mais extrema das fés na honestidade dos seus vizinhos da casa. Jane sentia pesar de ser mulher. Tinha tanta vontade de crescer para se tornar um grande homem, assim como o pai! Tentava de tôdas as maneiras imitá-lo, chegando ao ponto de moer o grão debulhado tendo em vista adquirir o alcabos dele. Se alguma vez lhe dizia uma inverdade, não podia dormir à noite até que saísse do quarto e descesse a escadaria escura "para se confessar à cabeceira dele".

Êle era tão bom e grande, e ela tão desobediente e pequena! "Meu Deus, por que não lhe dais a espécie de filha que êle realmente merece?" Quando vinham estranhos à Escola dominical, ela rezava para que êles não se juntassem com "aquêle formoso homem com seu cabrito doméstico". A caminho da igreja ela deliberadamente ia com o tio, que parecia menos distinto que o pai e, portanto, era companhia mais própria para a insignificante pessoa dela.

Um dia, no entanto, seu pai dissipou êsse complexo de inferioridade por parte dela. Foi na rua principal de uma cidade próxima. Menininha ingênua, encolhida, tímida, ela ali fôra fazer umas compras com o seu tio. De repente, distinto cavalheiro com grande chapéu de sêda saiu dum banco. "Bom Deus", pensou tôda trêmula, "tomara que êle não me reconheça no meio de tôda esta gente elegante!"

Mas êle a reconheceu. Tirando o chapéu e volteando-o amplamente, fêz uma inclinação respeitosa diante da filha.

— Como tens passado, meu amor?

De tão embaraçada, Jane mal pôde falar. Disse impulsivamente:

— Não está envergonhado de mim, pai?

— Qual nada, sua bobinha, estou é orgulhoso de ti!

III

Então seu pai estava orgulhoso dela! Bem, ela tentaria, apesar das dificuldades, fazer-se *digna* do aprêço dele. Leu as *Vidas* de Plutarco; por cada uma dessas vidas que ela soubesse contar, ganhava dele cinco centavos. E estudou as vidas dos signatários da Declaração de Independência; por cada uma *dessas* vidas que ela soubesse contar, êle lhe dava *dez* centavos. Ela, porém, acreditava que de tôdas as vidas a de seu pai era a maior.

Durante tôda a carreira legislativa dele, conta-nos ela, ninguém nunca o tentou subornar, "pois os canalhas instintivamente sentiam mêdo dele".

Aos dezessete anos Jane Addams entrou no Rockford College. E aí aprendeu a venerar dois outros heróis além do pai: o sábio de Concord e o carpinteiro da Galiléia. Tão forte era sua admiração por Emerson, que "num estado de êxtase" lustrou os sapatos dum dos simples discípulos dele que pronunciou uma conferência na escola.



JANE ADDAMS

Os ensaios de Emerson induziram-na a servir a beleza. As parábolas de Jesus levaram-na a beleza de servir. Todos os domingos de manhã ela lia um capítulo do Novo Testamento no original grego. *Ali* estava uma vida para ser imitada! Ela se dedicaria, como seu Mestre, a "aliviar os aflitos e curar os doentes".

Mas ainda tinha o que aprender. Queria abraçar uma profissão "superior", tornar-se doutora, prestar auxílio com elevado conhecimento de causa. Até sua visita aos bairros pobres de Londres, não tivera a verdadeira visão da sua carreira. As bonitas palavras de Emerson e os doces preceitos de Jesus acenavam para a igual dignidade de todos os filhos do homem. Era descer das alturas da vaidade e situar-se entre os seus semelhantes. Alistar-se como soldado nas fileiras comuns da amargura.

Sua virão foi gradualmente tomando forma até se cristalizar num propósito definido. Isso aconteceu num dia em que ela estava assistindo a uma tourada em Madri. A vista da carnificina e dos aplausos brutais levantou dentro dela uma onda de revolta. Muitos e muitos sofrimentos eram causados pela crueldade humana. Ela devia fazer alguma coisa para pôr fim a essa crueldade. Afinal tinha achado tarefa concreta para realizar: construir uma "catedral de humanidade", uma escola prática de reajustamento moral.

Havia se impôsto uma difícil tarefa, uma *terrível* tarefa. Mas foi corajosamente adiante. "Façam sempre", dizia, "o que têm mêdo de fazer". E assim, inspirada na sua visão, voltou a Chicago ansiosa por tomar a peito seu novo trabalho, apesar do seu temor. A metrópole do meio-oeste aumentara, de oito mil habitantes que tinha em 1844, para um milhão em 1889. E setecentos e cinqüenta mil deles eram nascidos no estrangeiro. Chicago era um mundo em miniatura. Inglêses, alemães, judeus, negros, russos, polacos, irlandeses, italianos, francêses, escandinavos, boêmios, suíços representavam apenas algumas nacionalidades que tinham se agrupado numa única comunidade levadas pelo vento da oportunidade. Ali estavam os elementos humanos para a solução do problema da democracia prática. Êsses imigrantes haviam trazido consigo as desavenças e os preconceitos de centenas de países. Mas tinham também trazidos as esperanças e os sonhos desses países. Se Jane Addams conseguisse ensiná-los a banirem do espírito os preconceitos e a irmanarem seus sonhos, uma nova alvorada raiaria na América, um dia luminoso de justiça, de beleza, de vigor e de alegria como o mundo jamais vira.

Essa, em suma, era a sua visão. O ideal pelo qual trabalharia era humanizar e harmonizar a sociedade americana, e pelo exemplo americano harmonizar e humanizar a sociedade do mundo inteiro.

IV

Criou uma nova filosofia: a filosofia do serviço social. O que êste mundo precisa, dizia ela, não é uma "elevação" dos imigrantes pelos americanos, mas uma ligação mútua de estrangeiros e nacionais, uma interdependência das classes. Sentia que os ricos e igualmente os pobres tinham muito a ganhar com o seu contato recíproco. Os ricos precisavam ser mais humanos; e os pobres precisavam ter mais confôrto.

Tendo em vista fundamentar essa teoria abstrata numa base de fatos concretos, alugou uma pequena casa em Halsted Street, a zona de Chicago assolada pelas poeiras da indústria e pela miséria material. Chamou êsse seu oásis de *Hull House,* devido ao nome do seu arquiteto e anterior ocupante. Uma aprazível e confortável morada, com amplas peças, lareiras e uma varanda por três lados. Mobilou as peças com "luxuosa simplicidade", lindas mesas, divãs convidativos, estantes de livros, quadros e antiqualhas que adquirira na Europa; tudo, enfim, que uma pessoa abastada desejaria para uma casa particular. Após o que, abriu as portas de par em par e exibiu um afável convite ao público. "Todos que estais famintos, entrai e comei. Todos que estais cansado, entrai e repousai".

A princípio a população dos arredores — "uma mixórdia de cortiços sujos e infectos, estábulos asquerosos, telheiros em ruínas, antros de bebida, môscas, bicharedo e crianças" — encarava desconfiada aquela "curiosa americana" que viera morar ali naquela "casa estranha e bonitona". Que queria ela dos moradores da zona com os seus convites? Êles não estavam acostumados àquelas coisas das classes "altas". Devia haver alguma armadilha por trás daquele sorriso dela. O melhor era se manterem afastados daquela casa.

Alguns mais corajosos, entretanto, aventuraram-se a entrar na casa e toparam, para seu espanto, com um ente humano semelhante a êles. Aquela senhora de Halsted Street não era "mucambeira", mas uma vizinha camarada. Falou-se muito no milagre, e pouco a pouco se tornaram mais freqüentes as "visitas" à Hull House. Um dia uma grega embarafustou pela casa com uma criança doente nos braços. Seu marido estava ausente, no trabalho. Ela não tinha dinheiro nem para remédios nem para pagar médico. Miss Addams conseguiu o médico e comprou os remédios; e a criança foi salva. Em outra ocasião uma jovem italiana de quinze anos, recém-casada, fugiu do marido para a Hull House, em virtude de a ter êle maltratado porque ela perdera a aliança. Miss Addams chamou o marido, fêz um sermãozinho amigo ao casal e lhe deu a quantia para uma nova aliança, do que resultou saírem marido e mulher felizes da vida, de mãos dadas.

Não tardou muito que a senhora de Halsted Street se tornasse a conselheira não oficial de todo o distrito. "Essa senhora rica é quase tão atenciosa como uma mulher pobre". Nenhum serviço a prestar aos seus vizinhos era humilde demais para ela realizar. Não só *superintendia* o trabalho da casa, mas ajudava ativamente —, e, o que era mesmo mais importante, de bom grado — a *execução* do trabalho. Abriu uma creche para os filhos das mães que trabalhavam nas fábricas. Nessa creche alimentava, distraía e cuidava as crianças à razão de cinco centavos diários por cada uma. "Vocês compreendem, isto não é caridade. Estão pagando bem pago o serviço". Para as crianças mais velhas ela organizou um jardim da infância, também a cinco centavos por dia, onde elas eram não só alimentadas e distraídas, mas igualmente educadas.

Quanto aos pais e mães dessas crianças, Miss Addams investigou-lhes as necessidades e verifi-

(Cont. na pág. 60)



REFLEXÕES

E' mais fácil crer do que não acreditar e, por isso, a vida está cheia de desilusões.

★

As pesoas que cultivam o passado nem sempre são sentimentais. O culto dos dias idos é muitas vêzes uma prova de mediocridade. Quem não sabe renascer a uma vida nova só é digno, realmente, do convívio opaco do tempo perdido.

★

Há uma explicação para tôdas as covardias e para tôdas as falsidades. O próprio Judas explicaria o seu equívoco. Há na humanidade maior boa-fé do que Platão supunha, quando pregou a devoção à verdade.

★

As mulheres se queixam das desilusões de amor, mas se esquecem de que os homens não as iludem — elas é que se iludem com alguns homens.

★

E, por falar na mulher e no amor: o amor, apesar do que disse Sthendal, não conhece gradação — existe ou não existe, totalmente.

★

E' curioso também observar as contradições da alma feminina em matéria sentimental: elas acreditam mais fàcilmente em duas mentiras complexas e elaboradas do que na mais simples das verdades. O êxito de Casanova estava nisso.



SAIAS E BLUSAS

UM dos trajes mais práticos para quem trabalha ou estuda são as saias e blusas, que dão elegância e permitem diversas variações. **Blusa em seda com mangas três quartos e saia justa, com grande macho, em veludo. Blusa de cóz, usada por fora da saia, em tecido estampado e bem franzida. Saia godé em cetim com grandes bolsos laterais, usada com blusa de seda branca, com a frente recortada, formando desenhos. Conjunto prático, saia justa com bolsos formando duas abas e blusa de mangas japonêsas com o decote e os punhos abotoados.**









DECOTE AMPLO, saia bem rodada, são as características dêste modêlo de Joan, para o Verão.



MODELOS DE JOAN CRAWFORD

JOAN CRAWFORD, a querida estrêla da Warner, atesta a sua elegância através destes encantadores modelos. Blusa de cetim branco. mangas amplas, enfeitadas na frente com babados da própria fazenda. Saia godé subida, decote quadrado, enfeitado com veludo. Vestido em tafetá com saia bem ampla. Corpo justo, recortado e alças juntando-se na frente. Elegante modêlo em brocado com saia godé e corpo justo formando transpasse e com alças cruzadas no peito.







ALGUNS encantadores modelos esportivos são aqui apresentados para que você os inclua no seu guarda-roupa de férias. Ao alto, à esquerda, temos um modêlo em duas peças confeccionado em linho azul marinho, bolsos amplos, cintura ajustada; à direita, em cima, modêlo em côres vivas, calças curtas, casaco em linho creme; em baixo outro modêlo bastante cômodo, em duas peças, blusa em cambraia branca bem decotada e sem mangas, "short" em shantung marron ou azul-marinho; finalmente, à esquerda, sugestivo conjunto em três peças para suas férias no campo, blusa branca em fazenda leve, "short" em linho grenat, casaco em lã encorpada, azul com gola e bolsos bem amplos, três botões de madeira na frente, cinto em pelica preta.





PARA AS FÉRIAS





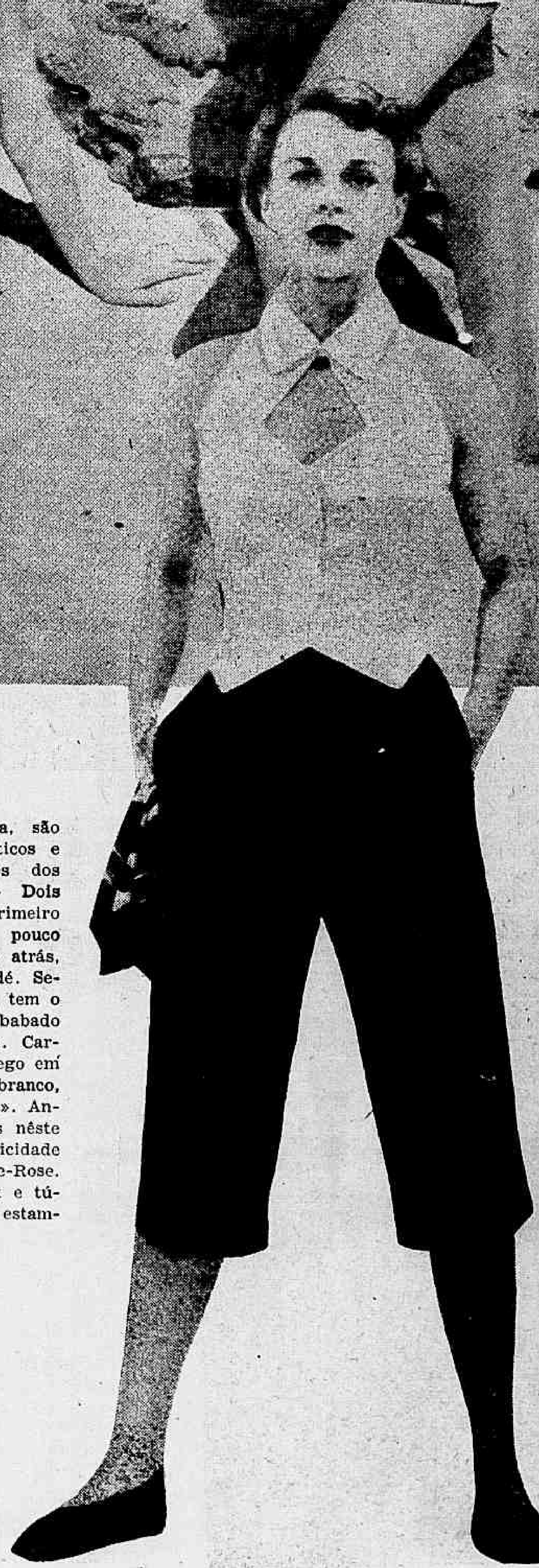




PARA A PRAIA



PARA a temporada de praia, são necessários «maillots» práticos e modernos como estas criações dos mais famosos costureiros. — **Dois** modelos de duas peças. O primeiro tem o «soutien» inteiro, **um pouco** franzido e as calças de lastex atrás, formando na frente ligeiro godé. Segundo modêlo, em rosa pálido, tem o «soutien» enfeitado com um babado e a calça bem justa, franzida. Carven criou esta túnica estilo grego em seda e o «maillot» inteiro em branco, enfeitado com fazenda de «pois». André Ledoux combina dois tons nêste modêlo de nylon, com elasticidade natural. Criações de Marie-Rose. Maillot côr de ouro em lastex e túnica estilo grego em algodão estampado.









MODELOS SÓBRIOS



ESTES vestidos caracterizam-se por suas linhas simples e sóbias e por serem confeccionados em tons escuros. Dois modelos para tarde em seda leve. Modêlo em seda com mangas compridas e saia justa, bolso na saia e no corpo bordados. Modêlo com saia bem justa formando do lado uma espécie de franja, com a fazenda recortada. Vestido de faille com mangas três quartos e saia formando cinco babados. Duas peças, composto de saia e blusa de seda branca, saia em linho beije, pregueada.











RENDA

NA confecção dos vestidos leves é muito empregada a renda, de tôdas as qualidades. Vestido de mangas japonêsas com grande gola e saia-aberta. O vestido de dentro é em fazenda escura e sem alças. Modêlo bem justo, sem mangas e com decote quadrado. Sobre-saia em organza. Vestido sem alças com ampla, roda com bodero de faile preto. Vestido exótico em renda «Chantilly» preta, e branca, mangas bem franzidas.







DE HOLLYWOOD

DE HOLLYWOOD chegam-nos estas fotos em que podemos vêr que os «maillots» peça única voltam a imperar no gosto feminino, relegando ao segundo plano os famosos «bikinis» duas-peças. Nas fotos acima temos três modelos apresentados por Vera-Ellen e Esther William (M.G.M.), sendo um em lastex estampado e os outros dois em lastex liso, e em baixo, Ann Blyth (U.I.) com um sugestivo modêlo em jersey cor de vinho.



Promesa



EXTRATO · LOÇÂO · PÓ DE ARROZ

· MYRURGIA ·

ESTÁ À VENDA

O Album de "A CENA"

CINEMA-RÁDIO-TEATRO E MÚSICA

À Venda em tôdas as Bancas de Jornais

O ÁLBUM CONTÉM:

— Muitas fotografias coloridas e muitas outras numa só côr, porém tôdas em tamanho grande.

— Fichário completo dos artistas, biografias e curiosidades a respeito dos mesmos.

— Artigos especiais escritos por Alex Viany, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Alberto Conrado e Leon Eliachar.

PREÇO: Cr$ 25,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio à Cia. Editora Americana R. VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

WEEK-END



Virginia Mayo, convidou Michael O'Shea para um chá e ela mesma fez o bolo... (Foto W.B.)

BÔLO DE AVEIA

2 xícaras de aveia, 1 xícara de nata, 2 ovos, 1 xícara de açúcar, 1 pitada de sal e de canela, 2 xícaras de farinha de trigo, 4 colheres de chá de fermento em pó, casca ralada de 1 limão, 4 a 5 figos cortadinhos e 1/2 xícara de corinthos. Mistura-se a aveia com a nata e deixa-se amolecer durante 8 a 10 horas. Misturam-se em seguida os ovos com o açúcar, o sal, a canela, a casca de limão, os figos e os corinthos, e juntam-se a aveia e a farinha peneirada com o fermento. Põe-se a massa em fôrma bem untada e assa-se durante 50 a 60 minutos.

BÔLO DE BISCOITOS

125 gr de farinha de trigo, 125 gr de açúcar, 2 ovos, 3 colheres-de-café de água, casca ralada de limão, ou outros temperos e marmelada. Batem-se as gemas, o açúcar, a água e os temperos, por espaço de 1/4 de hora mais ou menos até formarem uma massa porosa; juntam-se a farinha e as claras bem batidas, às colheradas. Põe-se esta massa, na grosura de 1 dedo, em uma assadeira forrada com papel untado e leva-se ao forno quente durante 60 minutos, até ficar de côr alourada. Tira-se do forno e vira-se depressa sôbre uma tábua sêca polvilhada com açúcar, espalha-se uma camada fina de marmelada e enrola-se em seguida.

O espalhar da marmelada deve ser feito ràpidamente porque esfriando a massa, esta quebra ao enrolar-se. Depois de bem frio, polvilha-se o rôlo com açúcar ou cobre-se com um glacê de açúcar ou chocolate e corta-se em fatias.

BREZELN DE BAUNILHA

200 gr de manteiga, 80 gr de açúcar, essência ou açúcar de baunilha, 300 gr de farinha de trigo, 1 ôvo, sal, glacê de açúcar.

Bate-se a manteiga com o açúcar, com a baunilha e com as gemas. Depois de se obter um creme espumoso, juntam-se as claras bem batidas e a farinha peneirada, à qual se pode juntar 1 colher de fermento em pó. Deixa-se a massa descansar durante 1/2 hora, fazem-se rolinhos da grossura de um lápis com o feitio de um B maiúsculo e levam-se ao forno quente. Enquanto quentes passa-se um glacê de chocolate.

LINGUA À MILANESA

Tome uma língua fresca, escalde, tire as peles, apare, corte em fatias enviezadas e iguais e ensope. Retire do môlho, passe em farinha de trigo, depois em ovos batidos, em pó-de-pão torrado e frite em banha quente. Desengordure o môlho do ensopado, ligue com 2 gemas, ½ cálice de vinho, junte pedacinhos de presunto e sirva na molheira. Pode juntar alcaparras.

Arrumação: Deite os croquettes no centro de um prato, em pirâmide, e ao redor uma çroa das fatias de língua, umas repousando sôbre as outras. Enfeite com os galhos de salsa frita e sirva o môlho ao mesmo tempo.

PUDIM DE LEGUMES

Cozinhe n'água e sal: aipim, batatas inglêsas, batatas-doces, chuchus, cará, cenouras, um nabo e um pedacinho de abóbora. Deve predominar o aipim. Passe tudo pela peneira, junte 2 ovos batidos, 1 colherzinha de manteiga e deite numa fôrma untada de manteiga e polvilhada com pó-de-pão torrado. Leve a assar no forno até soltar da fôrma. Tire do forno um pouco antes de servir, para que fique um pouco mais firme.

Arrumação: Ponha o pudim no centro do prato e ao redor a carne em rodelas. Sirva o môlho à parte.

GALINHA DE MÔLHO PARDO

Quando matar a galinha apare o sangue num prato fundo com ½ xícara de vinagre. Limpe e corte a galinha em pedaços e leve a fritar em 2 colheres de banha quente. Depois de bem dourados, junte uma colher rasa de açúcar, 1 cebola picadinha, e umas 24 cebolas pequeninas, e deixe dourar também. Adicione ½ colher de farinha de trigo, misture no fogo alguns instantes, junte 1/4 de fôlha de louro, cheiro e sal e molhe com 1 ou 2 copos de água. Se a galinha fôr velha, deite mais água e deixe cozinhar em fogo brando até ficar macia. Poucos minutos antes de servir, junte o sangue aos poucos e leve ao fogo brando, para que fique aveludado, sem deixar ferver. Sirva com as cebolinhas inteiras ao redor.

REFRÊSCO DE LARANJA

Descasca-se uma laranja que se pica em quadradinhos que se deitará em um copo. Junta-se uma colher de sopa de açúcar e deixa-se até tomar gôsto. Em seguida, junta-se uma colher de sorvete de baunilha e sôbre êste uma colher de creme Chantilly. Por fim, enche-se o copo com sifão ou limonada. Serve-se imediatamente.

COROA DE FRUTAS COM SORVETE

Em fôrma com o formato de anel, deita-se uma camada de sorvete de creme de baunilha e, sôbre esta camada se deitam frutas em compota ou conserva, das quais se deve ter tido o cuidado de deixar escorrer bem a calda. Em seguida, coloca-se outra camada de sorvete, outra de frutas e, por fim, outra de sorvete. Enquanto se enche a

NA COZINHA

fôrma, esta deve estar no gêlo. Quando a coroa estiver pronta, vira-se. Esta coroa pode ser guarnecida ainda com creme Chantilly, o que lhe melhorará o gôsto e lhe dará mais belo aspecto.

POLENTA AU GRATIN

Prepara-se uma polenta que se despeja ainda quente em uma fôrma comprida e estreita. Quando estiver fria, vira-se e corta-se em fatias de 1 cm de grossura. Colocam-se estas fatias em fôrma untada com manteiga e vão se esparramando pedaços de manteiga e queijo ralado sôbre esta polenta. Por fim, rega-se com dois ovos batidos, levando-se ao forno para corar.

ARROZ COM COMPOTA E SUSPIRO

Prepara-se um arroz comum. Cobre-se com suspiro e compota. Leva-se ao forno por alguns instantes, para corar.

SARDINHAS ENFEITADAS

Arrumam-se as sardinhas em um prato, dispondo-as em fôrma de grade. Regam-se com môlho vinagrete e guarnecem-se com alcaparras, argolas de cebola e salsa picada.

SALADA SUIÇA

Tomam-se 2 a 3 fôlhas de alface que se cobrem com maionese. Sôbre estas fôlhas, coloca-se uma rodela de tomate, outra colher de maionese. Por cima de tudo colocam-se cuidadosamente 4 cabecinhas de aspargos.

SALADA DE QUEIJO

Corta-se o queijo em fatias bem finas, acrescentando-se-lhes um pouco de cuminho e cobrindo com môlho vinagrete. Esta salada é muito apreciada em reuniões de senhoras e serve-se com vinho branco.

MÔLHO TÁRTARO

Cebolas, pepinos em conserva, sardinhas, salsa e cebolinha. Pica-se tudo muito bem, acrescentando-se ao môlho maionese. Este môlho toma o sabor dos ingredientes.

FRIOS (ASSADOS E SALSICHAS)

Aproveitam-se restos de assados que se cortam em fatias finas e que se arrumam estèticamente juntamente com fatias de salsichas.

TORRADAS

1 k de farinha de trigo, 120 gr de manteiga, 100 gr de açúcar, 2 ovos, 3/4 de litro de leite, 28 gr de fermento fresco e uma pitada de sal. Com êstes ingredientes, faz-se uma massa, formam-se alguns rolos que se colocam em assadeira untada e polvilhada com farinha de trigo. Deixa-se descansar em lugar quente, pincela-se com gema batida e deixa-se assar em forno médio até tomar uma cor alourada. No dia seguinte corta-se em fatias grossas e leva-se ao forno quente para tostar dos dois lados.

BÔLO COBERTO

200 gr de farinha de trigo, 200 gr de açúcar, 3 ovos, caldo e casca ralada de um limão, 2 colheres de chá de fermento e um pouco de leite ou água. Bate-se 1/4 de hora o açúcar, as gemas, a casca e o caldo de limão. Mistura-se o fermento com a farinha, passa-se por uma peneira e junta-se ao creme, batendo-se mais um pouco. Se a massa estiver muito fresca, sêca, adicione-se um pouco de leite ou água.

Juntam-se por último as claras batidas em neve, ponha-se a massa em fôrma de abrir, bem untada, e cubra-se com uma camada de frutas de compota: maçãs, pêras, ameixas, morangos, pêssegos ou outra qualquer fruta da estação. Vai assar em fôrno meio quente.

N. B. — Ao assar, a massa cobre as frutas.

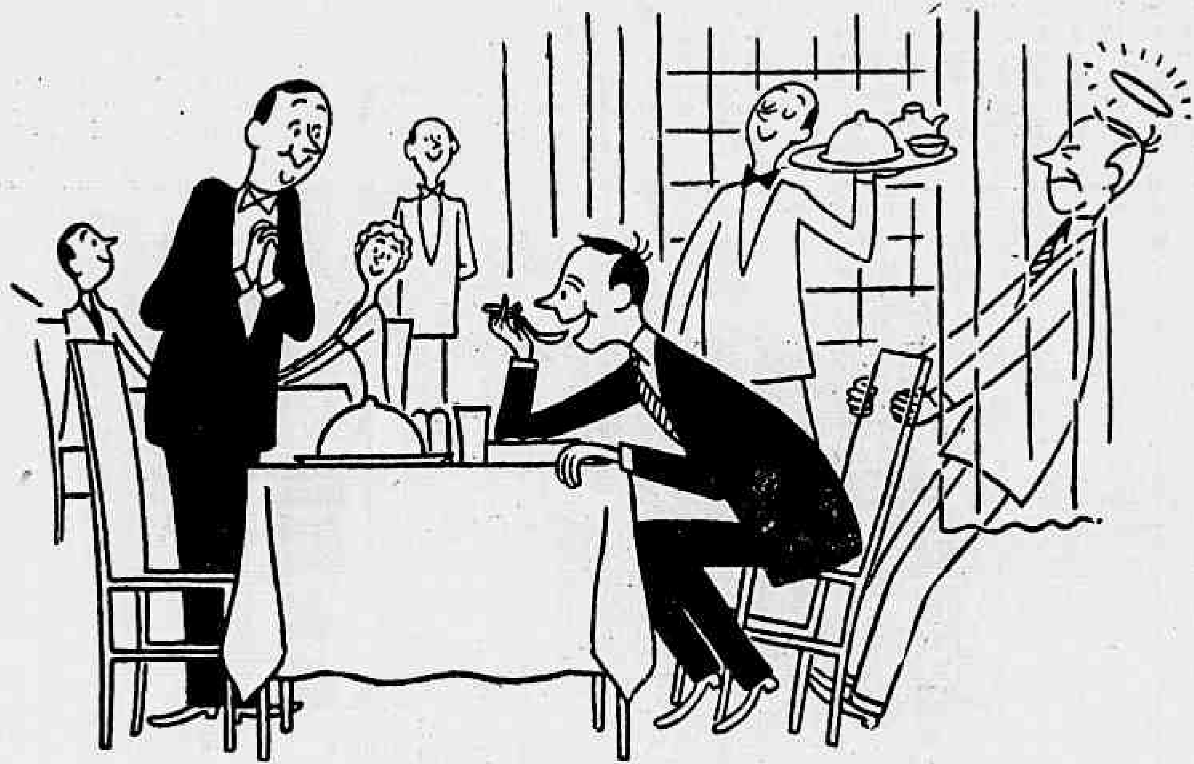
TORTA DE UVAS

500 a 700 gr de uvas, 4 ovos, 125 gramas de amêndoas raladas, 125 gramas de açúcar. Bate-se o açúcar com as gemas, juntam-se as amêndoas, misturam-se as uvas e por último as claras batidas em neve. Põe-se êste creme sôbre a massa espalhada em uma fôrma de torta bem untada e leva-se ao forno por espaço de ½ hora. Da mesma forma pode-se fazer tôdas as outras tortas de frutas.

TORTA LEVE DE BISCOITOS

4 ovos, 150 gr de açúcar, 80 gr de farinha de batata, 60 gr de farinha de trigo, casca ralada de limão e uma ponta-de-faca de fermento em pó.

Bate-se 20 minutos o açúcar, as gemas e a casca do limão, em seguida põem-se a farinha peneirada com o fermento e as claras bem batidas. Coloca-se a massa em fôrma de abrir untada e polvilhada com farinha de pão e leva-se ao forno por espaço de 30 a 40 minutos. Esta torta de biscoitos presta-se bem para ser recheada com creme.



"Mamãe, quando é que vou começar a usar Kolynos?"



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais. Esses ácidos são a causa principal das dolorosas cáries. Numerosas provas científicas, realizadas por famosas Universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi até 92% das bactérias que formam os ácidos causadores das cáries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes escovando-os com Kolynos depois de cada refeição.



1. *Logo que despontar teu primeiro dentinho, começarás a usar Kolynos. Tens que proteger-te desde cedo contra os ácidos bucais que provocam as cáries.*



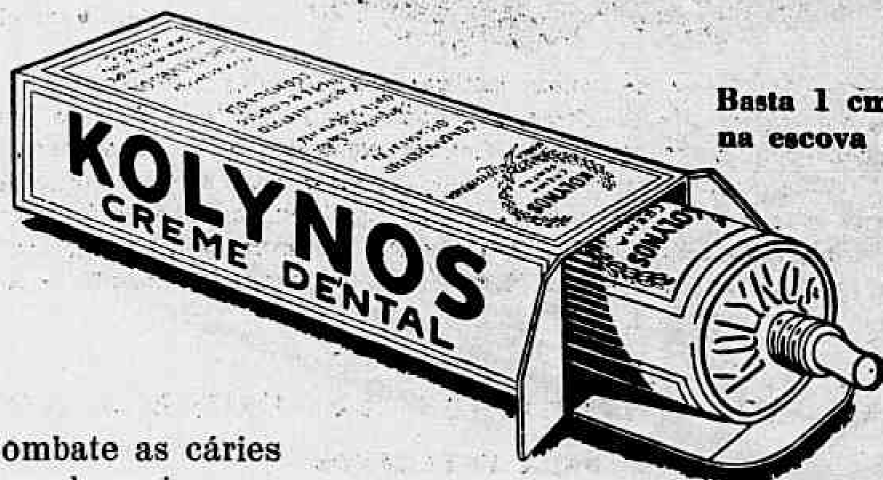
2. ***Não chores, meu bem! Mamãe te fará usar Kolynos e não terás que sofrer. Kolynos destroi as bactérias que produzem os ácidos, causadores das cáries.***



3. *Além disso, Kolynos te tornará mais bonitinho, porque Kolynos clareia os dentes, perfuma o hálito, limpa melhor tua boquinha e embeleza teu sorriso.*



4. ***Por tudo isso, mamãe te fará usar o creme dental Kolynos. Serás uma Kolynos-ista, e, se o continuares sendo, quando tiveres 18 primaveras, sorrirás tão feliz como agora.***



Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais.

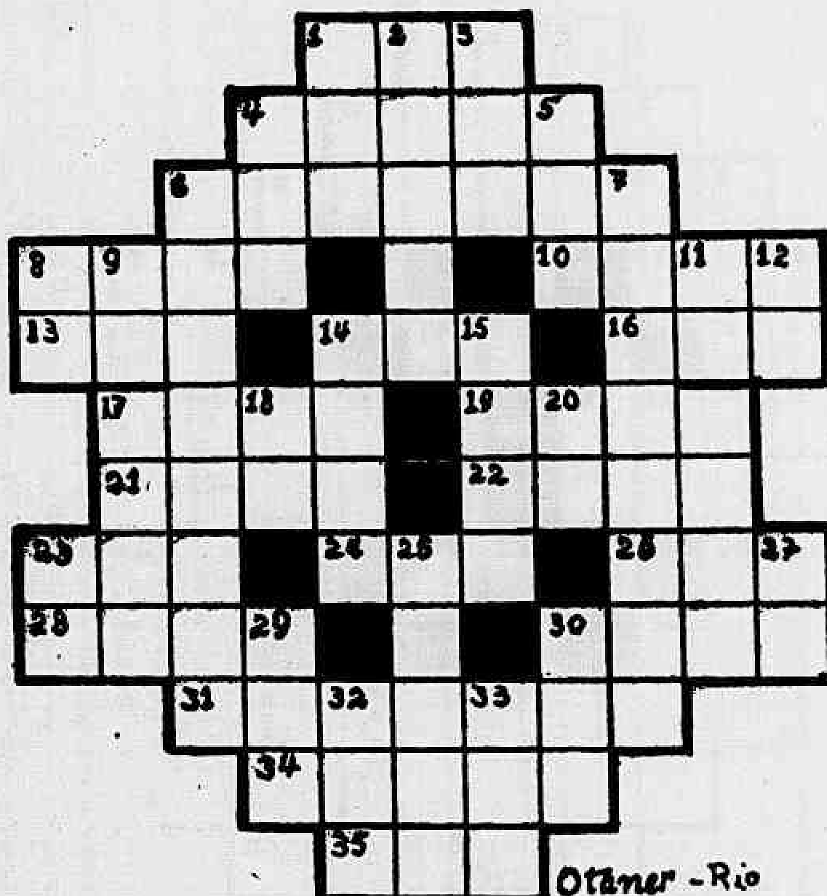
Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-410-P

PALAVRAS CRUSADAS

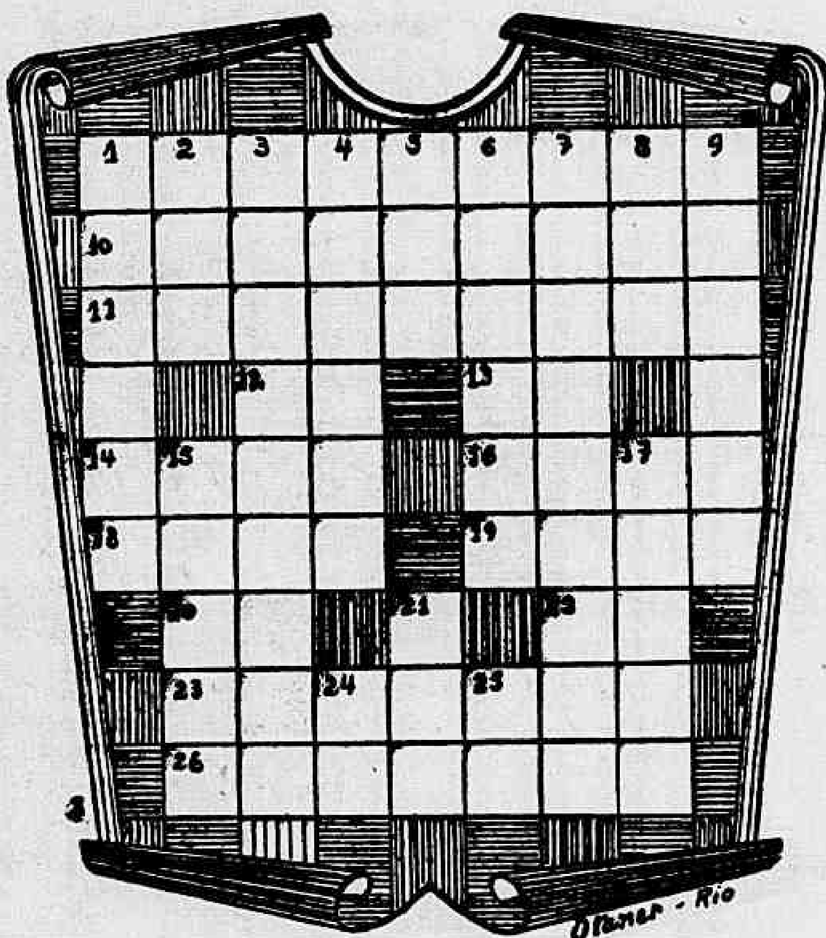
Problema n. 29 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS — Oposto ao bem — 4. Emudecer — 6. Contentamento — 8. Primeira letra do alfabeto grego — 10. Elo — 13. Atilho — 14. Ensejo — 16. Prefixo que significa três — 17. Terceiro — 19. Vassourar o forno depois de aquecido — 21. Faz versos — 22. Instrumento de suplício em forma de X — 23. Isolados — 24. Cloreto de sódio — 26. Liga — 28. Cálculo — 30. Lavrar — 31. Que tem flor — 34. Sêca — 35 Interjeição de afirmação



VERTICAIS: — 1. Genitora — 2. Carrasco — 3. A casa — 4. — Tribo — 5. Esteiro do rio — 6. Máxima — 7. Biombo — 8. Outra cousa — 9. Medida de capacidade de um decímetro cúbico (pl.) — 11. Indicação ou emenda de erros num impresso — 12 — Estudei — 14. Ligeireza — 15. Verbal — 18. Preposição — 20. Artigo plural — 23. Variação pronominal — 25. Quarto mês — 27. Aragem — 29. Folha de palma — 30. Membro de ave — 32. Rezo — 33. Composição poética.

Problema n. 29 — PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. O que preserva de malefícios — 10. Que conduz — 11. Que tem o caráter de absoluta generalidade — 12. Demônio, entre os tibetanos — 13. O Senhor, o Absoluto na filosofia indu — 14. 19.ª letra do alfabeto árabe — 16. Cidade do Iraque — 18. Respira dificilmente — 19. Quebradiço — 20. Medida japonêsa de pêso — 22. Interjeição de apêlo, chamamento — 23. Tribo indígena das margens do Juruá — 26. Manifestação de um sentimento de benevolência, simpatia ou de ironia, que se faz sorrindo.

VERTICAIS: — 1. Diz-se de cousas antigas abandonadas ou extintas — 2. Títulos que se dava antigamente ao chefe de banato na Hungria — 3. Que produz ácido — 4. Terreno sem mata, mas com árvores esparsas — 5. Reme para trás — 6. Animal que vive quase sempre no ar — 7. Família de plantas dicotiledêneas — 8. Prefixo que traz a idéia de posterioridade local ou excesso — 9. Calcáreo composto de grãos esféricos semelhantes a ovos de peixe — 15. Façanha militar — 17. — Ornato de escultura — 21. Netuno — 24. Cidade da Caldéa — 25. Símbolo no níquel.

Soluções dos Problemas do número anterior:

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Abascanto — Cacaleiro — Universal — Da — Is — Rain — Taft — Arfa — Acro — Me — Ei! — Aruanás — Sorriso.

VERTICAIS: — Acuera — Ban — Acidífero — Savana — Cie — Aerita — Nissáceas — Tra — Oólito — Armas — Friso — Mar — Ur — Ni.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Mal — Calar — Alegria — Alfa — Anel — Lio — Azo — Tri — Três — Raer — Rima — Aspa — Sós — Sal — Ata — Esmo — Arar — Oloroso — Árida — Olé!

VERTICAIS: — Mãe — Algoz — Lar — Clã — Ria — Aforismo — Anteparo — Al Litros — Errata — Li — Asas — Oral — Em — As — Se — Abril — Ar — Ola — Asa — Oro — Ode.

SETE DIAS EM BUENOS...

(Cont. da pág. 27)

hoje popularíssimo no Brasil, mercê do seu consagrado «baby-bife», regado a vinho muito razoável, tipo nacional, com sobremesa e todos os pertences, por menos de cinquenta cruzeiros, e ao menos para quem salta em Buenos Aires trazendo na algibeira algumas notas do Banco do Brasil, a vida não lhe será madrasta por uma ou duas semanas.

Ainda em relação a teatros — encontramos «As árvores morrem de pé», com um total de setecentas e cinquenta representações consecutivas. O original de Casona, que aí no Rio valeu por uma consagração a mais creditada no acêrvo de bons serviços prestados pela sra. Conchita de Morais ao teatro brasileiro, promete ficar em cartaz ainda por vários meses. E assistimos, no Império, situada longe do centro, em Ayacucho, anexo à Rádio Belgrano, à estréia da comédia «La Heredera», a mesma que ao sair do Rio deixamos Bibi Ferreira ensaiando no Fênix. Foi um bonito espetáculo — mas outros de alta categoria se oferecem em dezenas de casas de diversões que não teremos tempo de visitar.

O Luna Park agasalha quarenta-e-cinco mil pessoas entusiasmadas com o desenrolar do campeonato mundial de basket. Pena que os rapazes brasileiros não tenham levado até final com a mesma felicidade suas primeiras «performances». Não deixa de ser melancólico vir até aqui, tão longe, para assistir às derrotas inapeláveis dos componentes da nossa delegação. Mas, para compensar, Buenos Aires deu-nos a assistir o espetáculo empolgante de vibração e entusiasmo do seu povo, madrugada alta, desfilando pelas «calles» e avenidas, a queimar archotes improvisados com as últimas edições dos vespertinos, em comemorações delirantes pela vitória final da sua equipe. O seu a seu dono... E uma vez mais um «team» brasileiro baqueou quando um punhado de risonhas esperanças despertava no coração de nós todos. Quase se repetiu aquela inesquecível tragédia do Maracanã...

★

O que também surpreende na vida dêste povo, é a sua pronunciada tendência para acordar tarde, comer tarde, divertir-se até madrugada alta e, consequentemente, recolher-se ao vale dos lençóis tardíssimo. A cidade desperta como tôdas as outras, movimentada, alegre, tôda em agitação fremente, para os que têm deveres imediatos a cumprir — mas a maior parcela da população, a de melhor poder aquisitivo, sai tarde de casa. E sabe que a ela voltará também muito depois de pôr do sol. O horário das refeições anda espantando os rapazes cariocas e calouros nesta visita ao Prata. Ao meio-dia não é hora de almôço para ninguém. Às sete da noite, estamos apenas no horário dos aperitivos, e o salão de jantar, nos hotéis e grandes restaurantes, não acusa movimento apreciável antes das nove. Por isso também os espetáculos de teatros e cinemas se estendem até mais longe, e por volta de uma-e-meia da madrugada, o movimento é intenso, nos bairros, bem entendido. Há falta de táxis nesta terra. Um que aparece, estacionando para despachar o passageiro, vê-se imediatamente tomado de assalto por novos candidatos a outras corridas, mas as tarifas são extremamente baixas. E a solução do problema de trânsito, numa capital de três milhões de almas, é favorecida com o serviço preciosíssimo dos «subterrâneos». Por dez ou vinte centavos, faz-se debaixo do solo um percurso maior que o da Galeria Cruzeiro a Copacabana.

Não são modernos nem muito confortáveis, talvez por isso — porque há várias linhas de «subterrâneos» — os bondes elétricos e ônibus. Nos momentos de «rush» percorrem o seu tinerário repletos, transbordantes, com maior número de passageiros em pé do que sentados.

Mas o portenho não se preocupa com essas dificuldades, viajando como pode e quando pode, submetido ao horário, escravo de suas obrigações e tirando o rendimento máximo de suas atividades. Diga-se o que se disser, esta gente trabalha com vontade. Sente-se que uma noção esclarecida de suas responsabilidades preside ao cidadão de tôdas as classes. Ninguém perde tempo nas horas de expediente, mas cada qual procura divertir-se da melhor maneira, quando é chegado o momento de fazê-lo. As lojas cerram suas portas no horário de almôço, emprestando, súbito, ao centro da cidade, um aspecto dominical. Quase tudo paralisa, mas tudo volta ao ritmo da manhã, adquirindo ainda maior vibração, no segundo expediente, que se prolonga até muito depois das sete da noite.

★

Deixamos o Rio na véspera de ser experimentado o novo serviço de trânsito, quando o major Geraldo Menezes Côrtes ultimava os preparativos para o seu «test» definitivo de trabalho. E também nos surpreendeu não encontrar, em Buenos Aires, sinais luminosos, nem complicações de tráfego. O cruzamento das ruas e avenidas, mesmo as de maior aglomeração, faz-se com a colaboração espontânea de pedestres e volantes. Em alguns dêles, instalaram-se palanques, relativamente altos, em que permanecem os inspetores orientando o serviço, com o simples manejo de braços e com ligeiros silvos de apito. Mas até nesses, o palanque mostra-se vasio na parte da manhã, quando o movimento ainda não se intensificou, e à noite, depois do «rush».

Convém salientar que os motoristas em Buenos Aires não se excedem na velocidade de seus carros: podemos, mesmo, garantir que nenhum veículo percorre o centro com velocidade superior a trinta-e-cinco, quarenta quilômetros por hora. E o direito do pedestre é respeitado, como tantas vêzes estamos observando. Talvez o cruzamento mais perigoso seja o das avenidas de Mayo e 9 de Julho, onde o pedestre tem de atravessar, sem nenhum auxílio de inspetor ou sinaleiro mecânico, uma distância comparada à da Avenida Presidente Vargas na altura da Praça da República. Nesse ponto, os carros surgem de tôdas as direções, e quem não tiver experiência da travessia, passará maus bocados. Entretanto, quando se decide a «meter a cara», surpreende-se: não é tão difícil como parece, chegar ao lado oposto, mesmo tendo de contornar os veículos surgidos, pela frente, de todos os lados. E' que os motoristas, nesta terra, não se julgam privilegiados, e vendo um pedestre atordoado moderam a marcha, deixando que êle siga o seu destino para depois retomar a velocidade primitiva.

★

Há muitas outras observações que estamos recolhendo nesta rápida visita à terra do bom-bife, do bom-teatro — e por que não acrescentar, também do bom-cinema? Cinema da terra, é claro. Porque os filmes norte-americanos, andam por aqui em atraso superior a cinco anos. Os cartazes em que êles se exibem, incluem reprises de velharias da estirpe de «Grande Hotel» e outros de igual época. Em compensação, o cinema argentino afirma-se uma pujança industrial de causar inveja a muitos outros povos. E acabamos de assistir a dois, cada qual mais bem recebido pelo público e pela crítica: «Marihuana», no Monumen-

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

tal — que é monumental de verdade, não só no título — e «Arrôs con leche», no Garn Rex. Gregorio Barrios está terminando as filmagens de «Ay que hermanita», nos estúdios novos da Mapol, em San Isidro — e agora de volta ao Rio, estamos convidados pela Pan-American para assistir, a bordo, o primeiro filme argentino-norte-americano, «Sangre Negro«, de que nos falam maravilhas.

Para compensar nossa vaidade de cidadão brasileiro, diga-se que um ator patrício aqui está representando em castelhano — e não é Odilon. Êsse regressou ao Brasil, como sabem. Trata-se de Luís Tito, a quem vamos ver, esta noite, fazendo o Júpiter do «Anfitrião 38», no Teatro do Instituto de Arte Moderna, na Calle Florida.

Mas, êsse é outro assunto para mais tarde.

OUTRA PRESENÇA

(Cont. do número anterior)

Deixou que Elma falasse e não se comoveu ante a sua ingênua alegria. Algo mais forte estava a impelí-la para a frente, para aquilo que sempre temera em situações normais. Olhava Elma e sentia-se fria para aquela ternura amiga, fria para velhos princípios, antigas convicções, para os próprios escrúpulos, até para a própria consciência. Tudo se afastava dela, tudo lhe fugia. Elma sua amiga, Elma quase irmã. Mas Elma, mulher de Hermano...

— Salve a nossa beldade! Como sempre, Edgar mandou-a só.. Edgar é pouco psicólogo...

Elma tratou de libertá-la:

— Papai, não torture Nilza hoje, sim? Deixe-a comigo...

E conduzindo-a pelo braço, prometia:

— Vou te entregar ao grupo das Buarque. Quero ver que cara hão de fazer para a tua elegância...

Deixou-se levar, trocou cumprimentos, conversou. Mas sempre ausente. O pensamento sintonizava Hermano...

Quando a viu de longe, deixou amigos, largou tudo, e veio até ela. Perguntou muito baixo:

— Por que demorou tanto? Para me fazer sofrer?

Devolveu-lhe o olhar decidida, a maldade a debruçar-se-lhe nos olhos, nos gestos mansos, no sorriso novo. E êle ainda:

— Ou... quem sabe... para se fazer mais desejada?

Com um movimento enigmático, retirou a mão dentre as dêle:

— Veja se adivinha...

Já Elma vinha prender-se ao braço do marido, alegre como sempre, naquela sua ingenuidade comunicativa:

— Hermano, vê se hoje consegues fazer Nilza dançar um pouco. Ela é sempre tão sòzinha, é bom que se divirta... Está muito bonita para ficar esquecida pelos cantos...

Hermano falou um «Está bem» meio contrafeito, como criança pilhada em flagrante travessura, e Nilza detestou a cegueira da amiga, sobretudo porque lhe facilitava a vitória.

— Não tenhas cuidado Elma. Hoje eu me sinto uma criatura nova, cheia de novas disposições também...

Os olhos de Hermano. O sorriso confiante de Elma:

— Bravos! Isso! Assim que eu gosto de te ouvir! Já são melhores falas, querida...

E logo, percebendo a animação de um grupo amigo:

— Vou dar o meu dedinho de prosa com a turma do comendador, preciso me apresentar sempre como uma boa anfitriã...

Mas ela se afastava, a voz de Hermano ainda velada!

— Que há contigo, Nilza? Que transformação foi essa assim de repente?... Confesso que não sei se devo me surpreender ou apenas... me encantar...

— Não digas que estás com medo...

— Medo?

Com um gesto compreensível atraiu-a docemente para o salão. E, ao tomá-la nos braços para o boléro que se iniciava, perguntou, à guisa de resposta, a pétala de seu ouvido:

— E agora... que acha?

Não respondeu, deixando-se arrebatar entre os outros pares como uma criatura nova. Por uma vontade intraduzível, desejava agora, ardentemente, tornar-se a mulher daquela conquista. Quando a música parou e foram encontrar Elma no bufete, ela lhes disse sorrindo, de passagem:

— Imagina, Nilva... Papai, como sempre malicioso, veio me alertar contra o teu fascínio... Garantiu-me que estavas pretendendo conquistar Hermano, imagina! Como se eu não te conhecesse desde pequena querida, não estivesse integrada dos teus sentimentos superiores...

Acompanhou o riso a contragôsto, sem saber bem por que começava a sofrer tanto, por que até o riso lhe doia nos lábios como coisa física. Quando Elma sumiu, apoiou-se ao balcão e cerrou os olhos. Então, subitamente reencontrou-se no escuro de si mesma, e a ternura envolvente de Hermano, o contacto daquela mão forte no seu braço, a atração poderosa da sua presença, tudo o que há pouco exercêra nela tanto fascínio, começava a despertá-la agora. Tentou arrancar-se ao enlêvo:

— Por favor, leve-me daqui...

— Mas... por que?

De sobrolho franzido êle a acompanhava. Explicou apenas:

— Quero respirar ar puro... Estou sufocada...

No terraço sentiu-lhe ainda a interrogação no olhar e se esquivou. As mãos de Hermano doiam em seus ombros. Recuou:

— Afinal, que há contigo, Nilza? Qual verdadeira explicação para êsse teu procedimento inesperado?

E logo, após uma pausa, baixinho:

— Elma?...

Não pôde responder-lhe. Aquelas mãos ávidas torturavam-na, sempre a procurá-la, a traí-la pelos ombros, pela cirtura. E de repente:

— Por favor, Nilza... não te tortures mais... Não sabes então que Elma nada mais representa para mim? Que estou decidido a tudo por ti?

Meneou a cabeça numa negativa aflita:

— Não, não, Hermano! Não me fales assim com a segurança dos que trazem a verdade em si! Tú não tens êsse direito, Hermano, não é justo... Convence-me antes de que estou errada, que isso não deve, não pode acontecer...

— Nilza querida, não te mortifique assim... Ninguém pode estabelecer leis ao coração... Elma compreenderá... sempre foi muito compreensiva...

— Mas não vês que não é possivel destruirmos fatos consumados? Não percebes que, para modificarmos nossos pontos de vista, nêsse sentido, seria preciso voltarmos ao princípio da nossa consciência, transformando a nossa estrutura íntima, para só então recomeçarmos por outro caminho?

Foi recuando, naquela clarividência assustadora:

— Não, Hermano, eu não poderia julgar corretas, exatas, de uma hora para outra, situações que sempre me pareceram abomináveis...

E, quando mais se arrancava do enlevo, maior era o seu desejo de reação agora. Deixou o terraço apressada, foi apanhando o abrigo. Elma se alarmava com a sua palidez, queria saber o que lhe tinha acontecido. Teve pena de Elma. Elma tão amiga, Elma quase irmã. Enterneceu-se ante a sua generosidade, comovida outra vez na própria essência:

— Não aconteceu nada, Elma. Tudo está perfeito aqui. Meu instinto materno é que me chama para Lucinha...

— Bem, contra um pressentimento materno nunca se deve insistir... Vai, Nilza, vai depressa... E que não seja nada...

Abraçaram-se. A festa dentro animada, e ela se libertando do olhar angustioso de Hermano, da traição contra Elma.

— Mamãezinha... Mamãezinha não vai simbola, não deixa Lucinha ota vez...

Largou o abrigo, foi abraçá-la A babá aflita contava:

— Ela acordou há meia hora, chorou o tempo todo de fazê dó, D. Nilza. Disse que a senhora tinha ido embora, deixado

(Cont. na pág. 50)



PERFUMARIA PAINEIRAS

RUA S. FRANCISCO XAVIER, 862 — EDIFICIO PRÓPRIO — Tel. 48-1823

PEDIDO PARA O INTERIOR

CASA FACHADA — M. CABRAL — PERFUMARIA LOPES

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

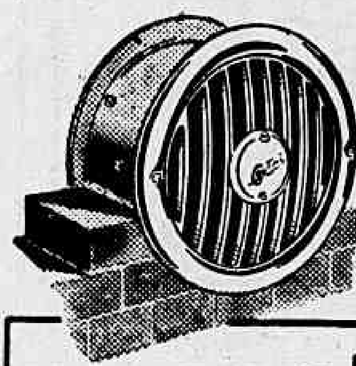
Princesa dos Cristais

SETE DE SETEMBRO, 97 e ASSEMBLÉIA, 90.

A 10 metros da Avenida

Veja a utilidade de um EXAUSTOR Contact

CALOR
CHEIRO DE FRITURAS
FUMAÇA
AR VICIADO
PAREDES ENCARDIDAS
DESCONFORTO



Mantém a cozinha confortável e auxilia a higiêne. É fácil de instalar mesmo em construções já concluidas – funcionamento silencioso. Consumo de energia igual ao de uma pequena lâmpada. Preço acessível. Instale também na sua cozinha um Exaustor Contact.

F. R. MOREIRA & CIA. LTDA.

Av. Rio Branco, 107/9 - Tel. 23-4444

A SAÚDE DO BEBÊ

PRÁTICA DOS LEITES EM PÓ

DR. SABOIA RIBEIRO

A MUDANÇA do leite materno para outro leite é sempre problema sério nos primeiros meses.

A substituição dêsse leite pelo leite de vaca envolve, incontestavelmente, o risco de uma infecção de origem alimentar, pois não é possivel discutir mais a franca poluição dos leites e portanto a origem simplesmente microbiana de muitas diarréas infantis.

Os leites em pó estão isentos dêsse perigo e se apresentam, naturalmente com os indicados para a substituição do leite materno, maxime quando fatores e circunstâncias diversos obrigam a lançar mão de outro alimento, no primeiro e mesmo segundo triméstre.

Segurança absoluta de se dispôr de um produto de reconhecida pureza, não se justificando o temor das infecções intestinais na criança, responsáveis por grande número de desordens nessa fase delicada da vida infantil.

Repitamos: o leite de vaca, devido à grande massa de germes que contém normalmente é na maioria das vezes um alimento perigoso para a criança nos primeiros meses, com sua mucosa intestinal ainda tão fàcilmente franqueavel pelos germes das infecções entericas.

Os leites em pó, além de sua incontestavel pureza microbiana, constituem um alimento de fácil conservação e manejo.

Tudo é saber prepará-lo em relação às necessidades da criança, quanto ao volume e consistência.

O que nós consideramos leite em pó é todo aquêle que, uma vez preparado, é pela sua composição química, igual ou ao leite de vaca ou ao materno.

Com o leite de vaca são frequentes as perturbações, às mais das vezes, de origem infecciosa.

Sempre que surgirem fezes com catarro, pús e sangue, ou diante de distúrbios que a boa orientação do regime não explica, sendo o leite de vaca, deve-se logo desconfiar da má qualidade do leite, e suspendê-lo substituindo pelos leites em pó.

As vezes serão as pastagens do gado a causa do mau leite. As pastagens muito tenras degeneram, às vezes, o leite, determinando aquêles distúrbios. Certas espécies de ração do gado estabulado (farelos, resíduos salgados, etc.) concorrem por sua sua vez para também tornar o leite ruim, aguando-o, enfraquecendo-o.

O leite em pó não é senão o leite de vaca total, colhido nas melhores condições e higiene, ao qual se retirou a água por processos especiais de evaporação.

O preparo das mamadeiras com o leite em pó não oferece nenhuma dificuldade.

Êsse preparo é fácil conseguir conhecendo, 1º a quantidade de leite que deve mamar a criança e 2º, a maneira de obter a concentração conveniente para a sua idade.

Hoje não mais se costuma dar, mesmo no início da lactação, leite ao terço ou quarto, porém ao **meio**, ou aos **dois terços** (duas partes leite e uma parte água).

Até o 3º mês dar-se-á o leite ao meio; do 4º ao 6º, leite ao terço; do 6º em diante, leite integral.

Com os leites em pó, essas diferentes diluições são obtidas, respectivamente, com 2, 3 e 4 colheres de chá bem cheias do pó, para cada 100 gramas de liquido.

A quantidade dêste é regulada de acôrdo com cada triméstre:

1º triméstre — 100 gramas; 2º, 150 gramas; 3º, 180.

A criança, assim, mamará ao dia:

No primeiro triméstre, 600 grs. (6 mamadeiras de 100 grs.); no segundo, 900 grs. (6 m. de 150) e no terceiro, também 900 (5 de 180).

Devemos observar, aqui, duas coisas: que a água nunca deixará de **ser fervida**, e melhor, filtrada e fervida.

Que o leite deverá ser sempre engrossado com uma farinha, à razão de 1 colher de chá para 100 de liquida. Mesma quantidade de açucar, posto no ato de dar a mamadeira.

Hoje, com efeito, não se dá o leite sòmente acrescida de gua e açucar; é obrigatória, sempre, a adição de farinhas, cuja presença, no leite, torna mais digerivel a mistura.

Então se cosinha 5 minutos, a farinha, a fogo brando, numa parte da água e junta-se ao pó desmanchado na outra parte da água. Adoça-se, e agita-se tudo vivamente na própria mamadeira.

Com a evaporação às vezês a quantidade do volume da mamadeira diminui, e então iguala-se pondo mais água.

Nada, portanto, mais simples do que preparar as mamadeiras. Daremos alguns exemplos:

Uma criança está com 75 dias (1º triméstre):

Leite em pó ......, 2c. de chá bem cheias.

Água 100 gramas.

— Mais farinha e açucar 1c. de chá bem cheia, de cada.

Como, nêste caso, a criança já está muito perto do 2º triméstre, o pó será um tanto aumentado (2 c. e meia, por exemplo) e água (120 mais ou menos).

Outro exemplo:

Uma criança está com 160 dias (2º triméstre):

Leite em pó 4 1/2 c. de chá bem cheias.

Água 150 gramas.

— Mais farinha e açucar 1 1/2 colher de chá, de cada.

Nêste segundo exemplo a criança está no fim do triméstre; as quantidades do pó e da água podem ser naturalmente aumentadas.

Como temos ensinado, partindo do alimento bem preparado a criança não apresenta desordens nutritivas, salvo a ocorrência de fatores constitucionais ou infecções pegadas ou veiculadas pelo próprio leite.

Cresce, assim, sadia e feliz. Os remédios quase nada têm o que fazer, pois como já conceituou um médico famoso, a cozinha é a melhor farmácia da criança, e cozinha aqui significa o alimento correto e sadio, capaz de garantir o bom desenvolvimento da criança.

CORRESPONDÊNCIA DAS MAES

N.S. — Nesta — Desconfio que o leite

Mães carinhosas... e previdentes

confirmam com orgulho:

para as crianças do Brasil

só o TÔNICO INFANTIL



Tudo que o delicado organismo infantil exige no período de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do TÔNICO INFANTIL! Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: TÔNICO INFANTIL!

O único de fórmula especial para crianças

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SAO PAULO
Secção Especializada para Guarda de Títulos e Valores
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

é que está entretendo a diarréa. Dê mamadeiras feitas assim:

Leite em pó, 4 colheres de chá rasas.

Água filtrada e fervida, 80 gramas.

A parte faça mingau com creme de arroz em 80 gramas de água, cozinhando 5 minutos a fogo brando **uma e meia** colher de chá da farinha. Adoce com 1 e meia colher de chá de açucar ao pôr na mamadeira. Horário de 3 em 3 horas até os 6 meses, quando deverá iniciar as **sopinhas**.

A.L. — Campos — Há doenças que não podem esperar. Deve quanto antes procurar o oculista.

F.G. — Colatina — Criança sempre com o nariz tapado como que eternamente constipado é grandemente suspeita de sífilis.

Qualquer demora no tratamento pode trazer consequências funestas, inclusive a deformação do próprio nariz, pelo desmoronamento da sua estrutura óssea e cartilaginosa, «nariz em sela».

NOTA — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê, dirigir à REVISTA DA SEMANA, com menção desta secção, ou seja, SAÚDE DO BEBÊ, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio.

A VIDA DE ELIZABETH...

(Cont. do número anterior)

E foi precisamente assim que êle reagiu quando sua filha resolveu o caso por sua própria conta e embarcou para a Itália como Mrs. Elizabeth Barrett Browning.

— Minha filha agora está enterrada — comentou sêcamente. — Esqueçamos a morte.

IV

Uma nova felicidade para Elizabeth. E uma velha tristeza. A sombra do despotismo do pai acompanhava-a aonde quer que ela fôsse. Antes dela se casar era a constante importunação dele que a angustiava; e agora era o seu constante silêncio. Por várias vêzes escreveu-lhe, pedindo perdão. Mas nunca uma lavra em resposta.

Todavia, sua ventura fazia-a de tempos em tempos esquecer seu pesar. Browning jamais a deixava por um momento sequer. Ela se achava bastante bem, agora, a ponto de poder caminhar; não obstante, seu marido-poeta insistia em carregá-la para o andar de cima pelo puro prazer de a ter como carga. Tinham-se fixado em Pisa por algum tempo, a fim de folgarem num descuidado abandono, os três: Elizabeth, Robert e Flush. Uma trinca de perdidos vagabundos. Inteiramente reconciliado com Browning, o cachorro adotara o estado de espírito malandro de seu dono e sua dona. Saía para aventuras pelas ruas de Pisa, fraternizava com os cachorros italianos, e voltava cheio de caprichos e pulgas. Elizabeth e Browning instalavam-se então no assoalho com uma bacia de água e o esfregavam e penteavam e abafavam com uma avalanche de mimos e repreensões e risos. Uma longa temporada de repouso livre de preocupações. Nem deveres domésticos nem inquietações financeiras; tinham um rendimento anual de cêrca de 400 libras, mais do que suficiente para o seu programa de vagabundagem. As refeições eram mandadas de um restaurante próximo: ovos e café para o pequeno almoço, tordos e chianti para o almôço, café e pãezinhos de leite na janta, e umas uvas e castanhas assadas às nove da noite. E Flush tinha seu carneiro assado, seu queijo-creme salgado e seus macrons açucarados. E assim viviam êles, "o profeta Elias ou os lírios do campo pouco se preocupavam com o seu jantar".

Tal atmosfera em que era cunhado o ouro da poesia deles. Uma manhã ela introduziu no bôlso do marido uma coleçãozinha de quarenta e quatro sonetos de amor.

— Peço-te que não os leias antes de eu sair do quarto.

Êle percorreu os poemas com o olhar. Revelações íntimas de uma inválida moribunda chamada de novo à vida. A vitódia do Amor sôbre a Morte.

"Adivinha só quem te agarra agora?"
"A Morte", disse eu. Mas então eis
Que a resposta argentina replicou:
"Não a Morte, não... mas o Amor, o Amor!"

A história do renascimento de Elizabeth. A renúncia ao Paraíso pela felicidade aqui nêste mundo.

Por tua causa renuncio ao jazigo,
E troco minha doce visão do Céu
Por esta vida na terra contigo!

Êle leu os sonetos de novo. Jorros sentimentais de um coração transbordante. Escritos sòmente para os olhos dele. No entanto, havia nêles um sentido universal. Representava o triunfo do amor para todos os amantes. Existia ali um tesouro não apenas para êle mas para o mundo. Êle não tinha o direito de os guardar só para si.

A princípio ela não queria ouvir falar da publicação deles.

— Êsses poemas devem ser um segrêdo nosso. Como nossas cartas.

— Mas êles são os mais lindos sonetos desde Shakespeare, querida!

— Bobagem. Tu os sobrestimas como sobrestimas a mim.

Robert argumentou, salientou as excelências dos poemas, lembrou insistentemente a ela o dever de os fazer partilhados também pelos seus semelhantes.

— Não tens mais direito de amealhar teu gênio do que de amealhar teu dinheiro.

Afinal a persuadiu.

— A vontade do Céu é que os nossos dons sejam comunicados.

Muito bem; ela distribuiria o ouro cunhado em seu coração entre os amantes do mundo. Mas não como uma emoção pessoal, e sim como uma impessoal filosofia. Afinal de contas, não se dissesca o coração para que os amigos o contemplem. Era disfaçar os poemas em forma de tradução de uma língua estrangeira. "*Sonnets from the Bosnian* (1). Não repercutiria bem?" Ninguém conhecia o bosníaco, de modo que ninguém adivinharia o segrêdo dela. Mas Robert sugeriu um título melhor: *Sonnets from the Portuguese* (2). O público pensará que os sonetos foram escritos por Catarina a Camões, e não por Elizabeth a Robert".

E *Sonnets from the Portuguese* foi o título com que êsses poemas líricos se publicaram. "Uma das mais primorosas traduções na história da literatura!" exclamaram os críticos, tinham razão. Essa série de sonetos é de fato uma das mais primorosas traduções do fogo divino em palavras humanas. Porque representa a única unidade permanente na instável diversidade das coisas: "O Amor que vive da Vida que desaparece".

V

De Pisa foram para Florença; e de Florença para os montes de Vallombrosa, onde acharam abertos com ar celeste e biscoitos que sabiam a serragem. Ali, embora o pão "trancasse na garganta como o amém de Macbeth", teriam permanecido vários meses gozando da paisagem montanhesa. O abade de Vallombrosa, porém, fê-los sair ao cabo de cinco dias. Os frades daquele "mosteiro das sombras" temiam que pudessem ser contaminados pela presença de Elizabeth e sua criada. Aquêles frades aborreciam três coisas: cachorros, porcos e mulheres. "E as mulheres são os mais detestáveis animais deles todos... E' preferível limpar um chiqueiro com as próprias mãos, sem auxílio de pá, do que tocar no dedo duma mulher".

Elizabeth recebeu o insulto com a mais jovial das disposições. "Fomos expulsos do Eden", escreveu ela; "pois Milton não se valeu de Vallombrosa para a sua descrição do Paraíso?" Retornaram a Florença. "O que Florença é, a linguagem do homem ou do poeta dificilmente poderá descrever. A mais bela das cidades, como o áureo Arno transpassando-lhe o seio como uma seta..."

Lá, nos frescos aposentos do Palazzo Guidi, êles atingiram o auge da sua felicidade. Nasceralhes um filho, exatamente três dias após o quadragésimo aniversário natalício de Elizabeth. Um robusto pimpôlho, com dobras de graxa. "Excessivamente forte", dizia Elizabeth sorridente, "para parecer que é meu filho".

No seu filhinho Elizabeth hauriu novas fôrças. Não mais ficava estirada no canapé esperando passivamente que a atendessem e servissem. Pelo contrário, era ela agora o membro impaciente da família. "Vamos nos mexer e aproveitar o tempo!" Excursões a Bagni di Lucca, a Spezzia, às rochas marmóreas de Carrara. Escaladas pelos caminhos montanhosos em dorso de burro. Viagens a Veneza, Milão, Genebra, Paris. E, finalmente, um pulo a Londres num esfôrço para se reconciliar com o pai.

Repetidas vêzes ela lhe escrevera, mas sempre sem resultado. Contava-lhe como seu filho Wiedemann — chamavam-no *Penini*, que era a forma resultante das suas tentativas de pronunciar o próprio nome — corria com Flush para apanhar objetos que seus pais rolavam pelo assoalho. "Êste nosso marotinho está sempre disposto a travessuras, derrama a água das vasilhas até ficar ensopado, (o que o encanta), faz a vassoura em pedaços, e tem sérios desígnios de cortar suas roupas com uma tesoura. Ri feito um diabinho quando consegue fazer alguma coisa que não é direito".

(1) Sonetos do Bosníaco.
(2) Sonetos do Português.

(Cont. no próximo número)

"Diga quando chega"
...E FOI AÍ QUE A LÂMPADA QUEIMOU!
Valeu a lição... Na próxima vez exigirei Lâmpadas PHILIPS!
MAIS LUZ
MENOS CONSUMO
PHILIPS
LÂMPADAS PHILIPS
INCANDESCENTES • FLUORESCENTES
ERWIN WASEY

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON
Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio
BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....
Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

DESODORIZE
O SUOR SEM
PREJUDICAR
A SAÚDE
ANADORAN tem um total efeito desodorante sôbre o suor e não impede a transpiração. Não mancha os tecidos, por mais delicados que sejam. Ideal para axilas e pés.
ANADORAN
SEREIA
o desodorante perfeito
Pedidos à Perfumaria Sereia Ltda.
República Perú, 326 - Rio
Sino



quando se encontra no armário uma roupa roída pelas baratas ou traças.

Seja inteligente... Espalhe nas gavetas e nas malas NEOCID em pó, que não deixa manchas, nem cheiro.

Use a lata grande — a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmin — Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
F. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitziko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narciso N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Pretx. Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escândalo — Super ...	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super.	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	90,00
Souppless LF	50,00	70,00	90,00
Biarritz LF	50,00	70,00	90,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	90,00
Arabesque LF	60,00	80,00	100,00
Heno del Campo LF ...	60,00	80,00	100,00
Casino LF	60,00	80,00	100,00
Violette Feuilles LF ...	85,00	105,00	125,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	125,00
Champagne LF	60,00	80,00	100,00
Despesas Reembolso ..	9,00	9,00	9,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A Feira das Essências

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

OUTRA PRESENÇA

(Cont. da pág. 47)

ela sòzinha... Decerto sonhou um sonho mau...

Nilza concordava tomando a menina no colo:

— Está bem, Angélica, pode ir dormir. Eu acomodo minha filha.

Já Lucinha acalmava, porém os olhos inchados não se afastavam da porta:

— Mamãe, por que tu fugiu da Lucinha?

— Não fugi, queridinha. Fui a uma festa e já estou de volta, ouviste?

Os soluços se espassavam e Lucinha contava agora:

— Lucinha acodou, mamãe tava ali no escuro, olhando. Lucinha chamou mamãe foi saindo, não abriu a porta.

Tratou de tranqüilizá-la:

— Lucinha viu mamãe, sim. Foi mamãe. Lucinha chorou, mamãe foi embora, subiu subiu, ficou como fumaça de cigarro do papai... Lucinha teve medo...

Aconchegou mais a filha nos braços, fez que dormisse aninhada em seu colo.

— Dorme, filhinha. Agora não precisa mais chorar, mamãe não brinca mais assim, nunca mais. Tudo passou. Mamãe é uma só, não sai mais de perto da queridinha... nem do papai...

Beijou na testinha, pôs a pequena na cama, insuflada de uma fôrça nova, cheia outra vez, daquela mesma certeza que sempre tivera das coisas. Ouviu o relógio grande soar horas na sala de jantar e pensou que Edgar não tardaria. Então encostou a porta devagar e foi esperá-lo no saguão, respirando com prazer o ar de fora. Agora já a noite não podia lhe fazer mal. Acabara de se libertar pela fôrça da própria renúncia.

GENTE DE RÁDIO...

(Cont. da pág. 16)

sua espôsa dona Stella Caymmi — «... e eu que vim matar saudade... vou de saudade morrendo.»

★

De todos os cantores brasileiros de música tropical antilhana, Ruy Rey é quem possui o cartaz mais cotado. E não é para menos, pois tem vibração na voz e calor no ritmo. Quando começou a cantar não havia no Brasil essa multidão de cantores hispânicos que se vê hoje. Ao gravar os seus primeiros discos, arrancou aplausos de admiração de inúmeros fãs.

Ruy Rey tem a sua orquestra própria e característica, com invejável aceitação nos salões de bailes e no programa César de Alencar, na Rádio Nacional.

Ruy Rey, ou melhor, Domingos Zeminian (seu nome de batismo), nasceu em São Paulo a 4 de janeiro de 1916. E' casado com dona Letícia Zeminian. Está no rol dos que só tem um filho, a galante Marília, de 5 anos de idade.

★

José Maria Scassa é o nome do popular comentarista esportivo que todos nós admiramos. Forma ao lado dos casais com três filhos, que são: Maria da Conceição, de 6 anos; José Carlos, de 5; e Maria Regina, de 1 ano e 10 meses. Sua espôsa, dona Zoê Scassa, contou-nos que quando o marido está fazendo os seus populares comentários esportivos, os garotos sentam-se no soalho, encostam o ouvido na radiovitrola e assim ficam a escutar o pai.

★

E já que estamos falando de esporte, vem a propósito agora, Ary Barroso — o maior locutor esportivo brasileiro.

No Brasil não se pode falar em futebol sem pensar **incontinente** em Ary Barroso. E' um sincero entusiasta do esporte, além de locutor, compositor, **pianista, teólogo**, vereador, jornalista, advogado e maestro.

Entre Ary Barroso e a fama havia uma escada. E essa escada longa e sinuosa foi galgada degrau por degrau. Hoje, após vários anos de intensa luta, êle se encontra no pináculo da **glória**.

Dus suas grandes realizações destacamos o seu veterano programa «Calouros em Desfile», na Rádio Tupi; irradiações dos jogos de futebol, com microfone instalado na cancha; irradiações do Campeonato Mundial na Europa; viagem a Hollywood, especialmente contratado, para compor músicas especiais para filmes americanos, etc. Ao divulgar as suas músicas, Ary Barroso divulga também o Brasil, coisa que nenhuma embaixada diplomática conseguiu consubstanciar, apesar de onerosa para o erário.

As suas grandes composições, como «Aquarela do Brasil», «Na Baixa do Sapateiro», «Maria», «Rancho Fundo» e outras, são calcadas num profundo espírito de brasilidade. Enfim, para descrever a sua vida, a sua luta e os seus sucessos, seria necessário um volumoso livro. O que aqui vai é apenas um bosquejo, ou melhor, um fragmento de sua vida tão preciosa e do seu talento tão singular.

Ary Barroso é casado com dona Ivone Arantes Barroso. Tem um casal de filhos: Mariuza Barroso, de 16 anos, e Flávio Rubens Barroso, de 19 anos.

★

Paulo Gracindo — comandante supremo dos grandes programas — começou ganhando 200 cruzeiros... Atualmente — dizem — ganha 100 mil cruzeiros por mês. Parece que voltará para a Nacional.

Visitou a Europa e os Estados Unidos para estudar «in loco» a evolução do rádio. E' bacharel, poeta, radioator, locutor, animador, organizador e produtor de programas, sendo mais notável o Rádio-Sequência G-3».

E' casado com dona Dulce Gracindo e tem 2 filhos: Epaminondas, de 7 anos, e Lenora, uma bonita menina de 3 anos de idade.

★

Paulo Tapajós Gomes nasceu a 20 de outubro de 1913, no Distrito Federal. Começou a trabalhar no rádio em junho de 1928, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, cantando canções populares com seus irmãos Haroldo e Oswaldo.

Gravou os primeiros discos em 1932, na Columbia, obtendo marcantes sucessos com «Louro ou Morena» e «Canção da Noite», melodias que marcaram o início da carreira da dupla Irmãos Tapajós, pôsto que por essa ocasião seu irmão Oswaldo havia se afastado do microfone.

Trabalhou na Rádio Tupi como diretor artístico durante muito anos. Atualmente é diretor artístico da Rádio Nacional. Suas atividades têm sido dedicadas ao rádio, quase que exclusivamente, desde 1928, embora haja sido desenhista da Aeronáutica e da Companhia Siderúrgica Nacional, nas horas vagas.

E' um radialista completo. Ocupando lugar de destaque e responsabilidade na Rádio Nacional, é considerado pelos seus pares e comandados não um chefe mas um amigo. E em recente plebiscito que se fêz naquela emissora, a fim de saber qual o elemento mais simpático, foi apontado como sendo — **a simpatia em pessoa**. Razão que levou a diretoria de certo Laboratório a oferecer-lhe um automóvel.

★

Sua espôsa chama-se Norma Tapajós Gomes. Têm três filhos: Maurício, Paulo e Dorinha. Os dois primeiros têm, respectivamente, 6 e 5 anos; e Dorinha é recém-nascida, contando apenas 2 meses de vida.

★

Finalmente, chegamos ao último casal com filhos — Floriano Faissal e dona Elvira Coelho Faissal. Só tem uma filha, que é a pianista Deniza Faissal.

Floriano Faissal nasceu no Rio de Janeiro a 20 de fevereiro de 1907. Desde garôto demonstrou irresistível vocação para a vida teatral. E era dominado pela curiosidade de desvendar o processo das realizações de atores, autores, cenógrafos e músicos.

A seu respeito assim se externara Alfredo Silva — o grande cômico desaparecido há alguns anos: «Menino, você irá longe e muito irá fazer pela vida teatral carioca». E acertou. Pois Floriano Faissal muito tem feito e muito fará pela vida teatral, não só do Rio como também do Brasil.

Atualmente, é o diretor do rário-teatro da Rádio Nacional. E' jornalista, autor teatral e presidente do Sindicato dos Atores Teatrais, Cenógrafos e Cenotécnicos do Rio de Janeiro.

★

Agora chegou a vez dos solteirões cobiçados. E Humberto Teixeira é um dêles. Conta mais de 30 anos. E' advogado e compositor de renome. Foi, juntamente com Luís Gonzaga, o introdutor do baião. Vive num mundo à parte, isolado de tudo e de todos... compondo as suas músicas. Mas... também quando a lavadeira falta, êle deixa a caneta, tira o anel de grau, e pega no ferro de passar roupa. E' isso mesmo... ou casa ou suporta...

★

— «Chega... já não suporto mais» — dizia Manoel Barcelos quando chegávamos ao seu apartamento, em Copacabana. Essa história de estar cuidando de tudo na cozinha já não me está agradando... Vou casar... Vou casar ainda êste ano — sabem? — repetia para o seu compadre Paulo Gracindo e o locutor Raul Brunini, da Rádio Globo — que também é figura do mesmo naipe, isto é, solteirão, cobiçado.

★

Tomamos um aperitivo com os solteirões... e partimos. Fomos ao apartamento de Ivan Cury, que fica na Avenida Atlântica. Fazia pena ver o homem praguejar... A empregada havia faltado e tudo estava em desordem. Desenganado de esperar, o cantor tirou o paletó de pijama e meteu mãos à obra. Lavou a louça, encerou a casa, fêz o café... mas, finalmente, exausto, exclamou: «Vocês não reparem, não; estou sòzinho... acho que o jeito é casar... não aguento mais...»

— E' isos mesmo, sr. Ivan — disse o fotógrafo, que é casado — para cuidar dessas coisas não há como as «patroas»...

★

O último solteirão que visitamos foi Manoel Monteiro. Nossa visita foi matinal. Encontramo-lo a fazer a cama. Interrogado se sentia falta de uma espôsa, declarou-nos que não, acrescentando: — «Qual... Nem sempre as mulheres fazem falta. Antes sòzinho do que mal acompanhado. Eu, hein?! Casar, pois sim!...»

Manoel Monteiro nasceu na aldeia de Cimbres, no Concelho de Armar, diocese de Lamego, distrito de Vizeu, província da Beira Alta, Portugal, a 15 de maio de 1909.

Com 14 anos incompletos embarcou para o Brasil. Começou a cantar na Rádio Educadora.

Tem atuado em várias emissoras cariocas, destacando-se a extinta Rádio Philips, Guanabara, Tamoio, Nacional e Vera-Cruz, onde continua.

Indubitàvelmente, Manoel Monteiro é um fiel intérprete das canções portuguêsas, cujas letras, cheias de poesia e ternura, retratam bem o sentimento daquele povo irmão.

A VIDA DE JANE ADDAMS

(Cont. da pág. 34)

cou que sofrem de uma dupla fome: material e estética. Em vista disso, preparou em Hull House uma sopa popular e uma galeria de arte. E apesar de suas ricas amigas que mofavam das suas idéias "quixotescas", ela não ficou surprêsa ao ver que sua galeria de arte era mais popular do que a sua sopa. Não fôra apenas à procura de pão que os refugiados europeus tinham vindo à América.

V

Os "párias da civilização" de Chicago retribuíram a Jane Addams com a mais alta deferência. Receberam-na na sua "fechada" sociedade proletária. Ela era da roda deles, artigo genuíno, uma boa amiga.

Paulatinamente a pequena mansão de Halsted Street transformou-se num centro de iniciativas úteis à coletividade. A idéia de um programa de boa amizade espalhou-se por outras cidades. Instituições similares de americanismo internacional surgiram por todo o país. Estabelecimentos onde se cultivava a amizade. Salas de diversão, salas de trabalho, salas de estudo, funcionando como cadinhos onde o coração humano se abrandava numa compreensão mais fraterna. Se ao menos as várias raças pudessem se entender mùtuamente, não haveria ódios nem guerras". Jane Addams concebeu o "atrevido" projeto de explicar umas raças às outras. E isso levou a um incidente divertido e de bons resultados. Uma noite as mulheres irlandesas convidaram as italianas para uma recepção. "Mas as italianas", escreve Miss Addms, "eram quase orientais nos seus hábitos. Ficaram em casa e mandaram os maridos... A Junta de Extensão Social das irlandesas entrou na sala de visitas e a encontrou ocupada por filas de operários italianos. Estavam prontas a se "estenderem socialmente", mas o caso é que se embaraçaram quanto ao que fazer". Por sorte os italianos tinham um desenvolto senso de humor. Agiram de modo a substituir as espôsas no trato amável das suas anfitriãs irlandesas. "Em infatigáveis pares dançaram a tarantela, a fascinante dança nacional deles, cantaram canções napolitanas, um deles realizou algumas dessas maravilhosas prestidigitações... e todos saborearam polidamente os "curiosos" petiscos irlandeses".

(Cont. no próximo número)



No Rádio de CURITIBA, 75,7% dos ouvintes de Rádio são da

RÁDIO GUAIRACÁ

Sim senhor, isto é o que se chama estar com a faca e o queijo na mão!

Recente pesquiza de audiência levada a efeito em Curitiba, demonstrou que a ZYM 5, Rádio Sociedade Guairacá, possue 75,7% dos ouvintes da importante capital do Paraná.

Não para aí a influência e a preferência da ZYM 5, pois seus 10 Kw. de potência levam seus excelentes programas a todo êsse Estado sulino. E tal é a soma de seus serviços radiofônicos e o conceito de suas opiniões, que em S. Paulo e outros Estados, embora em menor intensidade, conta também a ZYM 5 numerosos e assíduos ouvintes.

Curitiba é hoje uma das mais importantes capitais brasileiras, cujo desenvolvimento em rítmo acelerado, tem suas bases na sólida prosperidade da produção e exuberância das terras de todo Estado.

Por essas razões, a Rádio Guairacá põe ao seu alcance milhões de consumidores numa das mais ricas regiões do país.

Representantes no Rio de Janeiro «SEURADICO» — Rua do México, 41 Fones: 32-1086 e 32-0356

CABELOS CURTOS: SINÔNIMO DA JUVENTUDE

(Cont. da pág. 33)

«Cabelos curtos» — disse-nos Raymund — «são sinônimo de juventude». Os cabelos podem ser ao mesmo tempo, muito femininos, muito elegantes, muito bem tratados e penteados, porém devem ser no máximo possível o «natural». As cores naturais do cabelo sempre foram e serão as mais apreciáveis.

«Como chegou a moda dos cabelos curtos ao ponto em que se encontra atualmente?» — perguntei-lhe.

— «Os cabeleireiros ficariam contentes se soubessem que para que os cabelos ficassem sempre curtos como estão agora, seria necessário que as mulheres visitassem mais frequentemente os seus salões de beleza!

OVOS PARA «SHAMPOO» E MASSAGENS FACIAIS

Pela primeira vez em dez anos, depois do racionamento, os ovos são encontrados em todos os armazens ou lojas da cidade. Muitas mulheres estão tirando enormes vantagens com êsse suprimento, pois que abarrotam suas dispensas de ovos, os quais serão usados para massagens faciais.

Há poucos dias, uma senhora comprou-nos meia dúzia dêles para entregá-los ao cabeleireiro com o objetivo de ser feito um «shampoo»!

Há um salão de cabeleireiro, por exemplo, que faz suas massagens faciais, com frutas e vegetais frescos!

A MOEDA E A CÉDULA

(Cont. da pág. 26)

— "Enquanto eu sou a nata, tu és a escória dos valôres monetários, por isso, não podemos viver juntas.

— "Sou, de fato, a escória dos valôres, ando entre as mãos dos operários, frequento as "gafieiras", só utilizo nos meus transportes o bagageiro, mas guardo comigo momentos de inigualável ventura.

— "Que venturas podes ter se, como confessas, vives entre gente pobre, em lugares suspeitos e viajas entre caixotes, malas, sem teres nunca a satisfação de ti assentares nas almofadas macías de um Buick ou mesmo de um Mercury?

— "A minha ventura não está, como tu julgas, na exteriorização de luxos ou na convivência entre gente fina, e nem mesmo nos veludos macíos que ornamentam os ricos automóveis, mas no prazer e na satisfação que posso dar àqueles que em me trocando, podem obter um pedaço de felicidade ou um retalho de ilusão.

— "Não me interessa, podes crêr, saber dos sentimentos de quem me possúi. Eu, na altura em que me encontro, estou à cavaleiro das misérias em que vive a humanidade, só sentindo a meu lado os estálidos gostosos das Cédulas de grandes valôres e vendo, quase sempre, o luzir maravilhoso do ouro. Vivo nas bolsas perfumadas das damas elegantes e nas carteiras dos milionários, os quais só me trocam por essências parisienses, lingeries com bordados da ilha da Madeira, sapatos de sola dupla e sapatinhos Luiz XV.

— "Pobre de ti, Cédula orgulhosa, cujo destino é inglório e não vale a ventura de viver por um momento, apertada como eu, nas mãos calosas do operário ou no bolso roto do mendigo. E' doce, é confortador sentir-se pegada com amor, com carinho, pelas mãos das viúvas pobres ou pelos desprotegidos da sorte, sentindo ao meu contacto pulsar o coração daquelas e dêstes no antegoso supremo do que podem comprar por meu intermédio.

— "Comigo, — prosseguiu a Cédula — andam os magnatas da indústria e do comércio, tendo sempre para mim atenções especiais, pois, guardam-me em carteiras de couro da Rússia, ou em bolsas pequeninas e perfumadas as senhoras da alta sociedade.

— "E ao meu lado?" — retrucou a Moeda — vivem as crianças com os seus claros e eternos sorrisos, com as suas doces ilusões, deixando-me sòmente em troca de bombons, balas, balões multicores e doces gostosos — pequenas coisas que constituem o encanto dêsses pedacinhos de gente que são o eterno encanto da vida.

— "Mira-te bem num espêlho — continuou a falar, já irritada a Cédula — e sentirá a tua triste figura, amarelecida, azinhavrada e trazendo nas faces os estigmas todos da decrepitude, enquanto eu, bem conservada, ainda trago comigo o brilho da mocidade estampado nos belos desenhos que ornamentam ambos os meus lados, gostando os meus possuidores de ouvirem o ruído caracteristico que faço ao ser desdobrada. Eu sou enfim, a meta, a beleza, a aspiração e o desejo de tôda a humanidade!

— "Pobre Cédula! Tenho pena da tua presunção. A côr que em mim vês, e o meu aspecto de velhice, constituem o atestado mais claro e eloquente de que eu sirvo a maior número de sêres do que tu; passo de mão em mão, e em cada uma, ao calor da sua epiderme, eu vivo em tôda a plenitude dos sentimentos a própria vida daqueles que por momentos me possuem.

— "O meu destino, Moeda desprezível, é privilegiado, pois, se alguem se descuidar ao pegar-me, quando o vento sopra, eu crio asas, e como um pássaro leve, colorido, vou voando em balanços cadenciados pela amplidão do espaço...

— "Com tudo isso, mais feliz do que tu eu me julgo, Cédula pretenciosa, pois, a matéria de que sou feita, embora sendo algo mais pesado e portanto mais concreto, tem significação mais real e mais profunda, saindo do seio quente e generoso da terra, mas, não é por isso que eu deixo de andar voando pelo espaço como tu, cujo vôo efémero acaba sempre de encontro ao solo. O meu passeio pelo espaço tem mais vida, e se processa continuamente, eternamente, pois, êle se faz de mão em mão, de bolso em bolso, ouvindo os agradecimentos daqueles que por esmola me solicitam e sempre embalada pelo sorriso amigo das crianças.

— "Tu és mesquinha e feia, Moeda. Tão ínfima e tão sem valor, que se rolares das mãos de teu dono, se não perderes dentro do esgôto, a lama das enxurradas acabará te escondendo sob a terra. Eu, não! O meu possuidor tudo fará para me possuir novamente, se porventura chegar a cair alguma vez de suas mãos.

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nosso exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:
GALERIA SÃO PEDRO
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

— "Chega de pretensão! — tiniu asperamente a Moeda — Mesmo que eu fique sob a terra, estarei intrínseca e extrinsecamente existindo, podendo um dia ser encontrada.

— "E eu? Nada disso me acontecerá, porque sempre estou bem guardada e o meu valor, se porventura for perdida, compensará o sacrifício que o meu dono fará para ser de novo encontrada.

Tu? Pobre coitada! Se te perderes, e se não fores logo encontrada, a primeira chuva que cair se incumbirá de tornar-te em bagaço, convertendo-te em farrapo sem nenhum valor, até que as tuas partículas desapareçam entre o lixo, no meio do pó das estradas ou na lama escura das ruas.

★

— Olha o nosso bonde! E é o último! — gritou o rapaz de óculos para o velho, seu companheiro.

Sairam, correndo, os dois estranhos freguezes do Café, deixando sôbre o mármore da mesinha aquela mesma moeda de um cruzeiro para pagar a pequena despesa.

Chamei o garção, paguei também a minha despesa e, por coincidência, recebi de troco a mesma moeda deixada pelos dois freguezes daquele singular diálogo. Andei um pouco pela rua, até alcançar o ponto dos ônibus e fui pensando de que na palestra arquitetada, e por mim indiscretamente ouvida, havia muita coisa de verdade.

Chegou o meu ônibus. Tomei um dos lugares vagos. E quando procurei trocar o dinheiro para pagar a passagem, por um impulso estranho ou por um sentimento que não sei bem definir, não quis dar ao trocador aquela moeda de cruzeiro. Apertando-a na minha mão, parecia-me que segurava algo de vivo, palpitante, quente e, ilusão, verdade ou delírio, senti chegarem aos meus ouvidos, como se saissem daquela moeda que tinha na mão, num tinido suave, humilde e quase choroso, as seguintes palavras:

— "Não tenho razão? A minha vida não é mais venturosa e mais alegre do que a vida daquela Cédula orgulhosa?"

O ônibus parou. Desci. Estava à porta de minha casa.

MACUMBA

(Cont. da pág. 20)

em desagravo aos santos. Êle nem cismou, que vaqueiro quando tem de fazer as coisas não esquenta lugar. Saiu furando caminho até o candomblé. Ficou de longe, detrás de um pé de genipapo, de ôlho no ambiente. O baticum estava enfezado, a cantoria sem parar. Pai Cipião no centro do terreiro, parecia fincado no solo. Uma fogueira crepitava aos seus pés. O feiticeiro tinha as feições paradas, a cara sulcada de rugas feitas na labuta de muitas sêcas. Os músculos criados no trabalho escravo, agora caidos em pelanca pelo corpo. A velhice pesava no cogote mas êle mantinha ainda posição respeitosa. Os "ogans" entroncados, pele retinta espelhando o fogo, pareciam figuras esculpidas na noite. As "feitas" vestiam chita estampada cobrindo o corpo do umbigo para baixo. Colares de contas multicores ocultavam os seios desnudos das negrinhas. Outras usavam um pano vermelho amarrado no busto.

No altar, estava a imagem de Nanã, a deusa da chuva. Ao lado, um bode prêto esperava sacrifício. Tinha um talho em cruz feito a faca, bem no meio do peito. Marcava o ponto de sangria, logo que a deusa baixasse. Afastado do terreiro, deixaram "ebós" para Exu. Puseram acassá, cachaça, sangue de galo e amalá, para o deus do malcomer, não atrapalhar o ritual no corpo de uma "feita".

De repente, a pancadaria buliu no corpo de uma jovem, que desandou a dançar em tôrno da fogueira. O suor escorria grosso, pingando na terra sêca. Pai de santo, de ôlho duro num ponto do espaço, não arredava a cabeça para os meneios da negrinha. Era uma crioula bonita, de ancas rebolantes, seios firmes e ponteagudos, furando o pano que os envolvia. Pulava de um lado para outro por cima da fogueira sem se queimar. As nádegas giravam rápidas desligadas do resto do corpo. Cipião puxou cantiga saudando Oxalá velho, Oxulafã — o maior de todos os santos. A assistência cantava em côro numa onomatopéia do ruido das contas.

Omirô, uoron, uoron, uoron, omirô!

Na sua lingua estranha, pai Cipião estava pedindo ao maior dos orixás, a vinda de Nanã, porque seus filhos sofrem muito e não podem esperar o dia sagrado da santa. Estavam reunidos para pedir conselho aos orixás, receber clemência à ira da santa.

Queriam chuva para nascer a plantação, água para molhar a garganta sêca. Falava que tinha "embê": bode, obi e galinha, para ofertar à santa:

O côro iniciou nova cantiga convidando a encarnação da deusa da chuva:

Bu-bu-bu-bu faz chover ô Nanã, ê êê Anamburucu!

O santo reverenciou três vêzes pai Cipião. A batucada aumentava e a negrinha vergou nas pernas se debatendo no chão, sem parar. O vestido se alevantou e todo mundo meteu ôlho num naco de coxa que aparecia sob a saia de chita.

(Cont. no próximo número)





ALBERTO RIBEIRO

Querido astro do rádio, do cinema e do teatro de Portugal. Considerado pela crítica como o maior intérprete lírico da alma lusitana, Alberto Ribeiro vêm brilhando nas «Grandes Audições Palhinha», ao microfone da Rádio Bandeirante.

★



DOIS AUTÊNTICOS ASTROS

Francisco Alves, que mantém ainda o título de «Rei da Voz», e Alberto Ribeiro, famoso tenor português, abraçam-se cordialmente. Ambos vêm empolgando os ouvintes paulistas com suas extraordinárias audições na PRH-9.

DESFILE DE GRANDES ATRAÇÕES N



TITULARES DO RÍTMO

O mais harmonioso conjunto vocal do país e um dos grandes cartazes exclusivos da mais popular emissora paulista.

★



DALVA DE OLIVEIRA

Outro grande cartaz que vem atuando com raro brilho na «mais popular emissora paulista». Sua esplêndida voz, aliada a uma interpretação personalíssima, tornaram-na um dos ídolos do rádio brasileiro. No clichê, flagrante da estréia da querida artista, no instante em que lhe eram ofertadas diversas «corbeilles» de flôres.





FERNANDO ALBERTO

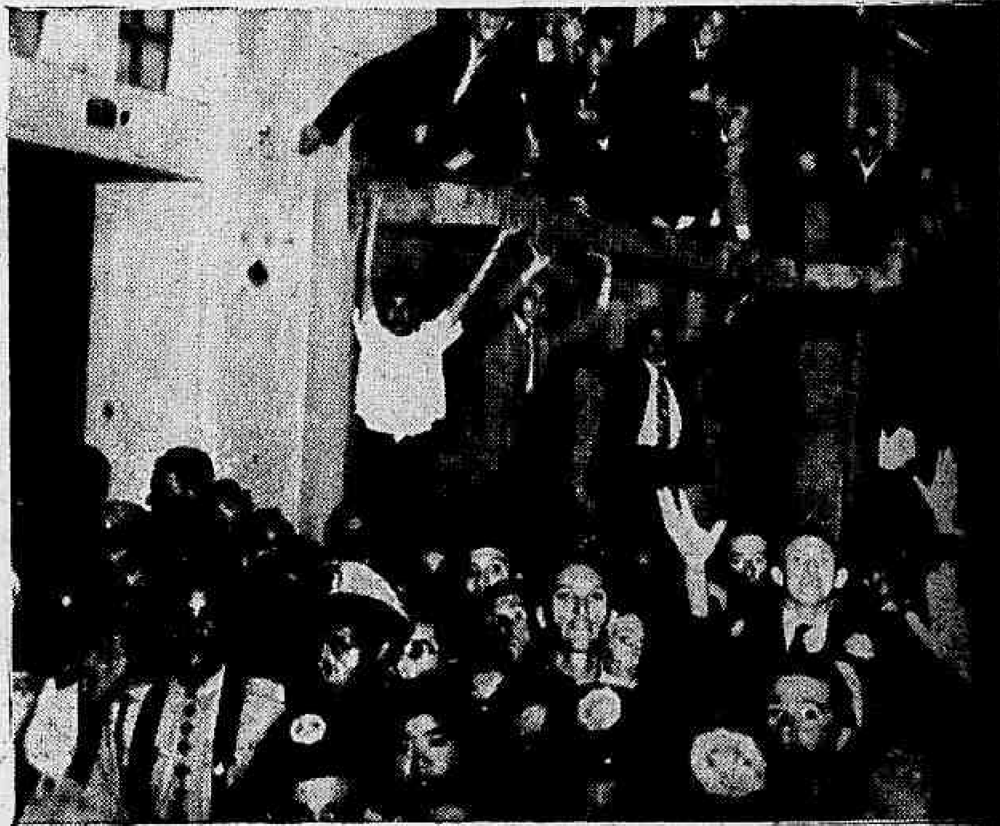
Um nome que se destaca no homogêneo «cast» de rádio-teatro da Bandeirantes. Embora jovem, é um nome que já conquistou a simpatia unânime de todos os rádio-ouvintes paulistas.



CARLOS GALHARDO

Um cantor que dispensa quaisquer comentários, graças ao seu inconteste valor artístico. Carlos Galhardo têm feito afluir ao auditório da Bandeirante, onde vêm realizando uma brilhante temporada, grande massa de ouvintes, ansiosos por aplaudí-lo.

ÕES NA RÁDIO BANDEIRANTES



VERDADEIRA CONSAGRAÇÃO

O auditório da PRH-9 foi pequeno para contér a enorme massa de admiradores de Dalva de Oliveira e Carlos Galhardo, numa noite em que coincidiram as audições dos famosos expoentes do rádio nacional. A foto acima diz bem da consagração que lhes foi tributada.





O setor de reportagens da Rádio Bandeirantes está entregue ao atilado «repórter dos furos sensacionais», JOSÉ CARLOS DE MORAES. E' o famoso Tico-Tico, como o chamam, na intimidade, os dois lideres populistas Ademar e Getúlio. Não é um locutor, na simples acepção do têrmo, é um reporter original e um radialista de mão cheia. Na campanha presidencial da República e estadual de São Paulo, o irrequieto, incansavel e ubiquo Tico-Tico comandou a famosa «Rêde da Democracia», presente a todos os comícios paulistas. Na fotografia, o mais recente «furo» político de José Carlos de Moraes, quando em São Pedro, na estância do sr. Batista Luzardo, como único repórter presente ao histórico encontro dos dois chefes populistas, comentava com ambos alguns pitorêscos episódios da campanha.

SURPRESAS DE UM CASAMENTO



Momentos depois estava eu no ôlho da rua com um cheque relativo a duas semanas de salário! Agora que estava sem emprêgo, comecei a meditar na vida. Eu nada havia dito sôbre o meu casamento a Mr. Burks. De início, ccmeti um êrro com o casamento; agora, entrava num incêndio.

















Lembrei-me de dizer a Ted que havia perdido o meu emprêgo. Êle parecia estar muito contente. Disse-me que tinha uma surprêsa para mim; mas desejava descansar um pouco antes. Mais tarde trouxe o meu jantar, com muita ternura. Sòmente então percebi que tinha sido muito estúpida.





No próximo número: A NOIVA QUE NÃO QUERIA CASAR

O DRAMA DE UMA JOVEM QUE SE VIA CERCADA DE TANTOS PRETENDENTES QUE NÃO SABIA ESCOLHER.

Tudo isto aconteceu

SÁBIOS E DESCONHECIDOS



FLEMING, o famoso cientista que descobriu a penicilina, o medicamento que tem salvado milhões de pessoas de morte certa, não vive pelos cafés, nem joga futebol, nem tão pouco costuma aparecer em estúdios de emissoras. E' um homem de ciência. Leva a vida ocupado com pesquisas e experiências em seu laboratório. Por êsse motivo não é conhecido nos meios populares. Sua fotografia, mui raramente sai em jornais ou revistas. Ninguém tem idéia de como seja êle. Alto, baixo, gordo, magro, feio, bonito, veste bem ou veste mal? E' um verdadeiro sábio. Dedica-se à humanidade, e esta lhe dá em troca a sua admiração. Mas Fleming não aparece em público, nem provoca sensacionismos. Êsse fato lhe trouxe certo embaraço na Itália. Tendo sido convidado de honra num banquete promovido pelos membros de um Congresso Científico, em Roma, dirigiu-se para lá, com a mesma despreocupação com que se dirige todos os dias ao seu laboratório. Mas, como em tais casos há sempre um porteiro com ordem de só deixar entrar aos que estiverem munidos de ingressos ou convites oficiais, sucedeu que Fleming se esqueceu de levar o seu «passe». Chegando à entrada do edifício onde se realizava o banquete em sua honra, foi entrando calmamente, quando os seus passos foram detidos pelo porteiro, que lhe pediu o convite. O sábio respondeu que não o trouxera. «Então... nada feito. O senhor não pode entrar». O cientista já ia retirar-se, humildemente, quando um outro colega o avistou e veio de lá de braços abertos: «Fleming!» O porteiro ficou a coçar o queixo. Quem seria êsse Fleming, tão importante que entrava sem convite?...

LADRÕES DE CIRCO



ESTA é mesmo de circo. Pappiyage Samapole Perris é um cidadão natural do Ceilão, que se dedica a domar feras. Um tigre de Bengala, dêsses de belas listras amarelas em fundo negro, é café pequeno diante de seu chicote que estala como se fosse um traque chinês. Papiyage é franzino. Sua fôrça está na técnica de amansar feras e levá-las aos trabalhos circenses. Tem seu emprêgo no circo «Buffalo-Bill», ora armado nas proximidades da Praça Onze. Aconteceu, porém, que uns ex-empregados do circo, ouvindo dizer que o domador possuia em certo móvel de seu camarim, uma bolada de 50 mil cruzeiros em dólares, libras esterlinas e outras moedas, acertaram um plano para eliminá-lo e embolsar os cobres. Então os três assaltantes combinaram o programa: um o envolvia em forte cobertor, tapando-lhe o rosto para não vêr quem cometia o delito; o segundo, munido de cordas, amarraria o pobre Pappiyage se êste oferecesse resistência, enquanto o último vibraria no crânio da vítima a pancada mortal com uma barra de ferro. Feito isto, iriam diretos ao local da «gaita» e, em seguida, dividiriam os proventos do crime. Tudo pronto, como estavam trabalhando no circo, tinham franco igresso ali. Aproveitando-se do silêncio da noite, foram aos aposentos do domador. Estava dormingo ótimo. Mas, como sono de domador é de uma sutileza incrível, êle despertou com os primeiros ruidos em tôrno. Vendo os três estranhos naquela atitude de quem vai atacar, Pappiyage agiu com presteza e, com uma ponta-pé certeiro pôs um fora de combate. Os outros, surpreendidos, fugiram. O domador, habituado a vencer pânteras, livrou-de de feras muito piores...



CADA LOUCO TEM SUA MANIA, lá diz o ditado. E é verdade, Em Paris, no nosocômio de Sant'Ana, para malucos de vários graus, há um internado que não se ocupa de construir aparêlhos para «motu-contínuo», ou para descobrir a quadratura do círculo. O que êle faz é escrever uma carta de amor à sua ramorada. A missiva de amor já se estende por cento e quarenta metros, como podemos vêr desta «exposição» sempre arrumadinha pelas bondosas irmãs que atendem o louco. Se fosse poeta, talvez que deixasse à posteridade uns «planghs» suaves como os dos cancioneiros de D. Denis. Mas com êle é só prosa...



BRINCADEIRA QUE CURA CEFALEIAS é êste aparelho rotor, iventado em Hamburgo por um engenheiro daquela cidade. Trata-se de gigantesco tambor de paredes fortes e espessas, com uma velocidade sôbre seu eixo fixo, de 23 rotações por minuto. Quando a velocidade está no auge, o pavimento em que se firmavam os seus ocupantes se abaixa automàticamente e todos os que se divertem ficam suspensos, equilibrados contra a parede, sob a pressão do próprio corpo. As vezes há alguns que perdem o equilíbrio, sentindo o «chão fugir-lhes dos pés», mas não caem lá em baixo. Isso foi construido a título de diversão; mas, segundo dizem os médicos, também serve para curar dôres de cabeça...



ÊSTE RAPAZ VESTIDO A CARÁTER é o campeão de prestidigitação na Inglaterra; glória proclamada por todos os seus colegas no Congresso britânico levado a efeito recentemente em Harrogate, naquêle país. Chama-se o jovem Louis Martella, ex-operário de uma aciaria da cidade de Sheffield, onde ganhava o salário de sete esterlinos por semana. Muito hábil em truques de prestidigitação, chegou a criar alguns que são sensacionais e que nenhum outro profissional consegue realizar. Um dêles é êste exemplo de fôrça de gravidade, absolutamente seu. Diante dos resultados obtidos, Martelle, depois de muito «martelar» sôbre o caminho que devia seguir, resolveu-se pelo da arte de prestidigitação, tornando-se profissional.



TODO MUNDO JÁ OUVIU FALAR no «Big Ben», o famoso relógio da torre do edifício do Palmaneot britânico Com o rádio de ondas curtas, a certas horas os rádio-ouvintes escutam o soar do bronze do grande marcador de tempo. De quando em quando os operários vão limpá-lo externamente, dar-lhe brilho, retirando a poeira que se acumula em suas curvas e sôbre horas, minutos, ponteiros, etc. Aquí vemos uma dêssas tarefas. Cinco operários trabalhando para a conservação do enorme relógio, que tem marcado tôdas as horas mais importantes da História Inglêsa dêsses últimos séculos. O Mostrador mede oito metros de diâmetro, e o ponteiro dos minutos, quatro de comprimento. Como vemos, não serve para o punho, nem mesmo de um «homem de pulsos»...



COMO PODEREMOS ALCANÇAR A FELICIDADE ?

Nada mais fácil leitor: faça como esta família de Tony, (o cavalheiro que está à direita), proprietário de conhecido restaurante em Manhattan, Nova York. Todos os dias, êle, a espôsa e os dois filhos, ficam assim de pernas para o ar. Diz êle, secundado pela família, que isso é uma prática «Yogi», o que completa cantando tôda a aria de «O Toureador» da Carmen, com sua poderosa voz de baixo. Acha o Tony e os de sua família que êsse exercício serve para manter a saúde e traz felicidades... Não sabemos se o Tony e família receberiam visitas nessa posição estranha; mas, para conservar a saude e manter felicidade, qualquer um fará isso, embora que os visitantes corressem de medo...

BANHO DE MAR IMPROVISADO

DULCE Maria dos Santos é uma linda moça de Salvador, na Bahia, empregada no comércio local. Um dia trocou olhares com o colega de profissão de nome José Oliveira Pastoral, e nasceu dêsse relâmpago de simpatia um amor de desintegrar os átomos. Às noites de luar, êles iam gozar as delícias do aconchego e da ternura, sentados nas alvas areias da praia de Pituba, embalados pelo farfalhar das palmas dos coqueiros e cercados pelo maravilhoso cenário da praia deslumbrante. Juravam amor imortal. Mas, como esta vida tem surprêsas terríveis, uma noite o amigo Pastoral fêz-lhe esta tremenda confissão: "Dulce, querida! Eu tenho uma companheira e filhos menores". Não se pode descrever o horror que se estampou no semblante da amada. Ficou trêmula de desgôsto, chorou de cortar o coração, mas era a pura verdade. José Oliveira Pastoral já era pastor de outros rebanhos... Desesperada, Dulce resolveu pôr fim àquele drama. Ergueu-se e, vestida como estava, correu para as ondas numa tarde de mar revôlto e foi encontrar-se com a morte. Repetia, assim, a tragédia passional de Moema, a índia que se enamorara pelo guerreiro branco e que seguira a nau lusitana barra a fora, nadando até perder as fôrças e ser tragada pelas ondas... Mas, Dulce Maria dos Santos, quando viu



a coisa feia, mudou de idéia e também de rumo. Em lugar de entregar-se aos tubarões de Pituba, aproveitou a maré e aproou para Amaralina, justamente onde se ergue um bar encantador. O rapaz, que já reunira gente e jangadeiros para salvá-la, respirou ao perceber que sua Dulce se arrependera e, por fim, se salvara. Então se abraçaram, trocaram beijos de amor e mestre Pastoral fêz as pazes com a Dulce que continua a *amargar* com um amor complicado...



O ORIGINAL NÃO CONFERIU

HAVIA na Itália uma jovem que desejava casar-se com um homem que reunisse os predicados físicos e morais de seus sonhos. Isso é, aliás, ideal de qualquer moça, tanto lá da Itália, como de qualquer outro país. Um belo dia alguém lhe falou que, em Buenos Aires havia um patrício seu também desejoso de convolar núpcias com uma senhorita italiana que reunisse qualidades para uma escolha acertada. O Correio internacional aproximou os dois noivos em potencial. Ela escreveu ao rapaz e o rapaz à "ragazza", e ficaram comprometidos. Mas, para que a coisa chegasse a bom têrmo, ela exigiu que êle lhe enviasse um retrato tipo postal, em meio corpo, a fim de examiná-lo mais demoradamente e resolver. O jovem italiano de Buenos Aires não se fêz de rogado. Nada mais fácil, e êle estava certo de que ia tontear a gorôta com o seu belo aspecto de imigrante bem apessoado e já senhor de boas economias. Remeteu-lhe o "documento" de sua existência física e aguardou o resultado. O assunto já estava a tornar-se um romance encantador, com amôres à distância, como faziam príncipes e princesas antes do aeroplano e da televisão. Noiva através de fotografias! Isso na metade do século XX, com aviões a jato e emprêsas



que se preparam para viagens interplanetárias! Como é encantador êsse enlêvo de dois corações que se amam com o Atlântico e o Mediterrâneo no meio! Afinal, um dia, chegou a moça a Buenos Aires; mas... decepção. Achou-o tão diferente do retrato que desfez o contrato e não quer nem vê-lo. E o mandou fotografar-se!



O HÁBITO FAZ O MONGE

AS primeiras ordens religiosas se dedicavam, quase que exclusivamente, à caridade. Os mosteiros viviam cheios de peregrinos. A instituição do seguro de vida nasceu também nas comunidades religiosas. Um frade metido em sua estamenha, a peregrinar pelo mundo cristão era uma pessoa que infundia respeito. Daí o ditado: "O hábito faz o monge". Vestir um dêsses hábitos era ser monge, e, como ser monge era ter vida respeitável e garantida, muitos espertalhões passaram a usar os trajes dos claustros e aproveitar a boa-fé dos crédulos. Mas as ordens religiosas têm sua maneira de identificar os malandros, de maneira que não é muito fácil manter-se nessa vidinha de ludibriar o povo, um embusteiro qualquer. Os casos de simulação religiosa ainda surgem, mesmo em cidades do porte do Rio de Janeiro. No dia 5 dêste mês, uma senhora residente na rua Benjamin Constant, ali na Glória, mesmo ao lado do Palácio do Arcebispo, desconfiando da legitimidade de um frade franciscano que andava a vender fotografias do Papa a trôco de "algum", chamou a Rádio-Patrulha, que deteve o "religioso". Êste não deu nenhuma demonstração de que estava nervoso. Manteve-se naquela tradicional humildade e se deixou



prender. Chamado para identificá-lo, o Diretor-Geral da Ordem no Rio, Frei Eugênio, fêz-lhe êste duas perguntas, às quais não soube responder o "religioso" franciscano. Resultado: cadeia. Diante do delegado explicou o "monge" que herdara o hábito de um outro espertalhão que ganhara uma fortuna e voltara para a Itália. Êle também estava indo muito bem, com uns 4 mil cruzeiros no bôlso. Não era um frade; era uma *fraude*...

FOME DE ELEFANTE



ESTÔMAGO de elefante não é brincadeira. Dizem que um dêsses bichos adultos é capaz de devorar uma quitanda bem sortida e depois, como sobremesa, ingerir um barril de chope e vinte cachos de banana. Não sabemos se isso é exato; mas, pelo volume estomacal do elefante e a extensão da tromba, o caso é para acreditar e não fazer cálculos ou entrar em meditações filosóficas. No Jardim Zoológico da Quinta da Boa-Vista há dêsses animais. Que cada um procure saber do zelador quanto come e quanto bebe, diàriamente, um elefante adulto. E' uma coisa fabulosa. Até parece que o bicho não tem estômago e a caixa de comidas abrange todo o diâmetro daquele barrigão descomunal. Essa conversa vem a propósito do que acaba de acontecer em Barcelona, na Espanha. Um sr. Gomez, sócio da firma Gomez & Gomez, havia discutido numa tarde sôbre a capacidade deglutidora dos elefantes e achara que tudo o que se dizia dêles não passava de fantasia. Não era mesmo possivel que um estômago pudesse suportar tamanhas cargas de alimentos e de liquidos. Mas o nosso pensador não teve muito que esperar. Estavam armando um circo em sua cidade. Uma bela manhã, quando os artistas circenses passavam com três elefantes pela rua onde eram estabelecidos os Gomez, seguidos de vários curiosos e muitos garotos, os animais pararam diante do armazém Gomez & Gomez. Pararam, olharam a tabuleta e pensaram: Gomez & Gomez deve ser Comes & Comes; Comes & Comes significa comidas e comidas. Entraram no armazem e devoraram tudo. E' provável que, de agora por diante o sr. Gomez esteja convencido de que almôço de elefante não é café pequeno...



RESSUREIÇÃO



FUNCIONÁRIOS do Hospital Columbia informaram que uma mulher "morreu" durante uma operação de parto e foi novamente ressuscitada depois de ter passado dez minutos no outro mundo. As autoridades médicas declararam acreditar que é êste o primeiro caso na história da medicina em que uma pessoa volta à vida depois de haver cessado a respiração e as batidas do coração durante um periodo tão longo. Informaram que o fato ocorreu na semana passada, quando era a referida senhora submetida a uma operação cesariana. Dizem que, tanto a mãe como a criança estão passando bem. Os três médicos que assistiram a mulher afirmaram que tôdas as provas médicas conhecidas indicavam que a mulher havia mesmo "morrido". E acrescentaram: "A paciente estava morta e voltou a viver. E' assombroso". Entrando em maiores detalhes, os clinicos disseram ainda que, já tendo constatado que a parturiente estava morta, passaram a dedicar atenção à criança recém-nascida, a fim de salvar-lhe a vida. Admitiram que a mulher voltou à vida, mais por milagre do que pelos esforços externos. Seria interessante saber dela como se foi nesse vestíbulo do "outro mundo". Qual seria sua impressão? Vira alguma coisa? Êsses casos não são, porém, raros. De quando em quando surgem episódios idênticos. Não faz muito, o professor Binet, perante a Academia de Ciências de Paris, apresentou dois casos de ressurreição de individuos "mortos". Um, passou sete minutos; outro, vinte-e-um! Foi o recordista. O processo de recuperação da vida foi por meio de massagens no coração, após a abertura do peritônio.



DOENÇA DAS PEDRAS



NESTE mundo sucede cada uma! Pois não é que descobriram agora uma moléstia de caráter mortal que está atacando as pedras da catedral de Notre Dame de Paris? Desconfiando-se do pó que se desprendia de vários lugares da catedral, técnicos foram examinar de perto e chegaram a esta conclusão alarmante: as pedras que sustentam a imensa arquitetura da famosa nave estavam atacadas de uma doença mortal. Que mal seria êsse? O caruncho? O cupim? Formigas destruidoras e capazes de devorar granito? Depois de muito estudar chegaram à conclusão de que as pedras de Notre Dame estavam atacadas de "câncer". Câncer nas pedras! Biològicamente, isso é imposivel. Sòmente em corpos orgânicos poderia desenvolver-se um ninho de micróbios dessa natureza. A pedra é um composto de vários elementos minerais inorgânicos, sem qualquer principio de vida. E, como nem não vive não pode morrer, é claro que o micróbio do câncer não poderia jamais atingir uma pedra. Entretanto, como êste mundo anda mesmo de pernas para o ar e tudo saindo das trilhas tradicionais, o câncer também já passou a atacar as pedras, sem mesmo respeitar a sua categoria sagrada. O sintoma é êste: ao menor sôpro do vento saem das cavidades graníticas uns pózinhos inocentes. Mas, nesses pózinhos vão levados pela aragem ou pelas ventanias, bilhões de micróbios perfeitamente treinados para atacar outras pedras. O caso é de meter mêdo. A Notre Dame de Paris é uma jóia da arquitetura do mundo. Os engenheiros estão tratando de deter o mal. E fazemos votos para que o consigam. Imaginem que calamidade se êsse câncer desse aqui em nosso Pão-de-Açúcar!



PELA PRIMEIRA VEZ a princezinha Ana, de Inglaterra, aparece numa fotografia para a imprensa. Seu nome é Elisabeth Alice Luísa, nascida a 15 de agosto, em Londres, e se deixou fotografar quando completava um mês de vida. Tanto a princesa Elisabeth, sua mãe, como o duque Felipe de Edinburgo, seu pai, têm vontade que a família cresça até seis filhos. No mesmo dia em que foi fotografada a princesinha, a princesa Elisabeth seguiu para Balmoral, na Escócia, em companhia do espôso e dos filhos, Carlos e Ana.





A ENFERMEIRA SHIRLEY TEMPLE

ESTAS são as mais recentes fotos da antiga menina-prodígio mas tiradas na vida real. Afastada do cinema e tendo obtido seu divórcio de John Agar, depois de quatro anos de aparente felicidade matrimonial, Shirley é agora enfermeira voluntária no Hospital Ortopédico de Los Angeles (Estado Unidos). Sua obrigação consiste em medicar e engessar, acompanhar a evolução da temperatura e principalmente distraír as crianças que ali se encontram imobilizadas por qualquer acidente. Na gravura ao alto, Shirley folheia um livro de historietas para a menina Mary Ruth Gomez, que nessa dolorosa posição deve permanecer durante quatro meses. Em baixo, distraíndo e servindo o mingau matutino à pequena Gail Sherman, também com um braço engessado. Nestas atribuições, das quais não aufere o menor lucro material, Shirley Temple vai passando o tempo, distraíndo também a sua tristeza, ela que não tem sido nada feliz no amor, enquanto se refaz para novos embates. Quanto a cinema, não entra em suas cogitações momentaneamente: — "Parece que a melhor fase da minha carreira deu-se enquanto não tomei conhecimento exato da vida" — costuma dizer. E ainda menos se preocupa com novos casos sentimentais. Ela que foi uma criança privilegiada e famosa, tenta ainda, embora sob outro aspecto, levar um pouco de consôlo e alegria às outras crianças. Mas longe da tela — e sem pensar no amor.



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Casais sem filhos (Abdias Rodrigues)
Fenômenos espíritas ou naturais?
O Dias das Nações Unidas
Sete dias em Buenos Aires (Celestino Silveira)

LITERATURA

O sino do Pôrto da Paz (Renato de Alencar)
Semana Literária (Edmundo Lys)
Macumba (G. de Carlino Freire)
A moeda e a cédula (Mar Nunes)
A vida de Jane Adams (Henry - Dana Lee Thomas)

ATUALIDADES

A enfermeira Shirley Temple

HUMORISMO

Os deslocados das urnas (Theo)
Lamour (Nássara)
Bom Humor

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista
Personagem da Semana
Puxe pelo Cérebro
Palavras Cruzadas
Correio da Revista
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)
Tudo isto acontece

MODAS

Cabelos curtos
Saias e blusas
Modelos de Joan Crawford
Para as férias
Para a praia
Modelos Sóbrios
Renda
De Hollywood
Week-End na Cozinha

FOLHETIM

Surprêsas de um casamento 54

ILUSTRAÇÃO

M. Queiroz

BONECOS

Rafael

FOTOS

Walter Morgado — Celestino Silveira — Ipa — Avulsas

★

NA CAPA:

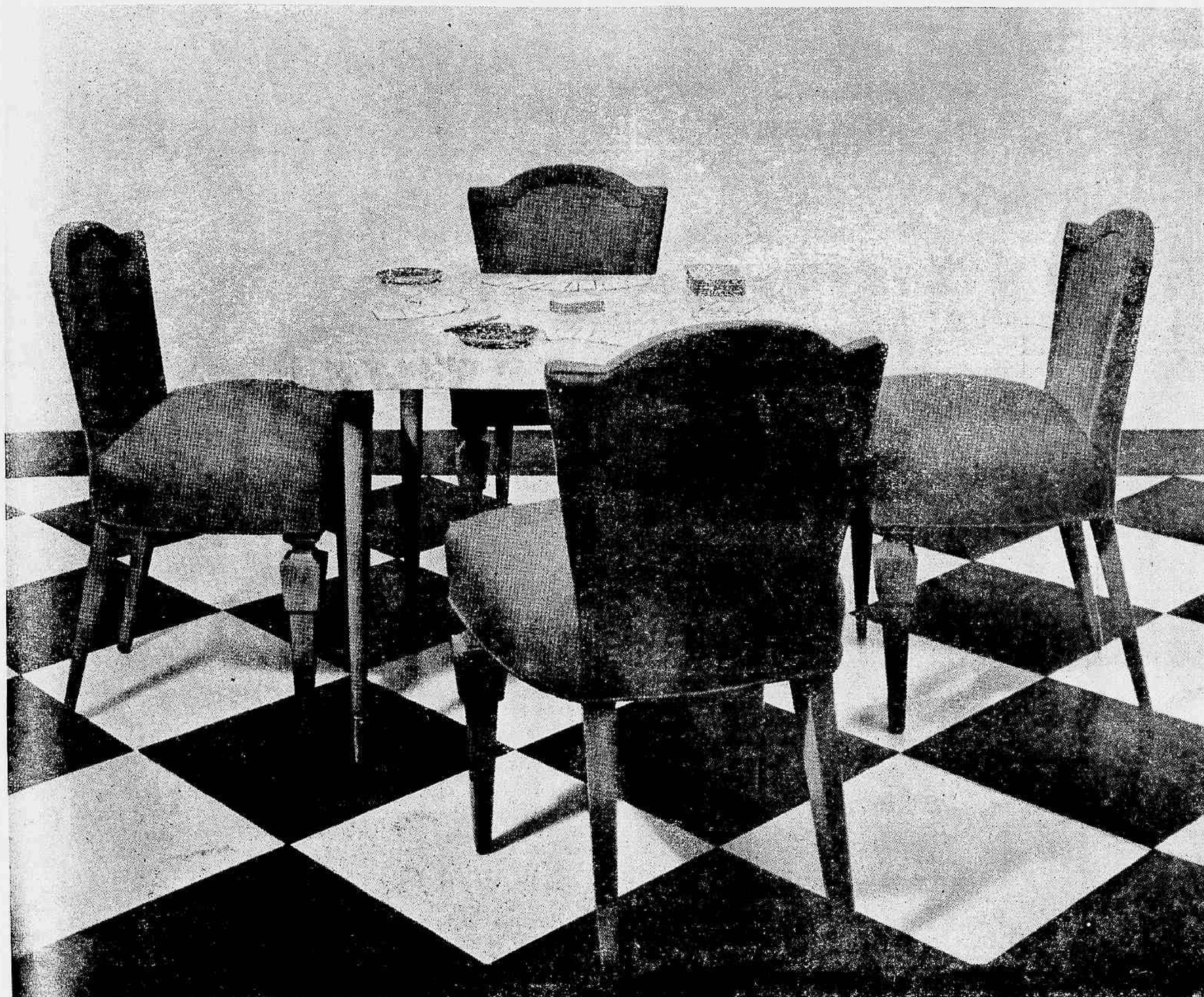
VALERIE TREVOR

(Foto Keystone)

Respostas ao teste

1—Cefalópode
2—O que já passou
3—Transitivo
4—Um peixe
5—Na água
6—Filhote de sapo ou rã
7—Mamífero
8—O que não tem cauda
9—O monte Mac Kinley (6.2.. mts. no Alasca)
10—Nas grandes Antilhas
11—2.000.000 de quilômetros quadrados
12—Chicago
13—Reno
14—O Volga (3.900 quilômetros)
15—8.500
16—24.2.1891
17—Duas (Justiça, interinamente e a da Fazenda)
18—Antônio Francisco Lisboa
19—O Maranhão («O Conciliador» em 10.11.1821)
20—Carmelita.

MOBILIÁRIOS ⋆ DECORAÇÕES



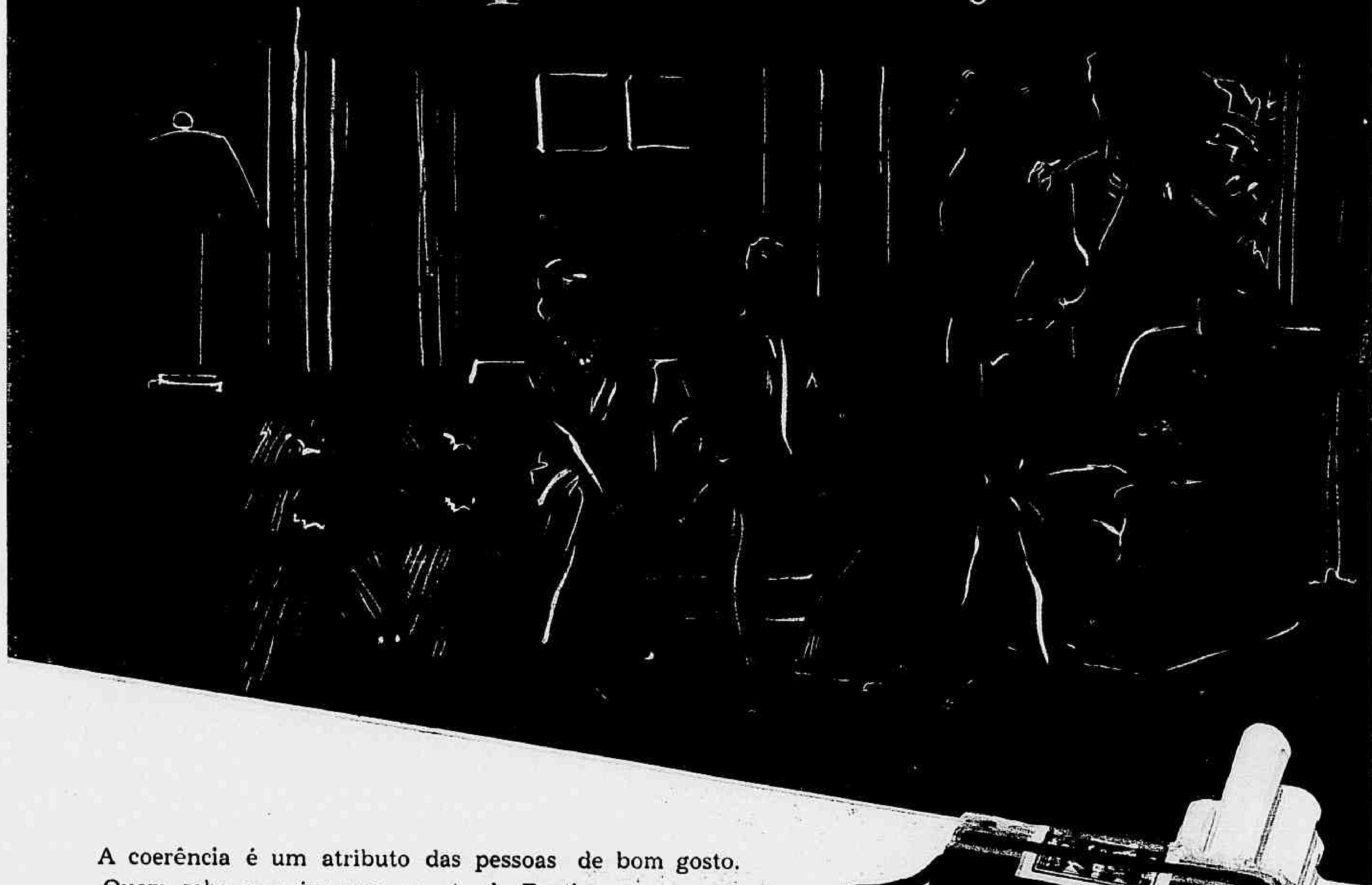
ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR
TÉCNICOS-DECORADORES

TAPETES E PASSADEIRAS

DE FORRAÇÃO, LISOS E COM FLORES,
EM TODOS OS DESENHOS E CÔRES



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



A coerência é um atributo das pessoas de bom gosto. Quem sabe apreciar uma sonata de Beethoven, um prelúdio de Debussy, também dá valor a um bom cigarro... Por isso Hollywood é hoje uma tradição da sociedade brasileira. Tabacos finos, rigorosamente escolhidos, harmoniosamente combinados, deram a Hollywood esta posição ímpar. Hoje, Hollywood conta com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas — e você, como pessoa de bom gosto, também aprecia Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

H-88.066

um produto SOUZA CRUZ